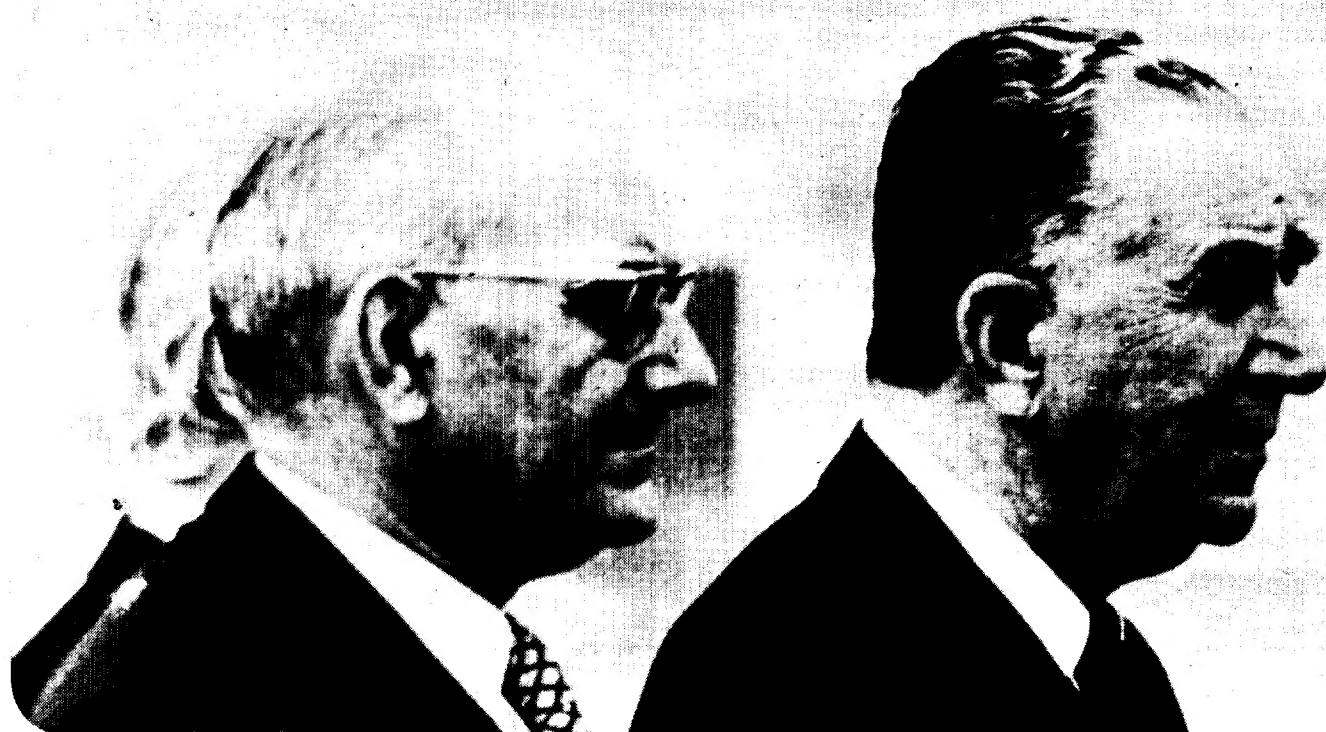


Encontro histórico no Ipiranga



Os presidentes Médici e Caetano nas cerimónias do Ipiranga, berço da Independência do Brasil (Telimprensa/«DL»)

MÉDICI E CAETANO PROPÕEM COMUNIDADE FIRME E REALISTA

A nova visita do Presidente Marcello Caetano ao Brasil constituiu mais um passo em frente na estruturação da Comunidade Luso-Brasileira. Ao agraciá-lo com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito, galardão especial reservado a brasileiros, disse o Presidente Médici ser lícito esperar iniciativas que «permitam se institua, de modo firme e realista, novo estilo de convívio, entre nações independentes cuja história se inspira nos mesmos valores postos à prova através de feitos realizados em comum». Respondendo, disse o prof. Marcello Caetano que, às portas do século XXI, «cumpre-nos encarar resolutamente os tempos vindouros» e fazer da Comunidade «um agente activo da História». Acrescentou que do lado português não se hesitará mesmo «diante do que possa parecer ousado, se tal ousadia significar avanço seguro e certo da obra da Comunidade». (Texto do discurso na página dois).

HOJE: 32 PÁGINAS



Guardas armados vigiaram a partida dos israelitas de Munique

CATÁSTROFE DE MUNIQUE TRAUMATIZA A ALEMANHA

BONN, 7 (De Gerard Booz, Telex FP/DL) — Os 60 milhões de alemães ocidentais, a tragédia de Munique foi uma catástrofe nacional depois do malogro da operação empreendida para libertar os reféns israelitas feitos pelo comando palestino no interior do recinto da Aldeia Olímpica. Com 18 mortos, o balanço

é pesado, mas é sobretudo a imagem de prestígio que a Alemanha Federal queria dar de si própria com estes Jogos Olímpicos que se vê salpicada pelo sangue derramado.

«Foi um rude golpe para o nosso país» — declarou o porta-voz do Governo, Conrad Ahlers, depois da reunião do gabinete que fez na quarta-fei-

ra o balanço das últimas 48 horas.

Também o homem da rua se mostra consternado e inclinado a pensar que as consequências da tragédia virão a atingir a Alemanha Federal. Com os Jogos Olímpicos de Munique, a RFA quisera-se mostrar eficaz, mas descontraiada, dinâmica, mas sorridente,

disciplinada, mas pacífica. Hoje, o sorriso desapareceu.

A eficácia e o dinamismo parecem contestáveis. É um facto: quando pela primeira vez dirigentes responsáveis recorrem à força, falham o seu golpe. Os reféns morreram.

Este sinistro resultado do tiroteio do aeroporto de Frustentfeldbruck é duplamente aflitivo

ante Israel e ante os países árabes.

Primeiro, receia-se que venha a originar polémicas, senão com o Governo da sra. Golda Meir, pelo menos com a opinião pública israelita.

AS CENSURAS ISRAELITAS DE INSUFICIÊNCIA NAS MEDI-

ÁRABES ACUSAM ALEMÃES

A imprensa árabe em geral e a egípcia muito particularmente acusa hoje as autoridades alemãs ocidentais de terem «atraído» os guerrilheiros palestinos do «Setembro Negro», tornando-se responsáveis pela «chacina de Munique». O «Al Ahram», o mais conceituado dos jornais árabes e que normalmente reflecte as opiniões do Governo cairota, escreveu que «o ministro alemão do Interior rompeu o acordo com os feddayin para permitir à Polícia executar um plano de exterminação do comando. A «delegação árabe da Palestina» distribuiu ontem, por seu lado, um comunicado nas Nações Unidas responsabilizando Golda Meir, Moshe Dayan e os seus colaboradores pela chacina, ao recusarem-se a libertar os 200 combatentes palestinos «detidos ilegalmente no chamado estado de Israel». O comunicado acusava também Bonn de cumplicidade com Israel.

ESPECIAL DE MUNIQUE

O «DL» publica nesta edição quatro páginas especiais, numeradas com algarismos romanos, com as últimas notícias de Munique, incluindo reportagens sobre a tragédia pelo nosso enviado Neves de Sousa, que estava no aeroporto de Fuestenfeldbruck quando começou o tiroteio que redundaria em chacina.

DL / NACIONAL

NO "DIA DA PÁTRIA" EM SÃO PAULO MÉDICI E CAETANO PROPÕEM COMUNIDADE REALISTA

S. PAULO, 7 (ANI) — A manhã de hoje, na cidade de S. Paulo, foi dedicada ao desfile militar comemorativo do «Dia da Pátria», este ano realizado ainda com maior luzimento por estar integrado no encerramento das comemorações do sesquicentenário e por ter a presença do Presidente do Conselho de Ministros de Portugal.

O prof. Marcello Caetano la-deava o presidente Médici ao assistir, do Museu de Assis Chateaubriand, na Avenida Paulista, à cerimónia militar.

Esta tarde, o Presidente do Brasil e o Chefe do Governo de Portugal assistem ao espec-

táculo de som e luz denominado «Quatro Séculos de História». No palácio dos Bandeirantes realiza-se à noite a recepção oferecida pelo presidente Médici a cerca de mil convidados, encerrando-se assim a visita do prof. Marcello Caetano a S. Paulo, pois, amanhã de manhã, regressará a Lisboa, com escala de algumas horas no Rio de Janeiro.

O Presidente do Conselho, após a sua chegada ontem à capital paulista, e de ter assistido à cerimónia de inumação dos restos mortais de D. Pedro I, na cripta do monumento à independência, na colina do Ipiranga,

recebeu, no Palácio dos Bandeirantes, as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito.

Antes de impor a condecoração ao Chefe do Governo português, o general Médici, chefe do Estado brasileiro, realçou o seu significado, pois «a Ordem Nacional do Mérito constitui galardão especial, reservado, em princípio, a brasileiros que se destacaram na prestação de serviços ao país». Acentuou, porém, que a honra foi conferida ao Chefe do Governo português «distinguindo assim não só o estadista insigne, que abre para a sua Pátria novos caminhos, mas também o pensador ilustre, que reúne aos seus raros dotes culturais a virtude da mais estrita fidelidade aos deveres públicos e privados».

O presidente Médici, referindo-se ao «discernimento, firmeza de vontade e sensibilidade política» do prof. Marcello Caetano que estiveram na base da criação da convenção sobre igualdade de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses, afirmou ser «lícito esperar pronta receptividade para outras iniciativas, que permitam se institua, de modo firme e realista, novo estilo de convívio entre nações independentes cuja História se inspire nos mesmos valores postos à prova através de feitos realizados em comum».

MARCELLO CAETANO:
«EXTREMADA FIDALGUA»

Em resposta ao discurso do Presidente da República brasileira, o prof. Marcello Caetano classificou o gesto do Governo brasileiro como de extrema fidalguia, afirmando depois:

«A ostentação destas insígnias por um português significa que o Brasil o julgou digno de emparceirar com os mais ilustres dos seus filhos. E traduz o reconhecimento do facto de não ser preciso deixar de ser fiel a Portugal, para amar deveras e servir o Brasil, assim como a lealdade à Pátria brasileira

não constitui obstáculo ao amor e à dedicação a Portugal».

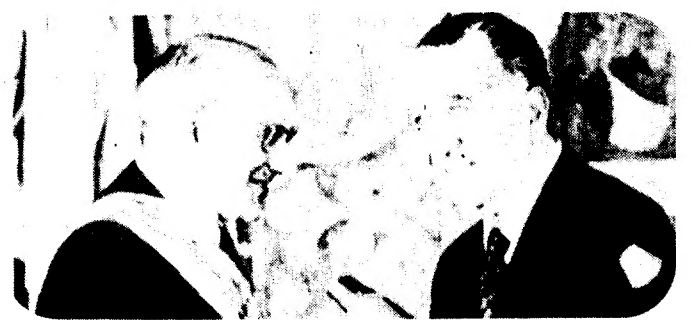
E mais adiante:

«Olhando para a rota percorrida desde a minha visita de Julho de 1969, creio que temos, os dois Governos, motivos para nos congratularmos.

No plano político, no plano económico, no plano cultural, passámos em muitos domínios das intenções às realizações ou reforçamos o que estava em curso de execução».

«Referiu-se Vossa Excelência, senhor Presidente da República, à convenção sobre igualdade de direitos endeveres entre brasileiros e portugueses, firmada há um ano certo, e para cuja elaboração tanto contribuíram, do lado brasileiro, os ministros Mário Gibson Barbosa e Alfredo Buzaid. Ela não teria sido possível sem a prévia alteração das nossas Constituições Políticas a que se procedeu. Nem entraria em vigor se não houvesse logrado a franca aprovação das Câmaras Legislativas nossas e vossas. Tampouco sem a ratificação final que Vossa Excelência lhe outorgou, como em Portugal fez também o Presidente Américo Thomaz. Mais do que deliberação de Governos, a convenção correspondeu efectivamente a consciente consenso das nações. Assim nasceu um acto internacional que vale pelos efeitos práticos, decerto, mas que vale sobretudo pelo sentido que o inspirou e pelo espírito que o anima.

«Não podemos, Vossa Excelência o disse, quedar satisfeitos com a obra realizada, e nela descansar. Temos de continuar sem parança. Estamos a menos de trinta anos do século XXI e cumpre-nos encarar absolutamente os tempos vindouros. A comunidade luso-brasileira pode ser um agente activo da história do Mundo se quisermos que o seja. Digo «agente da História» — e para isso importa não acreditar na fatalidade que condena os povos a destinos inexoráveis nem deixar-se arrastar por correntes dominantes onde sob o disfarce dos ideais prepon-



O prof. Marcello Caetano é cumprimentado pelo presidente Médici no Palácio dos Bandeirantes

deram interesses, mas procurar resolutamente rumos próprios e segui-los com inabalável firmeza de vontade.

E acentuando:

«Do lado português pode Vossa Excelência contar com a melhor disposição para a pesquisa dos interesses comuns e para a efectivação de tudo quando conduza a realizá-los.

«Não hesitaremos mesmo diante do que possa parecer ousado, se tal ousadia significar avanço seguro e certo da obra da comunidade.

«Que a obra está em acção prova-o o convite formulado por Vossa Excelência ao Presidente Américo Thomaz para, em nome da Nação portuguesa, se associar ao jubilo do povo brasileiro nas comemorações dos cento e cinquenta anos da sua independência política.

«Prova-o a vinda do Presidente da República portuguesa até vós, portador dos restos mortais do nosso rei D. Pedro IV, que entregámos para neles poderdes venerar o vosso Imperador D. Pedro I.

«Prova-o o modo como recebestes o representante de Portugal: em que o Brasil não viu o chefe de um Estado estrangeiro e sim o mensageiro de um povo irmão.

«E prova-o ainda o terdes querido que, também nas cerimónias finais do sesquicentenário, ao pé de vós estivesse o Chefe do Governo português.

«Nem a minha presença nem a minha palavra podem acrescentar seja o que for à presença que há meses tivestes entre vós e à palavra autorizada que então ouvistes do presidente Américo Thomaz.

«Os mesmos sentimentos então expressos trago eu consigo agora. O mesmo jubilo consoante com a vossa alegria. A mesma veneração pelos vossos heróis. OS MESMOS VOTOS — que são actos de fé — o vosso futuro. E a mesma convicção de que poderemos e deveremos marchar unidos nas sendas do porvir.

«Quando há pouco, no cenário imponente do Ipiranga, os despojos de D. Pedro davam en-

trada na cripta do monumento à independência entre o respeito popular, as honras militares e a comoção de todos nós, tive a sensação de que pairava ali a alma do primeiro imperador, do jovem irrequieto e apaixonado, músico e poeta, impetuoso e generoso, decidido e energido, bravo e activo, caprichoso e instável, autoritário e orgulhoso, soberano moço de um país moço, que na vida, na sua curta vida terrena, se deixou guiar sobretudo pelo coração. Devia ser-lhe agradável ver com quantos ternura o evocais — com quanto amor o recolhestes na terra a que entranhadamente se afeicou.

«E no meio desta visão em que os anos se condensam no relampaguear de segundos, como dizem suceder nas despedidas da vida, quem sabe se lhe teria surgido a imagem da rosa que consagrou, ao criar a elegante condecoração que o Brasil guarda em sua memória? Das rosas que foram a sua flor preferida e que ele decerto gostaria de saber a florir o seu túmulo.»

No final da cerimónia, o presidente Médici e o prof. Marcello Caetano seguiram então para a vasta sala utilizada normalmente como gabinete do governador, ao passo que os dois ministros se encerravam noutra sala, para conferenciarem.

No final dessas conferências o presidente Médici e os elementos da sua comitiva acompanharam até à porta do palácio o Presidente do Conselho português e a sua comitiva, que se retiravam.

ANTE-ESTREIA DE «A VIAGEM»

À noite, o prof. Marcello Caetano assistiu, no Teatro Ruth Escobar, à ante-estreia da peça «A viagem», adaptação de «Os Lusíadas» e realizada, numa encenação profundamente moderna e interpretada pela companhia dirigida pela actriz que dá o nome à sala de espectáculos.

Acompanhado pelos ministros Rui Patrício e Gibson Barbosa, e com a assistência do Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, e dos embaixadores Caldeira Coelho, José Manuel Frago, Gama e Silva e André Mesquita, do protocolo do Itamaraty, o Presidente do Conselho português assistiu, interessado, ao longo de hora e meia, a toda a representação.

A acção começa na cave do teatro, com a assistência de pé vendo a cena em que el-rei D. Sebastião autoriza a publicação de «Os Lusíadas». Depois, todos os espectadores sobem, por uma escada estreita, ao andar superior, onde se desenrola propriamente a viagem do Gama contada por Camões.

Ruth Escobar pôs em cena cerca de oitenta figuras, mobilizou uma orquestra e todo o pessoal dos bastidores, e criou um espectáculo verdadeiramente invulgar. Com «lampegos de genialidade» — como lhe disse, ao despedir-se, o Chefe do Governo português.



A CONFIDENTE COMEMOROU O 39º ANIVERSÁRIO

«A CONFIDENTE» prestigiada organização de compra e venda de propriedades, bem como de colocação de capitais, completou no passado dia 1 do corrente, 39 anos de existência.

A exemplo do que vem acontecendo todos os anos, essa data festiva foi comemorada com um almoço de confraternização que este ano teve lugar no moderníssimo e luxuoso «Hotel Praia Golf» em Espinho.

Como a reunião da grande família de «A CONFIDENTE» e da SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES INVICTA, LD.^a se realizou em Espinho os empregados de Lisboa e alguns familiares viajaram até ao Porto num avião «Boeing 727» da TAP, onde eram aguardados pelos seus colegas da mesma cidade.

Após a chegada ao Porto fez-se a visita ao grande e luxuoso «Edifício CONFIDENTE» acabado de construir, que acrescentará de umas dezenas de milhares de contos o já grande património de «A CONFIDENTE».

Seguiu-se a caravana para Espinho em autocarros, tendo-se visitado pelo caminho as praias de Francos, Miramar, Aguda e Granja.

Em Espinho foram todos os empregados recebidos no Hotel Praia Golf pela administração de «A CONFIDENTE» e respectivos familiares.

Seguiu-se o almoço de confraternização.

Na mesa de honra presidida pelo professor Armindo Lopes, padrinho de «A CONFIDENTE» encontravam-se o sr. Alípio Antero, administrador-geral de «A CONFIDENTE» e diversas individualidades.

No início do almoço como é já habitual o sr. Alípio Antero referiu os acontecimentos e mais destaque na vida das empresas que dirige.

Ao longo do repasto foram lidos dezenas e dezenas de telegramas de saudações e foram proferidos discursos pelas individualidades presentes e alguns colaboradores das duas empresas.

Os oradores puseram em relevo as notáveis qualidades de chefia, de inteligência, de tenacidade e de carácter do sr. Alípio Antero, bem como de seus filhos e ainda os particularíssimos dotes de esposa, de mãe e de valiosa colaboradora de todos os dias que exornam à sr.^a D. Adelaide Antero, à qual um dos oradores chamou, com muita propriedade, a «Embaixatriz da Amizade».

Como nota bem significativa do apreço que a Administração tem pelos seus funcionários procedeu-se à distribuição de medalhas de ouro aos vendedores que mais se evidenciaram e de emblemas de ouro aos empregados cuja acção foi mais profícua no ano que findou.

Ao encerrar a festa de confraternização, que decorreu no meio do maior entusiasmo e vibração, o Sr. Alípio Antero agradeceu a presença de todos quantos se dignaram comparecer para comemorarem em conjunto o 39.º Aniversário de «A CONFIDENTE». Agradeceu ainda a excelente colaboração de todos os empregados de «A CONFIDENTE» e da SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES INVICTA, LD.^a sem a qual não teria sido possível todo o êxito alcançado.

Para finalizar, manifestou o Sr. Antero o seu apreço e agradecimento pelas palavras amigas e estimulantes que foram dirigidas à sua esposa, a ele próprio e a seus filhos.

As últimas palavras do Sr. Antero foram sublinhadas com uma calorosa salva de palmas.

CLAUDE LELOUCH
TRIUNFA
6.ª SEMANA **estudio 444**
SMIC SMAC SMOC
O MAIS DIVERTIDO FILME DE CLAUDE LELOUCH
«SMIC, SMAC, SMOC E QUALQUER COISA COMO UMA OBRA-PRIMA...»
Remo Forlani — RTL
COM CATHERINE ALLEGRET AMIDOU JEAN COLLOMB CHARLES GERARD FRANCIS LAI GRUPO D 18 ANOS
«...LELOUCH MERECE OS MAIS VIVOS ELOGIOS...»
Louis Chauvet/Pigaro
«LEMBRA SACHA GUT-TEY...»
Baroncelli — Le Monde
«...PARECEM PERSONAGENS DE FAGNOL...»
«...DIVERTIDO COMO CHARLOT...»
Fr. Chalais — Europe n.º 1

JOSÉ JACINTO DE MOURA

FALECEU

Maria José Quintino Rogado de Moura Jesus, e seu marido, Martim Afonso Rogado de Moura, sua mulher filho e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Pai, sogro, avô e parente, e que o funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da Capela do Hospital do Ultramar para o cemitério da Ajuda.

Agência Lourenço
Telf. 638026



Opinião

TRAVÕES NÃO SE PRECISAM

São as reuniões, simpósios e congressos lugares privilegiados onde é possível fazerem-se afirmações de muita importância. Para isso mesmo se realizam, e também para abrirem caminho às obras desejadas, sem as quais as palavras não seriam mais do que vento inútil ou desperdiçado. Contudo, não é raro que declarações fertilíssimas, pelo fundo e pela forma, entrem na corrente monótona e embaçadora da distração oficial e acabem por perder-se. Caso que leva a dizer que a esperança de vida das palavras é muito reduzida naqueles conclave.

Não desejaríamos que corresse tal risco algumas palavras proferidas na sessão de abertura do 32.º Congresso Internacional das Ciências Farmacêuticas, nomeadamente certa passagem da conferência pronunciada pelo prof. Alberto Ralha. Já o tema que escolheu se apresentava rico de possibilidades: «O ensino superior e as carreiras profissionais na sociedade futura». Mas a sua abordagem oferece aspectos particularmente estimulantes, e mesmo polémicos, em palavras como estas: «Mostra a experiência que as dificuldades são maiores no ensino universitário do que nos restantes níveis de ensino, em virtude de os professores serem, geralmente, grande resistência às inovações e terem, neste caso, a autoridade que lhes é conferida por estarem alcandorados no topo da hierarquia de todo o pessoal docente.»

Dificilmente se diria melhor. Se muito do que se diz entre nós, a propósito das nossas diversas instituições, não esbarrasse com uma muralha de silêncio por parte de quem tem a obrigação de responder, para esclarecer ou para objectar, veríamos acorrerem à estacada os professores assim postos em causa numa das mais graves acusações que podem fazer-se a um docente: a de se recusar a ensinar melhor, pois é ensinar melhor, estar atento às necessidades do tempo, caminhando mesmo, se possível, à frente dele. Não assistiremos a essa polémica, que nunca representaria para nós o prazer sádico de quem assiste de fora da arena, mas antes a satisfação peculiar de quem vê a verdade como objecto de busca e investigação. Tudo se passará como se aquelas palavras fossem, mais do que injustas, desproporcionadas, e não tivessem alvo conhecido. Ninguém refutará porque todos entenderão que a acusação não lhes é dirigida.

Mas o mundo tem a particular característica de cedo ou tarde arredar de si quem pertença já a outro mundo... Acabarão, portanto, por serem definitivamente entendidas estas outras palavras da mesma conferência: «A reforma da Universidade terá que ser iniciada por uma adaptação das suas estruturas, mas isso não pode considerar-se uma panaceia; de pouco ou nada servirá se não for acompanhada por novos métodos e programas, diferentes modos pedagógicos e de avaliação dos conhecimentos, verdadeiramente inovadores e que resultem de outros tipos de relação aluno-docente.» Fora das nossas fronteiras, há muito tempo que nada disto era novidade, e, não obstante, em parte alguma tem sido pacífica a adaptação das universidades às exigências do mundo moderno. Imagine-se como o poderia ser entre nós, se magistralmente vínhamos leccionando e olímpicamente desdenhámos o rebanho discente...

Referindo-se a esta mesma conferência, disse o ministro da Educação Nacional que ela fora «da mais notável oportunidade, obrigando-nos a larga meditação». Fazemos votos por que sejam concordes neste juízo os professores em causa...

Investimento na Argentina

Foi recentemente publicado na Argentina o decreto que regulamenta a «Lei sobre os investimentos estrangeiros».

Neste decreto é especificado que para um investimento ser considerado estrangeiro deve ser realizado por pessoas morais ou físicas com sede ou domicílio fora da Argentina e que participem das actividades económicas do país, quer através da instalação de novas indústrias, quer através da ampliação de instalações existentes.

O mesmo decreto prevê a abertura de um registo oficial dos investimentos estrangeiros no qual se especificará a moeda na qual o investimento é efectuado.

Por outro lado, se forem apresentadas várias propostas de investimento relativas a um mesmo projecto, será dada preferência àquela que incluir a associação com um investidor local, qualquer que seja a participação do capital estrangeiro no empreendimento comum.

Os investidores são autorizados a transferir para o estrangeiro a totalidade dos seus lucros anuais: contudo, o Governo pode, no momento em que autoriza o investimento, porpor que esses lucros sejam reinvestidos na Argentina ou depositados numa conta especial antes da transferência.

Auxílio da Finlândia

A Finlândia e a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) assinaram um acordo nos termos do qual o auxílio deste país ao sector agrícola dos países em vias de desenvolvimento será de futuro prestado por intermédio daquela organização.

Acordos semelhantes foram já assinados em 1969, com os Governos da Dinamarca e da Suécia e, em 1970, com o Governo da Noruega.

No âmbito destes acordos, a FAO tem actualmente em execução 130 projectos em 26 países num montante total de 20 milhões de dólares.

Investimento na U.R.S.S.

A URSS adjudicou à empresa francesa Compagnie Centrale d'Etudes Industrielles, associada da firma americana International Systems and Controls, de Hounston, a construção de uma fábrica de tratamento de gás, a qual ficará localizada em Orenberg. Um grupo de bancos franceses encarregar-se-á do financiamento desta encomenda, orçada em 53 milhões de dólares, ao abrigo de um acordo de comércio bilateral franco-soviético. O «engineering» do projecto o controlo dos equipamentos e a supervisão da obra ficam a cargo da firma inglesa J. F. Pritchard and Co., subsidiária daquelas duas outras empresas.

Calcula-se que o custo total da fábrica incluindo os materiais e mão-de-obra de origem soviética, atinja 76 milhões de dólares.

As instalações foram previstas para tratar diariamente 1600 milhões de pés cúbicos de gás natural à pressão de 850 libras (poleg. 2 e permitirão recuperar também diariamente 2000 toneladas de enxofre com um grau de pureza de 99,9 por cento.

ISABEL DA NÓBREGA



O PODER E A GLÓRIA

Posso começar, penso para comigo, por aquelas considerações com que vamos ganhando tempo antes de dizer de uma vez o essencial — o que tomamos, de cada vez, pelo essencial. Preparativos, cuidados. Assim um dispor e ajeitar de almofadas na sala da burguesa; assim a deslocação das pilhas de revistas, o sacudir com um lenço o pó mais visível, o preparar as duas chaves para o mau café no quarto do estudante — tudo sempre afinal preocupações com o meio ambiente antes do encontro apetecido, da conversa possível ou do desencontro inesperado. Preocupações como gestos que favoreçam o entendimento, é o que quero dizer.

Posso também começar por prantar bruscamente o assunto no meio da merenda, atirá-lo aos olhos-brasos-colos das pessoas tome lá! e voltar costas sem nunca cuidar do efeito, seja qual for, seja ele gravidade nojo ou emoção.

Enquanto reflecto já está defronte de mim a D. Irene. Entrou na sua hora exacta eu é que me tinha demorado para além das horas convencionadas (não digo normais porque não há horas «normais» em nenhum jornal).

Um a um ou em bandos haviam saído todos. Também para lá das suas horas. As máquinas pouco a pouco tinham emudecido, só o telex lá no fundo, bem abrigado, pulsava, e ia balbuciando por intermitências notícias do mundo.

O continuo estaria ainda no seu posto, seu balcão e torre, pois que o ouvira naquela maneira clara e sincopada trocar quaisquer palavras com alguém.

E agora D. Irene na minha frente, bata de trabalho descobrindo a manga da blusa vistosa, pano de pó na mão, o penteado com «mise» fresca, robusta de formas, olheiras fundas, expressão decidida e séria, de quem nunca precisou ouvir — nem em criança — que a vida não é um mar de rosas.

Não era aliás a primeira vez que nos encontrávamos no gabinete e falávamos um pouco, ela fazendo o seu trabalho, e eu o meu.

Mas desta vez tive de interromper o martelar. Em seguimento de uma conversa que eu desconhecia (talvez a que tivera com o continuo) interpelava-me numa espécie de frenesim: Não é verdade? Não é verdade que o destino é que manda? Que nós não podemos nada? As vezes a gente bem quer mas o que tem de ser é o que vai ser mesmo! Eu só tenho a terceira classe e chega-me para saber estas coisas: o destino é que manda tudo.

Nervosa, começava a arrumar as secretárias, mas os olhos ancorados nos meus esperavam confirmação. — Sabe, talvez não seja bem assim... Claro, há coisas que as pessoas não prevêem nem provocam, certas grandes doenças, a morte de entes queridos, por exemplo, ou não podem previamente decidir, como o local do nascimento, a classe social, o nível de instrução que lhe é administrada nos primeiros anos da juventude. Outras porém existem, que, parece-me, dependem de nós, da nossa vontade.

As mãos ágeis arrumavam, limpavam mesas, cinzeiros, cadeiras, baldes. Os olhos pestanejavam com o esforço de entender, as pestanas batiam como vassourinhas que em cada bater empurrassem «lá para dentro» significados novos, pedacinhos da imagem que no interior do entendimento se reunia inteira. Ouça, vontade aqui, não representa «voto» ou «desejo» quer dizer não é formularmos um voto um desejo, umas aspirações que esse acaba logo ali — é projectar-nos nela, nessa vontade escolhida, e acompanhá-la abalisá-la, alimentá-la como uma planta ou a um animal melhor como fazemos ao nosso corpo, para que se mantenha. Então assim a vontade fortalece-se e caminha, e nós podemos ser uma vontade a andar...

Entendeu tudo. Consolada, interrompeu por minutos o serviço, e encostada ao estirador, torcendo o pano, falou:

Claro que ela por exemplo só tinha a terceira classe não tinha por isso muito por onde escolher mas por isso mesmo por não ter muitas habilitações é que até podia ter sido perigoso porque afinal era mais fácil ou não era andar por aí a toa que roupa não lhe faltava e como fazia limpeza na sala de cabeleireiro de uma amiga que até por sinal lhe devia favores pois que a tinha ajudado um dia numa aflição e lhe passara prás mãos as suas economias até que a amiga pagara as dívidas contraídas pelo pai e casara bem e lhe pudera pagar e tinha posto um cabeleireiro e agora ela limpava lá mas também a outra fazia-lhe as «mises» que ela quisesse. Por isso podia andar assim bem arranjada e aproveitava no outro dia uma antiga vizinha ao vê-la sair ali dos escritórios tão tarde, com a roupa do serviço metida no saco esboqueirado dissera então você não tem vergonha de andar a trabalhar nisso o quê trabalhar nas limpezas não é vergonha nenhuma vergonha são outras coisas por isso é que eu digo à senhora que afinal é verdade que se pode dar uma volta ao destino que eu quem diz eu diz outras mas eu vim para Lisboa tão novita que podia estar agora noutra género de lugares e escolhi antes estar aqui isto dá com as coisas que a senhora disse ou não dá? É como isto de eu ter só a terceira classe, realmente já tenho pensado nisso vou mas é ver se posso tirar a quarta não sei bem como porque são muitas as horas do trabalho mas se puder vou tentar e pelo menos sou eu que decido isso não é como a senhora dizia? Com licença agora vou outra vez lá para dentro que ainda falta do outro lado.

Vim-me embora. Na manhã seguinte concluiria a tarefa. Pela rua abaixo — e não entram hoje aqui nem cheiros verdes nem luzes coalhadas, em o restolhar das folhas do parque, nem reflexos da lua vaga sob o ténue fio das nuvens — pela rua abaixo murmurava sem muito bem saber como uma remota frase do Pai-Nosso que a tradução portuguesa rejeitou e que diz «porque Teu é o reino, o poder e a glória». Repetia eu que se nunca é nosso o reino é nosso às vezes o poder e a glória.

QUADRATIM

DL/NACIONAL

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FARMÁCIA TRANQUILIZANTE COMPARADO A DROGAS

Na redução do tempo que os médicos consagram às consultas, que baixou de meia hora ou mais de aqui há uns anos para o quarto de hora que é de uso presente, reside, segundo o dr. Bédar, director do *Jornal Mundial de Farmácia*, a razão da actual voga dos tranquilizantes, espécie de sucedâneo da assistência psicológica que deixou de poder ser prestada aos doentes.

A declaração foi feita ontem à tarde no decurso de uma das conferências de Imprensa que todos os dias se realizam na Faculdade de Letras de Lisboa sobre o andamento dos trabalhos do Congresso Internacional de Farmácia. Nessa conferência, um problema particularmente focado foi o do consumo excessivo de medicamentos, tendo os drs. Bédar e Pedro Coelho (editor do jornal «FIP/News»), sido chamados a esclarecer numerosas questões levantadas pelos jornalistas.

O cientista suíço, depois de referir a acuidade de que o problema se reveste no seu país e, de um modo geral, em todos os países altamente desenvolvidos, onde o número de internados hospitalares provocados pelo abuso de medicamentos aumenta sem cessar, indicou os dois únicos processos quanto a ele susceptíveis de contrariar o rumo das coisas. Primeiro: confinar o fornecimento dos artigos de farmácia aos farmacêuticos. Segundo: informar devidamente o público sobre os riscos em que uma auto medicação descontrolada coloca a saúde.

Uma lista das categorias de medicamentos cujo consumo excessivo (note-se: não praticado com intuíto suicidas) provoca em todo o mundo mais baixas hospitalares foi apresentada aos jornalistas, nela figurando, por ordem decrescente da nocividade dos seus efeitos, os produtos analgésicos, os excitantes do tipo das anfetaminas (celebrizado sob o nome de «doping»); os soníferos e por último os tranquilizantes.

Os analgésicos e anti-nevrálgicos estão efectivamente à cabeça desta lista de depredadores da saúde. O recurso exagerado aos velhos «comprimidos pa-

ra as dores de cabeça» explica-se pela natureza particular dos seus efeitos, simbiose da euforia suscitada pela cafeína que contém com a sonolência derivada de outros seus ingredientes. Os analgésicos tornam-se um vício para muita gente, em todo o mundo, originando a ocupação anual de milhares de leitos de hospitais e uma vultuosa oneração das verbas estatais destinadas à assistência.

Os excitantes e os soníferos devem a sua expansão às condições peculiares da vida do nosso tempo. Relativamente aos primeiros, é a necessidade em que se vê o homem moderno de exercer uma actividade constante e quantos vezes febril que o leva, entre outros motivos (e sem entrar já no caso do desporto), a recorrer a esses dinamizadores da energia — que afinal conduzem à dissipação dela se o seu consumo for desmedido. Quanto aos soníferos e a tendência que se acentua para a concentração nas cidades, com a consequente sujeição do ser humano a uma existência terripida e no entanto sedentária e a um ambiente ruidoso e ultra-mecanizado que, provocando, entre outras perturbações, a insónia, activa o recurso ao seu consumo.

O TRANQUILIZANTE NÃO CURA

— Os médicos são os grandes responsáveis pelo consumo abusivo dos tranquilizantes — disse o dr. Bédar ao pronunciar-se sobre a quarta categoria dos medicamentos da sua lista — São os responsáveis porque eles é que os receitam e receitam por norma em quantidade excessiva.

Segundo o conferencista, o médico fá-lo por «estar talvez obscuramente convicto de que a mera observação do doente — que é tudo quanto pode ser feito no fugaz quarto de hora em que a expansão dos centros de assistência, com a sua inumerável clientela, fixando o tempo de consulta — essa mera observação — não chega, falta-lhe o complemento imprescindível da terapêutica psicológica. Não a podendo dispensar, o médico tenta colmatar a lacuna recitando largamente os tranquilizantes, esses agentes de uma fictícia reconciliação com a vida.

— O tranquilizante não cura — declarou o dr. Bédar — O tranquilizante conforta o homem desesperado, ansioso, mas conforta-o alheando-o das raízes do seu desespero e ansiedade. Muito mais do que no seu potencial tóxico, que é reduzido, está aí o inconveniente da sua ministração: desvia o homem da resolução dos problemas que o atormentam em vez de o encorajar para enfrentá-los, de o capacitar para resolvê-los. Estabelece uma harmonia illusória entre o desajustado e a vida.

Informado da voga que os medicamentos deste tipo conhecem hoje em dia no nosso País, o cientista esclareceu que esse fenómeno é característico de toda a Europa e América do Norte, decorrendo de certos condicionamentos sociais comuns aos dois continentes e que, se relega os tranquilizantes para o quarto lugar entre os medica-

mentos cujo superconsumo torna nocivos não foi porque a sua expansão fosse menor do que a dos excitantes, pelo contrário, mas apenas por ser mínima a sua toxicidade, como se referiu, e mesmo a habitação que cria ser reduzida.

O dr. Bédar terminou as suas considerações a este respeito estabelecendo o paralelo entre o consumo dos tranquilizantes e o das drogas, ambos eles meios de transporte para paraísos imaginários.

QUARTO DIA DE TRABALHOS

O dia de hoje, quarto do Congresso, foi preenchido pelas reuniões do Comité da secção de Farmacêuticos de Indústria (privada) e da secção de Farmacêuticos de Oficina (pública) tendo nesta dois relatores os drs. Godinho de Matos e Martinez Osório. Cumpriu-se, apesar do mau cariz do tempo, a parte social do programa do Congresso, consistente em excursões a diversos pontos do País.

SUSPENSOS OS PROGRAMAS "PÁGINA 1" E "TEMPO ZIP"

Estão suspensos temporariamente, desde ontem, os programas radiofónicos «Página 1» e «Tempo Zip», habitualmente transmitidos na Rádio Renascença das 19 e 30 às 21 horas e das 24 às 3 horas do dia seguinte, respectivamente.

Segundo informação recolhida junto de um dos responsáveis por «Tempo Zip», a suspensão

de qualquer dos programas foi comunicada, em carta do conselho de administração da Rádio Renascença. Na referida carta invoca-se a transmissão de determinado texto contrário ao espírito da estação, como causa da suspensão.

Os responsáveis pelos programas aguardam agora uma decisão definitiva da estação emissora.

A UNIÃO GRÁFICA VAI DISCUTIR A CEDÊNCIA DE PUBLICAÇÕES

A assembleia geral da União Gráfica vai reunir no próximo dia 20 para apreciar propostas do conselho de administração que visam o «aumento de capital e cedência de títulos de publicação», conforme anúncio

publicado na folha oficial.

Segundo julgamos saber e de acordo com notícias já publicadas noutros órgãos de Informação, a revista Flama é um dos títulos a ser cedido por aquela empresa.

PRESOS OS AUTORES DO ROUBO DE CEM CONTOS

Foram presos pela Polícia Judiciária do Porto os dois indivíduos que, na quinta-feira, atrainam ao Monte do Semnário, na linha férrea entre Campanhã e São Bento, o negociante de gado, sr. Manuel Ferreira, de 58 anos, solteiro, do

lugar da Carreira, em Rouriz (Paredes) e lhe furtaram mais de cem contos, que tinha num bolso do casaco, caso a que o «DL» se referiu em primeira mão.

Desconhece-se, ainda, a identidade dos dois presos que a P. J. deve fornecer amanhã.

DL/ESTRANGEIRO

AVIÃO SOVIÉTICO INTERCEPTADO SOBRE A INDOCHINA?

HONG KONG, 7 — (R) — Um avião soviético antonov-12 que aparentemente transportava armas para Hanói, teria sido interceptado por caças americanas no norte do Laos e obrigado a aterrar no aeroporto de Vientiane, segundo revela hoje a revista económica «Review» publicada nesta cidade.

Citando fontes que não identificam, a revista diz que o avião soviético foi interceptado a 28 de Agosto encontrando-se actualmente guardado à vista por soldados do Exército laociano.

As mesmas fontes dizem que, desde o início do bloqueio ame-

ricano aos portos do Vietname do Norte, aviões soviéticos já teriam transportado mais de 600 toneladas de abastecimentos para Hanói.

Segundo informadores soviéticos em Vientiane, esses aviões fretados pela Aeroflot já efectuaram 30 voos, levando apenas remédios e outros artigos de primeira necessidade.

Parece não haver ainda qualquer prova de que tenham transportado armamento mas, a verificar-se que o avião actualmente retido em Vientiane tem armas a bordo, isso poderá ter graves repercussões, acrescenta a revista.

MANIFESTAÇÕES EM ISRAEL

JERUSALEM, 7 — (F.P.) — Em várias localidades de Israel têm-se registado desde ontem de manhã importantes manifestações, em sinal de luto e de protesto contra o massacre de Munique.

Em Tel-Aviv, alguns milhares de estudantes juntaram-se em frente da embaixada da Alemanha Federal, reclamando a interrupção dos Jogos Olímpicos.

Em vários pontos da capital, outros estudantes recolhiam assinaturas para uma petição favorável à «aplicação da pena de morte aos terroristas e aos fed-

dayin». O deputado Yosef Tamir Gahal, importante personalidade da direita, revelou que iria propor um projecto de lei nesse sentido.

Interrogado a propósito da decisão do C.O.I. de continuar com os Jogos Olímpicos, o ministro do Interior, Yosses Burg, declarou que o prosseguimento destes «como se nada se tivesse passado, seria mais um símbolo da barbárie dos tempos actuais». Nos meios políticos de Jerusalém, pensa-se que numerosas delegações poderão entretanto vir a abandonar as competições.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS EM CADA SÉRIE

10.779 — 4.800.000\$00
20.097 — 600.000\$00
35.113 — 160.000\$00

APROXIMAÇÕES AOS 1.º PRÉMIOS

10.778 — 15.160\$00
10.780 — 15.160\$00

PREMIOS DE 20 CONTOS

770; 2.656; 8.047; 8.358;
8.711; 9.802; 10.778; 11.272;
15.426; 22.816; 24.246; 24.498;
27.790; 29.287; 36.669.

PREMIOS DE 640\$00 (CENTENAS)

10.701 a 10.800; 20.001 a 20.100
e 35.101 a 35.200

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 969 são contemplados 1.200\$00, no bilhete de cada série e, os terminados em 050, 306, 583, 792 ou 865, são contemplados com 800\$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 39, são contemplados com 1.040\$00 e, os terminados em 00 ou 44, são contemplados com 640\$00. Todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 9, são premiados com 400\$00, também no bilhete de cada série.

Os valores indicados na presente informação referem-se aos prémios obtidos no bilhete de cada uma das duas séries da emissão.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

ACORDO LUSO- FRANCÊS SOBRE PREVIDÊNCIA SOCIAL

PARIS, 7 — (R) — O Governo francês concordou hoje em apresentar ao parlamento para ratificação um novo acordo de segurança social entre Portugal e a França que interessa a cerca de 200.000 trabalhadores portugueses actualmente radicados neste país.

O acordo, assinado em Julho de 1971, melhora a assistência

social às famílias dos imigrantes que permaneceram em Portugal enquanto o chefe da família se encontra a trabalhar na França.

Os trabalhadores portugueses também terão direito a maiores pensões e subsídios não só durante o tempo que trabalharem aqui mas também se regressarem a Portugal incapacitados por acidente de trabalho sofrido em França.

PROVAS HÍPICAS DE VILA MOURA

VILAMOURA, 7 — Com a participação de 55 concorrentes disputaram-se, ontem, nesta zona turística, as primeiras provas do Concurso Hípico Vilamourense, na sua quinta edição. Justamente considerado como um dos mais importantes do calendário equestre, o concurso deste ano incluiu 26 provas, 10 de saltos de obstáculos a corridas de trote atrelado, passando pelo ensino e alta escola, sendo a sua

duração de 5 dias. Presidido pelo eng. Sobral Meireles o certame, que obedece aos regulamentos da Federação Equestre Portuguesa, está a despertar vivo interesse em todo o Algarve constituindo até uma das realizações mais dinâmicas desta modalidade desportiva.

Um dos grandes favoritos desta quinta edição do concurso hípico — é sem dúvida o capitão Pimenta da Gama que no ano

passado foi o principal vencedor do concurso. No entanto há a contar com nomes como major Moura dos Santos, tenente coronel Jorge Mathias, dr. Lima Garcia de assinalar também a presença do arq. João Caetano que pela primeira vez participa no concurso em Vilamourense.

Prova Corul, reservado a cavaleiros discipulos, disputada por sete conjuntos: 1.º Xilim Gamo Real, com Manuel Ban-

deira de Melo; 3.º Cirano com João Mendes Coelho.

Prova Construções Vilamourense, para cavaleiros juniores: (13 conjuntos em presença) 1.º com Luís Lupi e 2.º Hortelã Pimenta, com William Emerson.

Em terceiros classificados ficaram Cara Linda, Nulo, Caril e Faena montados pelos respectivos cavaleiros.

TODAS AS SEMANAS HÁ PRÉMIOS GRANDES

PARA QUEM PREFERE A LOTARIA DO

CAMPIÃO

ESTA SEMANA, FORAM

A TALUDA — 10.779 — 9.600 CONTOS

E O 3.º PRÉMIO — 35.113 — 320 CONTOS

DL / ESPECTÁCULOS

GRANDES GOLPES

(PETER YATES - MARIO MONICELLI)

TÍTULO: O GRANDE GOLPE
(The Hot Rock)
REALIZAÇÃO: Peter Yates, 1971 (EUA)
INTERPRETES: Robert Redford, Georges Segal, Ron Leibman, Paul Sand, etc...
DISTRIBUIÇÃO: Fox Filmes
ESTREIA: Cinema Berna (31-8-72)

TÍTULO: MORTADELA (Mortadella)
REALIZAÇÃO: Mario Monicelli, 1971 (Itália)
INTERPRETES: Sophia Loren, William Devane, Luigi Poletti, Beeson Carroll, etc...
DISTRIBUIÇÃO: Columbia Filmes
ESTREIA: Cinema Império (31-1-72)

Peter Yates (o realizador de *O Célebre Roubo de Glasgow*, *Bullit*, *John e Mary* e *Duelo à Beira do Rio*) reaparece com um filme desportivo, bem esgalhado tecnicamente, relatando mais um *hold up* memorável, desta feita com por cento vitorioso. O negócio roda à volta de uma pedra preciosa em exposição num museu, pedra essa que um delegado africano nas Nações Unidas pretende ver regressar ao seu país, onde a pedra é simbólica e de alto valor patriótico. As discussões na ONU versam o

A crítica de
LAURO ANTONIO

tema, mas à cautela, não vá o diabo tecê-las, o delegado prefere confiar num *gang* que lhe roube a pedra, a acreditar nos parlamentares que podem nada resolver. O *gang* rouba a pedra, mas na fuga, um deles é preso e, por azar, logo aquele que transportava a jóia. Para a desviar das mãos da Polícia, o assaltante engole-a e, daí em diante, a aventura prossegue, sempre com um ritmo certo e um humor evidente. Robert Redford e Georges Segal, cada um à sua maneira (e ainda Zero Mostel, de outra forma ainda) fazem os seus números e saem-se bem. Enfim, *O Grande Golpe*, não sendo nada de admirar, é uma aventura que diverte. Será lícito pedir-se, hoje em dia, isto ao cinema? Por nós, cremos que sim.

Muito mais desigual é *Mortadella*, de Mario Monicelli, um cineasta que nos dera coisas

bem mais apetitosas. Quem não se lembra de *Tóti, Polícia e Ladrão*, *Os Gangsters Falhados*, *A Rapariga da Pistola*? Pois o Monicelli de *Mortadella* perdeu muito do interesse, desenvolvendo com grande banalidade uma intriga algo desinteressante, opondo uma italiana do povo (Sophia Loren) à burocrática alfândega ianque, que não quer deixar entrar no território americano, um belo naco de mortadela para o seu *fidanzatto*. Depois, de desilusão em desilusão, Madellena irá descobrindo coisas sobre a América e sobre as pessoas, inclusive sobre o seu irreverente noivo que os ares da América transformaram num rapaz tranquilo e conformado. Tudo isto não chega para fazer um grande filme, e Sophia Loren não consegue preencher a contento o que falta. Fica assim uma mediocridade dominante, que nem uma ou outra sequência mais lograda consegue contrariar. Monicelli, em baixo de forma, não é caso raro. O contrário seria sim de sublinhar. Porque afinal, são mais as banalidades ao longo da sua filmografia, do que as obras efectivamente importantes.

REGGIANI REGRESSA À TELA

PARIS — Robert Enrico terminou as rodagens da película «Les Caid», que tem como principais intérpretes Patrick Bouchitey, Juliet Berto, Serge Reggiani, Jean Bouise, Michel Constantin e Michel Ardan.

Jeanne Moreau: luz verde a Diegues

PARIS — A actriz de cinema Jeanne Moreau deu autorização ao realizador brasileiro Carlos Diegues para rodar no seu país uma película com o título «Jeanne, la Française», para a qual já acabou de escrever o argumento.

Bailarino faz planos para tumulto

SEVILHA, ESPANHA — Quando o mais famoso bailarino de flamenco do mundo morrer, os seus admiradores poderão vê-lo a cançar em cima da sua sepultura.

António, cujo grupo de bailarinos ciganos já percorreu várias vezes o mundo, revelou aos jornalistas os planos de um túmulo que mandou construir no cemitério de San Fernando, em Sevilha.

Num pedestal, erguido sobre o túmulo, ficará uma estátua de António a dançar o flamenco.

Almada Negreiros EXTERNATO

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-1.
Tels. 538308 - 538349

Junto ao Teatro Monumental

CICLO PREPARATÓRIO, LICEAL INSTITUTOS

DIURNO — NOCTURNO

(ABERTAS AS INSCRIÇÕES)

JERRY GARCIA primeiro trabalho a solo

A crítica de discos
de
JOSE JORGE LETRIA

Para o norte-americano Jerome (Jerry) Garcia tudo é possível desde que valha a pena. Foi à luz desta moral aparentemente simplista e imprevisível que Jerry fez sete álbuns com os «Grateful Dead» e que, mais recentemente, gravou o seu primeiro trabalho a solo.

Durante muito tempo Garcia foi solista daquele conhecido agrupamento californiano compondo para ele grande parte dos temas que o popularizaram.

Lesh e Hunter, dois excelentes músicos da Baía da Califórnia, igualmente integrados nos «Grateful Dead» colaboravam regularmente com ele no trabalho de competição.

Depois de gravar sete álbuns com o seu grupo, Jerry Garcia decidiu, à semelhança de grande parte dos seus companheiros da Califórnia, fazer um trabalho independente. Através dele, e durante uma audição demorada, fica-se, porém com a noção exacta da importância de Jerry dentro daquele grupo.

«Garcia» (assim se chama o álbum) funciona por isso mesmo como o oitavo trabalho do grupo, em vez de ser o primeiro de Jerry.

O facto não deve aliás causar estranheza, pois o conhecido solista californiano socorreu-se na gravação de alguns dos músicos de sessão que colaboravam com os «Grateful Dead». Eram eles: Bill Kreutzman, baterista do grupo, e o próprio Hunter, que compôs com Garcia grande parte dos temas. Veio depois o período áureo. Analisemos agora o processo em que se insere a gravação de álbuns a solo por músicos de grande prestígio.

Durante muito tempo os «Grateful Dead» actuaram juntamente com alguns dos melhores grupos da região em pequenos clubes de North Beach e nas salas de espectáculos de Ashbury.

dos grandes concertos ao ar livre e das actuações privadas para as pequenas comunidades do Haight. Dezenas de milhares de pessoas assistiam entusiasmadas às exhibições do grupo que, poucos meses mais tarde viu sem grande dificuldade editado em disco o produto de algumas actuações ao vivo. Uma coisa porém unia fortemente todos os músicos californianos: a necessidade de se libertarem das pressões exercidas pelas grandes editoras, lançadas na exploração comercial da música que produzia.

Foi assim que músicos como Garcia, Howard Wales (organista) e Marmaduke, «leader» dos «New Riders of The Purple Sage», trocaram o ambiente febril dos grandes estúdios de S. Francisco pela serenidade das longas sessões privadas em que lhes era reservada toda a liberdade de escolha. Só assim era, de facto, possível ensaiar com honestidade novos processos sonoros e pô-los em prática ao nível das gravações.

Grande admirador de Django Rheinhardt cuja técnica de execução (especialmente no que se refere ao uso rapidíssimo da mão direita) parece ter assimilado planamente, Jerry Garcia decidiu em determinada altura libertar-se do espantilho do grupo e trabalhar por conta própria, sem prazos nem influen-

cias estranhas.

A seu lado colocou, oportunamente, Bob, Betty e Ramrod, três excelentes «road managers» que o ajudaram na selecção dos temas e na difícil preparação técnica do álbum. Do trabalho colectivo resultou «Garcia» um ciclo com dez temas extremamente equilibrados, que pretende dar uma panorâmica larga da obra do músico e do seu percurso através de alguns dos géneros musicais mais importantes da sua época.

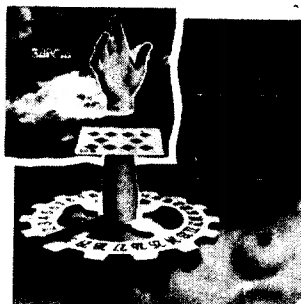
Misto de «country rock» e de experimentalismo electrónico, este trabalho gravado para a Warner Brothers representa (embora não as esgote) as fases mais importantes do trabalho desenvolvido por Jerry Garcia.

A sua audição impõe-se, pois, a dois níveis:

1 — para se poder apreciar a importância decisiva de Jerry Garcia na obra dos «Read».

2 — Para se tomar contacto, isoladamente, com um dos músicos mais importantes do «rock» norte-americano.

Cantor da amizade e adepto das coisas claras e acessíveis, Jerry Garcia é uma das figuras mais fascinantes da música californiana. «Garcia», o seu primeiro álbum a solo, embora não nos forneça uma prova acabada disso deixa-nos bastante perto da sua verdadeira imagem.



Jerry Garcia um músico corpulento, com uma espessa barba negra, sorrindo por detrás dos seus pequenos óculos de aros metálicos, leva-nos ainda a acreditar no fascínio duma América cada vez mais envenenada pelos erros políticos dos seus dirigentes.



MOURA

UM GRANDE CARTEL NA FEIRA ANUAL

6.ª-feira 8 de Setembro

8 — TOUROS das Ganadarias de D. Maria Ana Passanha (4 para os cavaleiros) e Porto Alto (4 para espadas)

J. MESTRE BATISTA
LUÍS M. DA VEIGA
JOSÉ JÚLIO
RICARDO CHIBANGA

Forcados Amadores de Évora, chefiados por João Nunes Patrinhos

Festival de piano em Nancy

NANCY, FRANÇA, 7 — Criado por Jack Dieval, o «Festival Mundial de Piano» realiza-se em Nancy de 18 a 22 de Setembro.



APRESENTA HOJE
ÀS 21,30

STEVE McQUEEN
CHARLES BRONSON
RICHARD ATTENBOROUGH
JAMES COBURN
DONALD PLEASANCE
JAMES GARNER

no regresso de um grande êxito!

COR DE LÍNE PANAVISION



A GRANDE EVASÃO

GRUPO B
10 ANOS

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
MOVIMENTO, ALEGRIA, ANIMAÇÃO, EIS O QUADRO QUE TODAS AS NOITES PATENTEIA A QUEM A VISITA
AS ATRACÇÕES SÃO NUMEROSAS
EXPOSIÇÕES ABERTAS AO PÚBLICO
EM MAJESTOSOS PAVILHÕES E LINDOS STANDS DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER
ABERTURA ÀS 19 HORAS

DL/ESPECTACULOS

DL show

Simone de Oliveira que actualmente se encontra integrada no elenco da peça «A Cama dos Comuns», a levar à cena no Teatro Variedades continua, segundo parece, com uma corda vocal afectada. O problema arrasta-se. Para quando as melhoras? Apesar disso, Simone está a preparar repertório para voltar a gravar. Os poemas são de Natália Correia, Ary dos Santos, Lima Barros e se possível, Alexandre O'Neill. A música será de Fernando Guerra, Tó Zé Brito, José Cid e Pedro Jordão.

Tereza Paula Brito que agora se encontra ligada à etiqueta Orfeu parece, segundo informa o seu empresário, interessada em participar brevemente em festivais internacionais. Split, por exemplo, faz parte dos seus projectos.



Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique -72



A LAREIRA

Agora salão próprio para o seu lanche de casamento ou baptizado

LAREIRA

P. DAS ÁGUAS LIVRES, 8-1 — LISBOA

«O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Matos da Cruz, Rua Joaquim Guilherme Costa Caldas, 10 AGUALVA — Cacém

No decorrer duma tournée internacional, vem a Portugal a Camerata Bariloche, conjunto de Câmara da Fundação Bariloche que já actuou em cerca de vinte e cinco países. Criada em 1966 a Camerata funciona como órgão de expressão do Departamento de Música da Fundação Bariloche, Instituição privada de bem público com sede na província de Rio Negro na Argentina.

Realiza-se em Santarém de 23 a 29 de Outubro o II Festival Internacional do Filme Agrícola e de Temática Rural. Só de Espanha vêm sete documentários de três especialistas do filme agrícola: José Lopez Clemente, Francisco de la Calle e José Neches.

O actor Eduardo Villaverde, após dois meses de desemprego, conseguiu um papel na peça «A Cama dos Comuns».



23 a 29 de outubro 1972 Santarém - Portugal

UMA NOVA COLECÇÃO ORGANIZADA PARA SI MINERVA DE BOLSO

Volumes publicados:

- | | | |
|---------|---|--------|
| N.º 1 | — MADAME BOVARY, de Gustav Flaubert | 15\$00 |
| N.º 2 | — O INFERNO DOS HOMENS VIVOS, de Guido de Verona | 1500 |
| N.º 3 | — O CRIME DO PADRE MOURET, de Emílio Zola | 15\$00 |
| N.º 4 | — VIETNAME — A CHACINA DE MYLAI, de John Sack | 15\$00 |
| N.º 5/6 | — PARA ALÉM DA MORTE, de John Galsworthy | 25\$00 |
| N.º 7 | — DRÁCULA, de Bram Stoker | 15\$00 |
| N.º 8 | — CADERNO PROIBIDO, de Alba Céspedes | 15\$00 |
| N.º 9 | — A DAMA DAS CAMÉLIAS, de Alexandre Dumas (Filho) | 15\$00 |
| N.º 10 | — VORAGEM, de Máximo Gorki | 15\$00 |

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS

EDITORIAL MINERVA

RUA LUZ SORIANO, 33 — LISBOA 2.

AUTOCARRO OU CAMIONETA ANTIGA

COMPRA-SE

Compra-se um autocarro antigo (ou uma camioneta que possa ser modificada para autocarro, também antiga) com capacidade para um número razoável de pessoas e em bom estado. Para utilização particular. Resposta a este jornal ao n.º 627.



Helena Félix desempenha três dos papéis de «Testemunho Inadmissível».

JOHN OSBORNE NO T.E.L. três papéis para Helena Felix

Numa encenação de Luzia Maria Martins a companhia do Teatro Estúdio de Lisboa vai levar à cena «Testemunho Inadmissível», um dos textos mais representativos do dramaturgo John Osborne e um dos mais importantes da dramaturgia contemporânea.

Um dos aspectos mais aliciantes deste espectáculo que o TEL se propõe estrear durante o

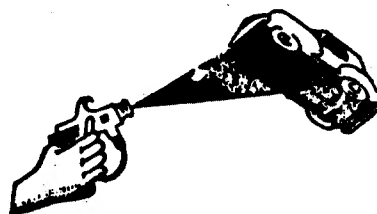
mês de Setembro, é tripla criação de Helena Felix que, no auge da sua carreira, compõe três figuras de grande complexidade num excepcional trabalho de desdobramento.

Recordamos que Helena Felix fundou com Luzia Maria Martins a Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa e que em 1970 recebeu o prémio de Imprensa para a melhor re-

presentação feminina nas peças; «Quem É Esta Mulher?» de Marguerite Duras e «Lar» de David Storey.

Vencendo obstáculos da mais diversa natureza o TEL tem conseguido sobreviver para nos dar teatro de qualidade. «Testemunho Inadmissível» de John Osborne será por isso mesmo um espectáculo para ver e reflectir.

SR. AUTOMOBILISTA POUPE DINHEIRO



Defenda o seu carro do Inverno, da ferrugem e da corrosão do mar! Não mais pinturas nem parafinações! Menos ruídos

Mandando aplicar uma camada de «UNDERBODY». Plastificante, em toda a parte inferior do seu automóvel.

Um trabalho de especialistas

COTAL — Rua Artilharia, Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A

450\$00 — 550\$00 — 650\$00

METROPOLITANO DE LISBOA

S. A. R. L.

ADMISSÃO DE SERRALHEIROS-MECÂNICOS, DE ELECTRICISTAS E DE TORNEIROS

Os interessados deverão ter satisfeito as obrigações do serviço militar, não ter mais de 35 anos de idade, constituindo condições de preferência o possuírem habilitações de escolas industriais.

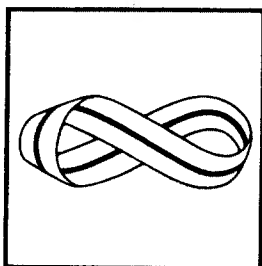
Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses, outros benefícios.

As inscrições deverão efectuar-se no edifício das Oficinas Gerais em Sete Rios, onde se prestam todos os esclarecimentos.



Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Acores

Estamos onde Você estiver.
No Continente.
Nas Ilhas. No Ultramar.
Somos uma organização em dia
com quadros jovens
e especializados
para a resolução de cada caso.
Actuamos com total
transparência de processos.



BANCO TOTTA & AÇORES

Num mundo novo o Banco Novo

DL/GERAL

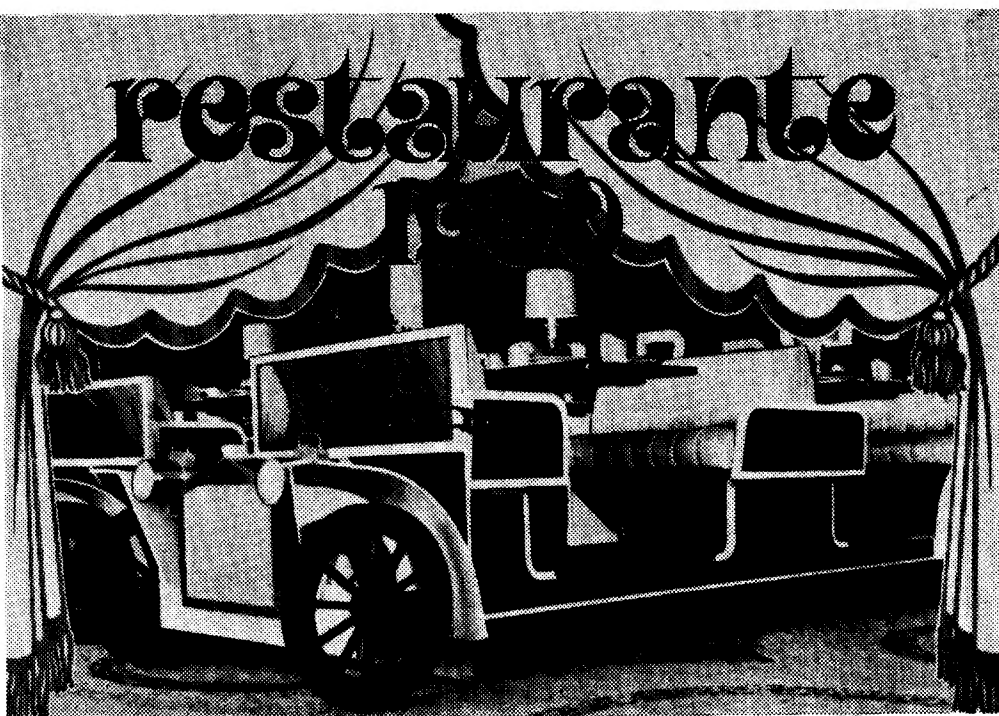


TELEX DE JOAQUIM LETRIA

Terror nas ruas já cansou os irlandeses



Três membros da U.D.A., grupo de feição nazi constituído para proteger os protestantes irlandeses contra os católicos.



**Uma cozinha
de «grand prix»
no mais original
dos ambientes
(no autódromo de estoril)**

Para si que aprecia as coisas boas da vida, para quem a boa mesa é importante e o ambiente também, criamos nós o «Restaurante 1900». Situado no triângulo turístico de Lisboa, Cascais e Sintra, o «Restaurante 1900», aberto todos os dias, tem desde já lugar marcado na sua agenda. Venha fazer a sua primeira «prova». Transportá-lo-emos através do variado circuito de uma cozinha mais que excelente, a bordo de uma das nossas pitorescas «D. Elvira». Haverá melhor modo de viajar? Marcação pelo telefone 241-559.

SOMOTEL

sociedade portuguesa de motéis, s.a.r.l.

LONDRES, 7 — Os chefes da ala provisória do IRA estão a planejar alterações na liderança daquela organização e a preparar novas táticas ofensivas para a Irlanda do Norte.

Os responsáveis pelo ilegal Exército Republicano Irlandês parecem estar ansiosos por evitar dissensões nos seus quadros directivos e deserções nas fileiras.

Assim, espera-se que esteja iminente o fim da actual campanha de rebentamento de bombas. Tem sido a insistência na violenta tática da colocação de bombas que tem afastado muita gente das fileiras do IRA e roubado muito apoio da população, a qual se mostra fatigada com tão longa e sangrenta guerra.

Os rumores de uma crise na chefia do IRA foram postos a correr depois das revelações de Maria McGuire, a antiga militante que abandonou a organização e denunciou atitudes de antigos correligionários.

Hoje, o que se fala aqui em Londres, bem como em Belfast, e é corroborado em Dublin, é que está para breve o regresso às táticas usadas pelo IRA (Irish Republican Army), no decurso da sua acção ofensiva ao longo da década de 20.

Segundo especialistas militares esclarecem essas táticas baseiam-se em unidades de guerrilheiros, extremamente móveis, cada uma delas com cerca de 20 homens, equipados com armas modernas e leves, as quais se dedicariam a golpear alvos militares em qualquer ponto do território da Irlanda do Norte, fugindo rapidamente, em seguida. No fundo, parece-me que não é mais do que o sistema usado por qualquer guerrilha, mau grado os 20 homens, número demasiado elevado normalmente nos casos tradicionais, a empregar no jo-

go do «toca e foge». Com esta forma de luta procurar-se-ia evitar o massacre desnecessário de civis.

Entretanto, a chefia do IRA acabou de desmentir oficialmente que exista divergência no seu seio. Na declaração, afirmava-se simplesmente que o IRA está a proceder a remodelações nos seus quadros e a remodelar o esquema da organização. Por outro lado, sabe-se que Sean McStioffin, o homem todopoderoso do IRA, continua de pedra e cal, apesar de Maria McGuire ter afirmado que havia nas fileiras do IRA quem desejasse matá-la.

CABEÇA A PRÉMIO

Maria McGuire é uma irlandesa licenciada pela Universidade de Dublin que viu o seu nome nos jornais pela primeira vez em Outubro último. Nessa altura, ela fora presa em Amsterdão ao tentar passar clandestinamente armas checas para a Irlanda do Norte. Hoje, a Imprensa de todo o mundo publica o seu retrato por ter abandonado o IRA e classificado o seu chefe, Sean McStioffin, como de um «assassino fanático».

Com 24 anos, Maria McGuire é filha de um funcionário público de Dublin e trabalhou para o IRA até ser presa pela Polícia holandesa com o carregamento de armas.

Em declarações exclusivas ao semanário «Observer», Maria McGuire disse: «Não posso aceitar a campanha de bombas desde que civis estejam em causa. Não tolero o que se faz em nome do IRA, sendo McStioffin quem tudo decide, como um ditador». Ex-militante do IRA,



Maria McGuire

Maria McGuire, acusa o chefe do IRA (ala provisória) de ser o responsável pela carnificina de civis inocentes. E diz que dentro do IRA há quem deseje eliminá-lo por estar obcecado com a violência.

Hoje, Maria McGuire é procurada pela Interpol, por tráfico de armas, e diz-se que o IRA não perdoará semelhante traição. Com a cabeça a prémio, esta jovem é no entanto, uma importante arma política para as autoridades britânicas, com a qual poderão jogar no xadrez Londres-Dublin-Belfast.

Por estas razões, Maria McGuire é uma jovem escondida algures no sul de Inglaterra, para onde foi levada pelo jornalista do «Observer» após a sua entrevista, com medo de represálias. Diz-se igualmente que está sob protecção especial, o que não custa a acreditar. Mas a verdade é que enquanto os jogos se encham com os Jogos Olímpicos e com a aborrecidíssima conferência dos sindicatos, o «Observer» foi o único a trazer uma história política de verdadeiro impacto.



A calma aparente das ruas de Belfast.

MONUMENTAL

HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS
Grupo D—M/18 anos

VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO

NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
JULIO CÉSAR • VICTOR MANUEL

PICCADILLY STARS BALLET
4.º MES
Mais de 60 figuras em cena

MONTIJO
Grupo A M/6 anos

SÁBADO,
9 DE SETEMBRO,
AS 22 HORAS

EXTRAORDINÁRIO CONCURSO DE PEGAS
Sendo lidados 6 PODEROSOS E LINDOS TOIROS dos HER. de CONDE CABRAL

Será disputado um valioso TROFÉU, para a melhor pega entre os forcados AMADORES DE LISBOA (NUNO SALVAÇÃO BARRETO), TERTÚLIA DO MONTIJO (EDUARDO CARVALHEIRA) E ALCOCHETE (JOÃO MANUEL MIMO)

CAVALEIROS
D. JOSÉ DE ATAYDE—MESTRE BATISTA
E DR. FREDERICO CUNHA

TOTOBOLA: Teremos em breve, o 3.º prêmio?

Os representantes dos órgãos de informação e a direcção do Totobola, reuniram-se, num dos hotéis da capital. Abrindo a reunião, que anualmente se realiza a anteceder o primeiro concurso das Apostas Mútuas Desportivas, usou da palavra o dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca que depois de agradecer a presença e a ajuda dos órgãos informativos, afirmou:

«Comparativamente ao período de 1971, realizaram-se, de Janeiro a Julho deste ano (inclusive), mais dois concursos, apesar de ter sido suprimida do calendário federativo a Taça Ribeiro dos Reis, que nas épocas anteriores preenchera o «vazio» futebolístico que, até ao defeso, se segue à disputa dos Campeonatos Nacionais e da Taça de Portugal.

Ao número de concursos realizados, correspondeu um acréscimo verdadeiramente significativo na quantidade dos bilhetes de apostas movimentados — a traduzir-se num aumento de receitas da ordem dos 95755 contos, em relação aos mesmos sete primeiros meses do ano passado, este facto permite considerar como inteiramente viável que a gerência de 1972 venha a saldar-se em um impressionante recorde: o volume das receitas anuais ultrapassar os 700 mil contos».

Mais adiante, salientou o dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca: «E de esperar que o ritmo de progresso verificado ao longo de 1972 se não mantenha do decurso do ano seguinte — já que as circunstâncias em que os

concursos virão a enquadrar-se não serão as mesmas, entendendo-se prudente reprimir o nosso optimismo quando a 1973...

De qualquer modo, é eloquente inscrever, aqui, o montante global proporcionado pelo Totobola, de 1961 a 1971, à recuperação de diminuídos físicos e ao fomento gímnodesportivos: 1638980227\$80. Desta verba, foram atribuídos ao Fundo de Fomento do Desporto, às Federações e Associações Regionais Desportivas e à Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho — 694539 contos, cabendo, ainda, ao Ultramar, 219420 con-

tos, aplicados, ali em partes iguais, à assistência a diminuídos e à educação física e aos desportos».

Referindo-se ao futuro: «Na próxima época, admitindo-se como provável que algumas equipas portuguesas venham a querer aproveitar dos benefícios financeiros e desportivos que a participação na Taça Internacional pode proporcionar-lhes, e considerando-se viável que o calendário do Campeonato de Moçambique possa vir a coincidir com o de Angola — com a realização de jogos nos meses de Junho e Julho —

o Totobola terá assegurado, nos meses que se sucedem ao termo das competições oficiais de futebol no Continente, o número de jogos suficientes para neles assentar a realização de concursos que reünam o aliciante necessário para cativar o interesse do público apostador».

Quase a terminar, e depois de afirmar que o preço das Apostas Mútuas não sofrerá alteração, salientou o dr. Correia da Fonseca:

«Outro ponto a referir — é o de se terem concluído, já, praticamente, os estudos que hão-de conduzir à introdução

futura de alterações de certa importância no regulamento dos concursos, de modo a adequar esse elemento fundamental à prática de novas e progressivas técnicas de contagem, escrutínio

e processamento dos Prémios. A seu tempo, e logo que se atinja a fase da indispensável homologação, se procederá ao anúncio formal dessas importantes inovações».



Para além dos números verdadeiramente sensacionais, relativos às receitas das Apostas Mútuas Desportivas nos seus onze anos de actividade, o dr. Correia da Fonseca revelou ontem, julgar poder dentro em pouco anunciar a criação do terceiro prémio, «sonho» de muitos e muitos concorrentes.

ENVENENADO PELA MULHER

Um homem de 29 anos, Domingos da Costa Pereira, residente no Bairro da Musgueira Norte, Rua Q, 24, foi envenenado pela mulher com quem vivia há oito anos e da qual tinha dois filhos menores — revelou a Polícia Judiciária, depois de aturadas investigações que já decorriam há semanas.

A questão, que neste momento é tema obrigatório dos habitantes de todo o bairro, já se arrastava há muito tempo, pois era do conhecimento geral o comportamento da mulher do sr. Domingos, com quem casara sem gostar.

Segundo a versão dos acontecimentos dados pela própria população, o sr. Domingos, que trabalhava na construção civil como servente, tudo desculpava à mulher (ela já o tentara enve-

nenar há três anos), trabalhando o mais que podia para que nada faltasse aos filhos — uma menina de seis anos e um rapaz de dois.

Em 27 de Julho tudo se precipitou, quando, já no trabalho, o servente se sentiu muito agoniado. Como o mal-estar não lhe passasse, apesar de ter melhorado depois de provocados vômitos, regressou a casa, onde piorou instantaneamente após ter ingerido um «cháizinho» dado pela mulher. Aparentemente do que se estava a passar, a vizinhança chamou uma ambulância que transportou a vítima ao Hospital de Santa Maria, tendo os médicos em serviço desconfiado desde logo do que se tratava. A mulher tinha acompanhado o marido doente como se de nada soubesse e, in-

terrogada por um dos clínicos, acabou até por indicar o produto que tinha dado ao marido, o que veio a permitir o tratamento rápido e adequado que acabou por salvar a vida ao homem envenenado. Porém, a dose foi tão forte que o sr. Domingos só muito dificilmente poderá recuperar completamente a saúde que possuía anteriormente.

As investigações estiveram a cargo da 3.ª Secção da Polícia Judiciária (sub-inspector Estorinho e agente Pinto do Rego, superioemente orientados pelo inspector dr. Eduardo Baptista), que, além da confissão da incriminada quanto ao envenenamento, obtiveram a confirmação de outras questões das quais pouco ou nada se suspeitava.

Ensino nocturno em alguns liceus

Vai funcionar no próximo ano lectivo, a título experimental, o ensino liceal nocturno. As matrículas estarão abertas nos liceus de: Camões, Lisboa; D. João III, em Coimbra; e D. Manuel II, no Porto, de 12 a 20 do corrente.

Podem requerer a matrícula no 3.º e no 6.º anos, indivíduos de ambos os sexos, empregados, com

8 anos feitos, ou a fazer até 31 de Março de 1973, respectivamente, com a habilitação do ciclo preparatório e com o do 2.º ciclo dos liceus.

A matrícula faz-se por disciplinas no período de funcionamento normal das secretarias dos referidos liceus, e, também, em período extraordinário, das 9 às 2 horas.

AMANHÃ ESTREIA ÀS 20,45 e 23 horas

Teatro abc

grupo D-M 18 anos

sérgio azevedo apresenta:

DURA LEX SED LEX...



thomas genebra e aleu cassiano
NOVA COREOGRAFIA!

NOVOS AUTORES!

NOVA MÚSICA!



victor espadinha



isabel de castro



ENCENAÇÃO
joão guedes



COREOGRAFIA
mário santiago



MÚSICA
pedro osório

g.gomes

UM ANÃO ESPECTACULAR!



marta vigo



CONJUNTO "a banda"



REALIZAÇÃO PLÁSTICA
manuel lima



FIGURINOS
isabel laginhas

LUMINOTÉCNICA

f. berra



kiarina



suzanne



linda



barbara



wendy



bogi

ballet de
jonh mcgrath



jay south



hilary



tracey



tony



fiona



lesley

DL/REPORTAGEM

TOTOBOLA RECOMEÇA NO DOMINGO

AO LONGO DE ONZE ÉPOCAS SURGIRAM 87 MILIONÁRIOS

No próximo domingo inicia-se a 12.ª época do Totobola. Nas 11 épocas anteriores, cujo interesse nem sempre foi crescente — o número de apostas verificado em 1970 foi inferior aos números registados de 1967 a 1969 — o popular concurso foi dando inúmeros prémios, tendo «feito» nesse espaço de tempo 87 milionários.

GALERIA DOS MILIONÁRIOS

Antes de mais um pormenor: entre os 87 contemplados com mais de mil contos, há a registar 15 bi, 10 tri e 2 quadrimilionários.

Começemos pelo primeiro milionário, que foi «manchette» nos jornais e fez aumentar o interesse pelo Totobola: aconteceu no dia 1 de Abril (desta vez não foi mentira...) de 1962, portanto na 1.ª época, e foi caso virgem. O felizado sr. Augusto Maria Pezo, empregado de armazém, residente em Oeiras, ganhou 1 299 997\$00.

Por falar em profissões: entre os milionários do Totobola há muitos homens de profissões modestas, como o podem atestar um polícia, vários empregados de escritório, um empregado de mesa, um trabalhador rural, um pintor de construção civil, dois emigrantes, etc..

Entretanto, a época que «construiu» maior número de milionários foi a 11.ª (1971/72), com 25. Foi neste ano que surgiu igualmente o maior prémio de sempre na história do Totobola: 4 078 697\$40, ganhos no concurso n.º 21, de 30/1/72, pelo sr. José Ferreira, de Lisboa. Por épocas, o número de milionários foi surgindo ao seguinte ritmo: um na 1.ª época e quatro, três, três, oito, oito, seis, quinze, quatro, dez e cinco nas seguintes.

ANÓNIMOS, MULHERES E EMIGRANTES

Curiosamente, foi na 5.ª época que surgiu o primeiro premiado com mais de mil contos cujo boletim tinha uma cruz no verso. Aliás, foram dois os concorrentes nestas circunstâncias — os dois primeiros milionários anónimos. Ambos eram de Lisboa e ganharam, respectivamente 1 114 551\$60 e 1 274 916\$30.

A partir desta época, a moda dos «anónimos» pegou e o número de milionários que quiseram continuar desconhecidos foi aumentando de tal maneira que, até ao último concurso, havia já 21 milionários sem nome (24 por cento do total).

Entretanto, no que respeita a mulheres, a galeria dos milionários do Totobola conta com sete, sendo a primeira a sr.ª Judite Narciso Rosado, de Estremoz, que, no concurso 33.º, de 4/5/64, arrecadou 1 088 298\$70 (esta concorrente gastou apenas 6\$00 e nas quatro colunas que preencheu, além do treze, conseguiu também dois «zeros»...). Já agora, registre-se que na história dos milionários do Totobola há dois emigrantes: o sr. Joaquim de Oliveira Couto, residente na Venezuela, que ficou com 1 469 113\$00 no concurso em 23/10/66, e o sr. António Pinto, a trabalhar na África do Sul, premiado com 4 067 000\$00 no dia 22/12/68 (foi a primeira vez que apareceu um quadrimilionário).

ULTRAMARINOS

Vejamos os premiados de além-mar: no conjunto das 11 épocas, houve, naquelas paragens, 12 totobolistas milionários. O primeiro a ter essa sorte foi o sr. Edgar Ferreira Maciel, de Luanda, que recebeu 1 540 064\$00 em 22 de Janeiro de 1963 (os concursos do Totobola em Angola começaram na 2.ª época, em Setembro de 62).

Por outro lado, o primeiro premiado de Moçambique a entrar na «Galeria» de que estamos a tratar, foi o dr. Pinto de Almeida, que em 2 de Outubro de 1966 se tornou o primeiro trilionário da história do popular concurso: 3 535 888\$40 (de referir que em Moçambique o Totobola se iniciou em Setembro de 65, isto é, na 5.ª época).

Contudo, enquanto em Angola já apareceram seis premiados com mais de mil contos, e em Moçambique quatro, na Guiné apenas uma pessoa está nessas circunstâncias, o mesmo acontecendo em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e nas ilhas adjacentes.

Para a posteridade: o sr. José da Piedade Alves, de Bissau, é o «milionário da Guiné», tendo ganho 2 456 395\$00 em 26/12/71; o sr. Frederico Avelar de Mendonça, de Angra de Heroísmo, é o «ilhéu milionário», tendo recebido 1 119 contos no dia 14 de Novembro de 1965.

Uma curiosidade: dos 87 totobolistas milionários, 17 residiam em Lisboa, 10 nos arredores da capital (dois dos quais na Cova da Piedade), seis no Porto, três em Évora, dois em Abrantes, Aveiro, Elvas, St.º Tirso e Viseu, e os restantes nas mais diversas localidades.

BILHETES UTILIZADOS

Enquanto em 1962 foram utilizados 19.931.598 bilhetes em 96.850.000 emitidos — 20,6 por cento —, em 1970 último ano de que possuímos números, utilizaram-se 38 milhões, 378 mil e 570 bilhetes, dos 140.500.000 emitidos, o que corresponde a uma taxa de utilização da ordem dos 27,3 por cento. De referir que nos três anos anteriores foram utilizados mais bilhetes, com relevo para 1969: 41.704.570 em 145.490.000 emitidos.

Segundo o Relatório e Contas da Gerência do Totobola em 1970, a quebra significativa registada é «perfeitamente explicável pelas circunstâncias anómalas que caracterizam a panorâmica futebolística portuguesa».

Quanto à espécie de apostas inscritas nos bilhetes, em 1970 registaram-se 34.137.896 simples e 4.240.674 múltiplas.

Entretanto, será curioso ver quais foram os limites máximo e mínimo de bilhetes participantes, num só concurso, durante uma época inteira. Assim, enquanto em 1962 esses limites foram respectivamente de 697.092 e 285.143, em 1970 atingiram os valores de 1.066.777 e 437.613.

NÚMERO DE APOSTAS POR HABITANTE

No que respeita ao binómio aposta-população, a evolução verificada mostra-nos o seguinte aspecto:

Anos	Por Habitante			
	Por Ano		Por Concurso	
	Apostas	Dispêndio	Apostas	Dispêndio
1963	14,53	21\$79	0,338	\$51
1964	16,90	25\$35	0,367	\$55
1965	19,57	29\$35	0,425	\$64
1966	22,66	34\$00	0,565	\$85
1967	26,29	39\$43	0,611	\$92
1968	30,45	45\$67	0,661	\$99
1969	34,00	51\$10	0,756	\$113
1970	33,85	50\$75	0,751	\$112
1971	31,51	52\$97	0,700	\$117

Convém esclarecer que a população ultramarina aqui considerada é apenas a susceptível de participar nos concursos — segundo esclarece o próprio relatório já referido.

Porém, se tomarmos em conta a população global, obteremos, quanto ao ano de 1970, os seguintes dados por habitante:

Número médio de apostas, 15,39; Importância média despendida anualmente, 25\$87; Número médio de apostas por concurso, 0,342; Importância média despendida por concurso \$57.

Analisando o quadro acima, nota-se, portanto, um ligeiro aumento da importância despendida por habitante nas apostas mútuas desportivas.

CARACTERÍSTICAS DAS APOSTAS PREMIADAS

Durante 1970, para os 584 jogos incluídos nos concursos realizados, foram os seguintes os prognósticos acertantes:

«1», 304; «X», 138; «2», 142.

Daqui, determina-se a «chave» média por concurso:

	1968	1969	1970
«1»	7	6	7
«X»	3	4	3
«2»	3	3	3

Comparando as composições das chaves do último triénio, conclui-se que o predomínio das vitórias caseiras assume valores iguais nos anos extremos.

RECLAMAÇÕES

Na opinião dos responsáveis do Totobola, «a reclamação de um prémio não atribuído constitui sempre

um acto desagradável para as partes interessadas: para a Organização, porque traduz um erro de um seu colaborador, embora humanamente justificável dada a natureza do trabalho a executar; para o apostador, porque representa toda uma gama de incómodos para os quais não contribuiu. Contudo, mercê de uma série de medidas rigorosas que vigoram desde o primeiro momento, o número de reclamações continua a ser inexpressivo». Vejamos o seguinte quadro:

Reclamações	1968	1969	1970
Deferidas			
Do 1.º prémio	10	20	16
Do 2.º prémio	461	577	609
Média por Concurso			
Do 1.º Prémio	0,22	0,44	0,36
Do 2.º Prémio	10,24	12,82	13,53

Uma referência ao número de agências: durante 1970 manteve-se inalterado o espaço do território nacional abrangido oficialmente pelos serviços do Totobola. Contudo, mercê da recepção de um novo contingente de máquinas registadoras, foi possível intensificar-se a cobertura de localidades onde ainda não se verificava a existência de agências ou esta era deficiente.

Assim, foi possível o funcionamento de mais 272 novas agências, encontrando-se em 31 de Dezembro em plena actividade 3194, assim distribuídas:

	1969	1970
Continente	2.278	2488
Madeira	39	40
Açores	38	49
Angola	305	329
Cabo Verde	11	10
Guiné	11	12
S. Tomé e Príncipe	9	9
Moçambique	231	257
Total	2.922	3.194

MÁXIMOS E MÍNIMOS

O interesse do público pelo Totobola varia muito de concurso para concurso. Tudo depende do modo como os campeonatos estão a decorrer, da popularidade das equipas que entram nos progósticos, e, muito especialmente, se se trata de futebol. Com efeito, os quadros de máximos e mínimos do Totobola, mostram, sem margem para dúvidas, que o número de apostas verificado na altura dos concursos sobre ciclismo (Volta a Portugal, em Bicicleta, em Agosto de 1963), foram, de longe, os mais baixos. Repare-se nesses quadros:

MÁXIMOS

Matrizes, n.º 22, de 2-2-69, 1253631; Apostas, n.º 13, de 1-12-68, 11386909; Receitas, n.º 22, de 6-2-72, 18441610\$00; Número de 1.ºs prémios, n.º 30, de 4-4-71, 15411; Número de 2.ºs prémios, n.º 30, de 4-4-71, 117999; Valor dos 1.ºs prémios, n.º 32, de 16-4-72, 3990974\$60; Valor dos 2.ºs prémios, n.º 13, de 5-12-71, 412712\$40.

MÍNIMOS

Matrizes, 68 969 (Agosto de 63, 3.º Concurso da Volta a Portugal); Apostas, 353850 (Agosto de 63, 2.º Concurso da Volta); Receitas, 530775\$00 (Agosto de 63, 2.º concurso da Volta); N.º de 1.ºs prémios, concurso 27 de 62, com um único prémio; N.º de 2.ºs prémios, concurso 27 de 62, com cinco.

Valor do primeiro prémio, 226\$30, no concurso 30 de 71; Valor do 2.º prémio, 29\$50, no concurso 30 de 71.

Quer dizer: no dia 4 de Abril de 1971, os 15411 apostadores que acertaram em todos os resultados, tiveram como prémio da sua façanha a «enorme» quantia de 226\$30, enquanto os 117999 «felizardos» com 12 resultados certos arrecadaram o «fabuloso» prémio de 29\$50. Contrastes do Totobola, como se pode ver também através das receitas máximas e mínimas num só concurso: 18 441 610\$00 e 530 775\$00.

DL/GERAL

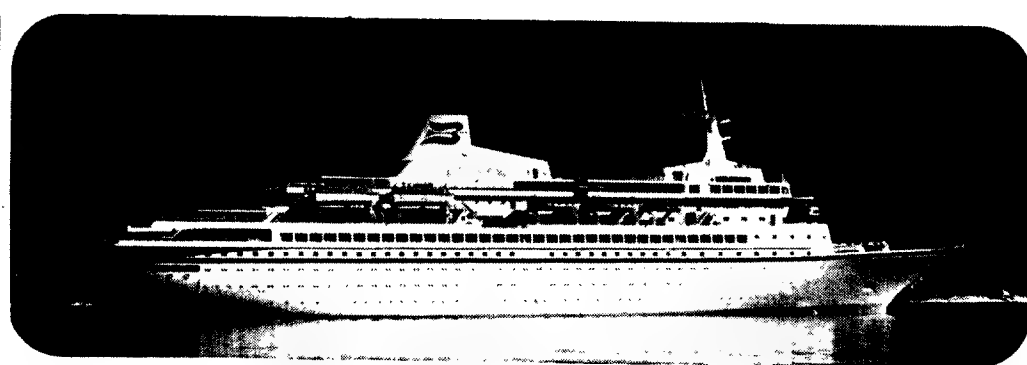


Dois rostos para Camões: Zita Duarte e Santos Manuel

Avilez revive Camões

Estreou-se ontem o novo espectáculo de Carlos Avilez montado a partir das peças «El-Rei Seleuco» e «Anfitriões» de Camões. Constituído uma interpretação pessoal do universo daquele poeta por parte do Teatro Experimental de Cascais, «CAMÕES-72» é um exemplo fulgurante (também discutível) do que pode ser feito no campo da recuperação dos clássicos.

Interpretado por, entre outros, António Marques, Santos Manuel, Zita Duarte, Adelaide João, Maria Albergaria, João Vasco, Nuno Emanuel, Filipe La Féria e Orlando Costa, o espectáculo tem figurinos do pintor António Palolo, coreografia de Agueda de Sena, música de Kevin Hoydale e encenação de Carlos Avilez.



A VIAGEM INAUGURAL DO "ROYAL VIKING LINE"

NA sua viagem inaugural e, cumprindo o seu programa de escalas, encontra-se em Lisboa o maior e mais belo navio de cruzeiro que já ancorou nas tranquilas águas do Tejo.

Para comemorar o facto resolveu a empresa armadora oferecer aos órgãos de Informação e às entidades ligadas ao sector de viagens, um almoço no fim do qual usaram da palavra o embaixador da Noruega em Lisboa, sr. Bjarn

ne Stabell e mais alguns convidados entre os quais o sr. José Bensaúde que dirigiu à empre-

sa armadora palavras entusiásticas e à tripulação, os desejos de boa viagem.

A Hilton Internacional e a E. H. Mundy formam nova companhia

Uma nova Companhia — IBERIAN TRAILER EXPRESS (ITX) acaba de ser formada numa feliz junção entre a E.H. Mundy e a H.T.S.I. — Divisão Internacional dos Serviços de Transportes da Ralph Hilton.

Situada em Ditchburn STREET, Londres E.14, a ITX é especializada no tráfego de atrelados TIR e contentores de e para Portugal, estando inicialmente programado um serviço semanal para Lisboa. Em Portugal todos os serviços operacionais serão tratados pelos agentes exclusivos da AGÊNCIA MARITIMATRANSATLÂNTICA, L.D.A., em Lisboa e no Porto.

Além do seu próprio pessoal a ITX utilizará as facilidades da rede nacional dos depósitos da Hilton e os serviços de mercado da E. H. Mundy. A ITX está segura que a prática nacional da H.T.S. aliada à experiência internacional dos especialistas da E.H.Mundy oferecerão aos carregadores umas facilidades ímpares.

Pela oferta dos seus serviços auxiliares, tais como: armazenagem, embalagem para exportação, seguro e também centros de desalfandegamento, a ITX oferecerá um serviço completo a todos os exportadores e importadores de e para a Península Ibérica.

ACHOU 150 CONTOS EM JOIAS

O sr. Fernando Rio Dias de Oliveira, ao passar na rua do Freixo, Porto, topou com um embrulho que continha vários objectos em ouro (voltas e pulseiras), no valor de cerca de 150 contos. O achado foi depois entregue na P.S.P. e posteriormente ao seu legítimo proprietário (sr. Tomás Ferreira, de Avintes) que declarou terem os objectos caído do seu automóvel quando transitava na referida artéria.

Morreu a brincar com irmãos

Uma brincadeira entre irmãos de tenra idade acabou em tragédia, quando Octávio Carlos, menino de nove meses, puxado pelos seus colegas de brincadeira que o tinham posto em cima de um saco, caiu ao chão, vindo a chegar já morto à clínica de Pinhal Novo para onde algumas vizinhas o transportaram.

Atropelamento seguido de fuga

O pequeno Francisco Martins Passos Costa, de 7 anos, residente com seus pais na Calçada da Quintinha, 3 r/c, esq., que ontem havia sido atropelado por um automobilista que pôs em fuga, continua internado no Hospital de S. José, depois de ter sido operado. O automobilista foi localizado passadas duas horas sobre o acidente, já que a ocorrência foi presenciada por populares que forneceram a matrícula do veículo à PSP. O condutor era um estudante de nacionalidade brasileira, a cur-

sar Engenharia Química, sem carta de condução portuguesa, cujo exame se preparava para fazer hoje mesmo.

NOIVOS

As alianças e prendas da OURIRESARIA DA MODA dão felicidade RUA DA PRATA, 257

ANTÓNIO DE PROULLE DIAS

Faleceu no passado dia 1, o Sr. António de Proulle Dias, de 66 anos, natural de Lisboa, Gerente Comercial, casado com a Sr.ª D. Maria Adelaide Afra de Proulle Dias, pai da sra. D. Maria Adelaide de Proulle Dias Rebelo da Silva casada com o sr. Carlos Henrique Teixeira Diniz Rebelo da Silva e do Sr. António Augusto Afra de Proulle Dias casado com a sr.ª D. Maria Luísa Corrêa Mendes de Proulle Dias.

O seu funeral a Cargo da Agência ALFREDO MAGNO JAIMÉ GOMES, L.D., da Avenida Almirante Reis, realizou-se no dia 2, para Jazigo no cemitério de Benfica. Amanhã, dia 7, às 19 horas, na Igreja de S. Domingos será celebrada Missa de 7.º dia, rogando a Deus pelo seu eterno descanso não se tendo feito participações por expressa determinação do finado.

JARDIM DE INFÂNCIA
PAÇO DE ARCOS
UMA ESCOLA DO NOSSO TEMPO
CRECHE - INFANTIL PRIMÁRIO
TELEFONE 243 50 11

A PARTIR DE HOJE AS «SOIRÉES» PARA 14 ANOS

DUAS ESTREIAS NO POLITEAMA

A PARTIR DE OITO SÓ AS «MATINÉES» PARA 6 ANOS

APROVEITA AS TUAS FÉRIAS

GRUPO C (14 ANOS)

DO PODERCIADOR DO HOMEM ALGO MORTIFERO NASCE PARA O MUNDO DO CRIME!

PETER CUSHING

SANGUE DO TERROR

ROBERT FLEMING WANDA VENTHAM
VARESSA HOWARD DAVID GRIFFIN GUYTON EDWARDS

VÊ ALGUNS DOS PERSONAGENS QUE FIZERAM O ENCANTO DE PEQUENOS E GRANDES NA FAMOSA SÉRIE DA TV.

agora no cinema em toda a "grandeza do scope" e do colorido

THUNDERBIRD 6

PRODUTOS DE LYNDA ANDERSON DIRECTOR DE ARTE LYNDA ANDERSON

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A TODOS OS DIAS
MAIORES DE 21 ANOS DAS 15 AS 3 HORAS

LYNN ROGERS
VEGETA AUSTRALIANA DO "MUSIC-HALL" INTERNACIONAL

MARVYN ROY AND CAROL

LIDIA RIBEIRO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

BLUEBELL GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S" FERRER TRINDADE e sua orquestra

BAMBI BROWN SO NO WONDER BAR

NO GRANDE, SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

DL/ESTRANGEIRO

McGovern responsabiliza o Egipto e o Líbano

LOS ANGELES, 7 (R.) O candidato democrático à presidência dos Estados Unidos, senador George McGovern, disse em Los Angeles, numa reunião de rabinos, que a responsabilidade pelo assassinato dos desportistas da equipa israelita aos Jogos Olímpicos de Munique pertence inteiramente aos Governos do Egipto e do Líbano.

McGovern frisou: «o Egipto tem dado a sua benção ao terrorismo indiscriminado, como um instrumento da sua própria política externa».

McGovern instigou o presidente Nixon a não concordar com um reatamento de relações diplomáticas com o Cairo, até o Egipto anuir a acabar completamente com as actividades dos «foras da lei internacionais».

Frisou que o Governo do Líbano tem também parte das culpas, porque as principais sedes dos «bandos terroristas» se encontram em Beirute.

O senador acrescentou: «sòmente quando todos os países aceitarem a existência do Estado de Israel como um facto histórico que nenhuma ameaça, terror ou guerra pode modificar — sò então os países árabes se poderão finalmente sentar descançados à mesa de conferências para negociarem uma paz permanente. Que o sangue vertido

em Munique seja um motivo para o despertar da consciência de toda a terra».

A CASA BRANCA DECRETA MEDIDAS DE SEGURANÇA

WASHINGTON, 7 (R.) O presidente Nixon ordenou ao secretário de Estado, William Rogers, que efectue consultas urgentes com outros Governos acerca das medidas a tomar para se fazer face ao terrorismo.

O presidente deu esta ordem

durante uma reunião de 75 minutos que teve na casa branca com Rogers e o seu conselheiro Henry Kissinger, na qual foram passados em revista os sangrentos acontecimentos registados em Munique, nos quais perderam a vida atletas olímpicos de Israel.

O presidente Nixon enviou um telegrama ao primeiro-ministro israelita, Golda Meir, manifestando ao povo de Israel a simpatia do povo dos Estados Unidos e afirmando que o banho de sangue de Munique foi

«uma tragédia para todos os povos e nações do mundo».

A Casa Branca anunciou terem sido reforçadas as medidas de segurança destinadas à protecção dos cidadãos israelitas residentes nos Estados Unidos.

Embora o não tenha afirmado especificamente, o informador da Casa Branca sugeriu claramente que estão também a ser alvo de medidas especiais de protecção os judeus norte-americanos que ocupam lugares mais proeminentes.

MOSCOVO: COMOÇÃO

MOSCOVO, 7 (R.) A Comissão de Educação Física e Desportos do Governo soviético exprimiu a noite passada profunda comoção no respeitante ao assassinato de 11 desportistas olímpicos em Munique.

Na primeira declaração pública sobre o incidente feita em Moscovo por uma instituição oficial do Estado soviético, a Comissão de Educação Física e Desportos denunciou o acto terrorista como incompatível com o espírito de cooperação e compreensão que se ligam estreitamente com o movimento olímpico.

A declaração, acompanhada também pelas condolências

apresentadas pela delegação soviética aos Jogos Olímpicos, foi publicada pela agência noticiosa Tass.

A Tass dizia: «os desportistas soviéticos estão completamente resolvidos a facilitar ulteriormente o cumprimento integral dos altos ideais olímpicos».

PRISÃO DE JUDEUS

A polícia prendeu esta noite cerca de 30 judeus que tentavam efectuar uma manifestação em frente da embaixada do Líbano, nesta capital, protestando contra a acção dos terroristas árabes em Munique.

Pelo menos 40 polícias uni-

formizados tinham tomado posições em frente da embaixada, antes de chegarem os manifestantes. Os judeus presos foram imediatamente levados em carros celulares para destino desconhecido.

Antes, quatro judeus tinham estado no conselho municipal de Moscovo a pedir autorização para realizarem a manifestação em frente da embaixada libanesa. A julgar pelas medidas políticas tomadas esta noite, tal autorização foi-lhes recusada.

Entre os presos contam-se Ester e David Markish, viúva e filho de um poeta judeu fuzilado numa das últimas depurações ordenadas por Estaline, em 1952.

Libertado o presidente da Philips Argentina

EINDHOVEN, 7 (R.) O industrial holandês Jan Van De Panne, raptado por guerrilheiros em Buenos Aires na terça-feira, foi libertado após ter sido feito o pagamento de um resgate cujo quantitativo não foi especificado.

Um informador da Philips em Buenos Aires disse que Jan Van De Panne se encontra de boa saúde e que está a repousar

em casa de uma pessoa amiga, mas sem revelar a morada.

A Philips, tanto a sede holandesa como a subsidiária argentina, tem mantido silêncio sobre os pormenores do rapto, que ocorreu pouco depois de Van De Panne, director da subsidiária argentina, ter saído de sua casa, a caminho do escritório.

Círculos policiais afirmaram que o industrial foi raptado por guerrilheiros esquerdistas que exigiram um resgate equivalente a 500.000 dólares.

CALEIDOSCÓPIO

ENCONTRO BRANDT-POMPIDOU

PARIS, 7 (FP) O encontro do presidente da República Francesa, George Pompidou, com o chanceler federal alemão Willy Brandt terá lugar, como previsto, no próximo sábado, em Munique, soube-se de boa fonte.

Pompidou e Brandt, segundo o programa oficial publicado no princípio da semana, conferenciarão a sós, a partir do meio-dia, na residência do chanceler, em Felbafing, a 35 quilómetros de Munique.

COOPERAÇÃO AERO ESPACIAL

LONDRES, 7 (R.) Geoffrey Rippon, principal negociador do ingresso no Mercado Comum, disse em Londres que o alargamento da Comunidade Europeia deverá abrir caminho a progressos futuros na cooperação aero espacial da Europa Ocidental.

Rippon, num discurso escrito

para ser pronunciado na sociedade de companhias aero espaciais inglesas, disse que a Inglaterra está particularmente interessada em debates entre as companhias europeias de motores e máquinas destinadas ao espaço, no intuito de formar um possível consórcio europeu.

Disse ainda que as compensações que poderão vir a beneficiar uma indústria bem sucedida da Europa Ocidental são cada vez maiores.

Geoffrey Rippon avaliou que, em meados da década dos anos 80, o tráfego aéreo civil será três vezes maior do que é hoje.

Segundo os valores presentes, acrescentou, os requisitos anuais do mundo ocidental em aviação civil e equipamento para levar a efeito esse aumento de tráfego situam-se entre 4 000 e 5 000 milhões de libras, frisando que um terço dessa grandiosa quantia poderá representar «a nossa contribuição europeia».

MANOBRAS DO PACTO DE VARSÓVIA

PRAGA, 7 Rádio-Praga anunciou o próximo início de manobras conjuntas das forças armadas e dos estados-membros do Pacto de Varsóvia. Os exercícios efectuar-se-ão em território checoslovaco. O nome das manobras («Escudo-72») simboliza a decisão, a força moral, política e combativa das tropas dos países socialistas, que formam um verdadeiro escudo contra os objectivos de agressão do Imperialismo».

A MORTE DE UMA REVOLUCIONÁRIA

PEQUIM, 7 (R) Madame Ho Ho Hsiang-Ning, uma antiga e íntima associada do fundador da China Moderna, dr. Sun Yat-Sen, e vice-presidente da comissão permanente do Congresso Nacional do Povo, foi ontem a enterrar, vendendo-se as bandeiras a meia haste em toda a capital chinesa.

Um porta-voz do Ministério dos Estrangeiros anunciou que madame Ho, uma revolucionária durante 68 anos, faleceu no sábado, com 84 anos de idade.

A senhora Ho, que juntamente com a senhora Sun Yat Sen era uma das mais velhas e mais veneradas figuras de mulheres da China, foi casada com Liao Chung Kai, assassinado em 1925 na sede do partido do Kuomintang (nacionalistas).

Liao foi um dos principais fomentadores da cooperação entre o Partido Comunista e o Kuomintang, durante os primeiros anos da década dos vinte.

NAUFRÁGIO DE UMA DRAGA

KOKKOLA (Finlândia), 7 Desasseis homens morreram ontem, no naufrágio de uma draga. O mar agitado e a má visibilidade tornaram difíceis as operações de salvamento. Desconhecem-se as causas do acidente.

Como um jornalista francês tomou conhecimento do massacre

MUNIQUE, 7 (FP) Enquanto rodava de automóvel, ouvia a rádio alemã difundir as reacções de alegria registadas em Israel, ao ser anunciada a fuga dos reféns... e estes reféns eu sabia que estavam mortos. Foi ontem...

Quando se adquiriu mais ou menos a certeza, terça-feira pelas 21 horas, de que os reféns iam deixar a aldeia olímpica,

a France Press organizou a sua brigada para se dirigir ao aeroporto donde devia operar-se a partida da Alemanha. Jacques Colrat, adjunto do chefe do gabinete da AFP em Bonn, um fotógrafo da Agência Jean-Pierre Prevel, o motorista Ferdinand e eu. Após darmos com o nariz ao aeroporto de Riehm, seguimos para o de Frustenfeldbruck. Os helicópteros acabavam de pousar. Ouviram-se os

primeiros tiros e um projecteur varria continuamente o campo. Uma corrida através dos campos e valados, que nos terá custado a todos pelo menos um par de calças e outro de sapatos, levou-nos a uma elevação onde, finalmente, podíamos ver as pistas. Foi dali que assistimos ao incêndio do helicóptero, às correrias loucas de silhuetas que mal distinguíamos no meio das nuvens de fumo que subiam para o céu, enquanto soava, sinis-

tro e mortal, o crepitar das armas.

Aproveitei aquilo que parecia ser um momento de acalmia para ir ditar algumas linhas numa cabina telefónica, distante pelo menos dez quilómetros. Depois, regressado ao aeroporto, cheguei mesmo no momento em que, do interior, se anunciava uma conferência de Imprensa na outra entrada do campo, a uma boa distância de quilómetros. Mas esta conferência parecia-se demasiado com uma armadilha destinada a afastar-nos. Intuição ou o que quer que fosse, quedei-me junto dum gradeamento, acompanhado por dois colegas franceses, um do «Express», outro de «La Croix».

Pela uma e trinta, saíram quatro autocarros levando passageiros do DC-8 finlandês que chegara pelas 21 horas. E o motorista gritou-nos: «Morreram queimados quatro reféns: queimados no helicóptero».

Esperei ainda meia hora para saber toda a verdade. As duas, o portão voltou a abrir-se e um homem, com o rosto transtornado, saiu. Era o presidente da vereação de Munique, Georg Kronawitter, que me ia revelar a tragédia e o seu horrível balanço. Mas eu estava perdido ali no campo, sem automóvel, sem telefone. Felizmente, surgiram duas pessoas que aceitaram levar-me à outra entrada do campo, de tal forma lhes assegurei cenicamente que obteriam ali todos os pormenores. Ao fim de rodar vinte minutos, acabei por encontrar o telefone que esperava, para dar a conhecer a notícia ao mundo inteiro.

A opinião de Rádio Argel

ARGEL, 7 O cronista da Rádio Argel acusou a polícia alemã de haver transformado o caso de Munique em tragédia, num primeiro comentário consagrado ao acontecimento. Declarou que a polícia tinha querido reeditar, por sua conta, a armadilha de Lod e trair os com-

promissos que assumira com o comando palestino.

Os «Fedayin» tinham avisado várias vezes as autoridades alemãs contra qualquer tentativa para libertar os reféns pela força e consentiram em protelar a hora limite do ultimato frisou o comentador. «Aqueles ho-

mens dispostos a tudo tinham preferido negociar para evitar efusão de sangue».

Depois destes sucessos, e como era de esperar, o Ocidente lançou-se numa cruzada contra tudo o que é palestino ou árabe... Verter-se lágrimas pelos israelitas, não se pronuncia uma palavra a respeito dos palestinos. Todos se dizem contra o terrorismo e fingem esquecer que Israel foi criado, e mantido com o terrorismo. Continua a ter actualidade a fábula de La Fontaine do Lobo e do Cordeiro. Israel, que se proclama vítima e que está na origem do drama, retoma as suas diatribes e reclama vingança. Claramente, isto quer dizer que vai haver represálias contra as aldeias árabes do sul do Líbano e de Alhures».

A televisão argelina também consagrou uma sequência aos acontecimentos de Munique, evocando «o sacrifício dos palestinos e a armadilha alemã».

SENHORES CAPITALISTAS!!!

Coloque o vosso capital nas melhores condições com garantia hipotecária, ao juro da Lei.

A CONFIDENTE

R. do Ouro, 292, 1.º (esq. Rossio)
Telefs. 369384 5 6 LISBOA



MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, duante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento, na freguesia de Foia, concessão de Monchique, de uma linha subterrânea a 15 kV, com 58 m, do apoio n.º 2A da linha para o posto de transformação do Rádio Clube Português para o posto de transformação dos Serviços Radioeléctricos dos C. T. T., na Foia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Setembro de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/ESTRANGEIRO

MUNIQUE - A GRANDE INTERROGAÇÃO

AS AUTORIDADES ALEMÃS NÃO TERIAM ALTERNATIVA?

MUNIQUE, 7 — (F.P.) — Como foi que os «Jogos da Alegria» se transformaram no espaço de 24 horas nos do ódio, nos de sangue? Esta pergunta mantém-se obstinadamente presente no espírito de todos os que viveram na terça-feira e na quarta-feira a série precipitada de acontecimentos por vezes contraditórios que custaram a vida a 18 pessoas: 11 israelitas, cinco «fedayine», um oficial da polícia e um piloto de helicóptero.

Se o conjunto da imprensa oeste-alemã condena hoje com a maior energia a acção do comando palestino, certos jornais como o «Sueddeutsche Zeitung», de Munique, referem no entanto, críticas formuladas a respeito da tática seguida desde a manhã de terça-feira pela Polícia, mesmo que não façam sempre suas essas críticas.

Assim, o secretariado geral do Comité Nacional Olímpico israelita, Hein Glowinski, censura desde já as autoridades oeste-alemãs e o Comité Internacional Olímpico pelas «medidas de segurança insuficientes», destinadas à protecção dos membros da delegação israelita.

Logo durante a dramática

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Manuel Mengas, Roque Gameiro. MINDE

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Leitão Tavares, R. da Índia Portuguesa, 13 BENAVENTE

conferência de imprensa dada no canteiro de imprensa do parque olímpico pelos responsáveis do «Estado-Maior de crise», instalados do lado alemão, Hans Dietrich Genscher, ministro federal do Interior, Bruno Merk, ministro do Interior da Baviera, e Manfred Shreiber, chefe da Polícia de Zurique, tiveram de responder perante 700 jornalistas da Imprensa Internacional a perguntas cada vez mais insidiosas, cada vez mais acusadoras: Quem deu a ordem de abrir fogo? Quem tomou a decisão de montar uma armadilha aos palestinos? Não tem a impressão de lhe pesar na consciência os mortos do tiroteio no aeroporto de Fuerstenfeldbruck?

Perante este «staccato» de perguntas, os responsáveis das operações de Polícia eclipsaram-se, deixando Willi Daume, presidente do comité organizador dos jogos sózinhos.

Indubitavelmente, a tática escolhida pelas autoridades para tentar acabar com o comando palestino deu motivo para um certo número de perguntas e isso tanto mais que, os responsáveis desta operação recusam-se a qualquer esclarecimento quanto aos pormenores dos diferentes movimentos — muitas vezes contraditórios — decididos durante o dia e a noite, assim como quanto às razões que os levaram a tentar tudo por tudo, em pleno meio da noite, com um importante emprego de forças.

Quando o horror do drama está ainda presente em todas as memórias, quando os dirigentes da Alemanha Federal, e os do Movimento Olímpico, condenavam no Estádio Olímpico os au-

tores deste «acto criminoso», e que — a convite do seu presidente de município — os habitantes de Munique manifestavam nas ruas da sua cidade, parece aos olhos de numerosos observadores que as autoridades oeste-alemãs carregam também com a sua parte das responsabilidades por este final sangrento.

REFLEXOS NA POLÍTICA INTERNA

Sejam quais forem as repercussões dum drama como a nova Alemanha tinha perdido o hábito de viver, o chanceler Willy Brandt passou bem sem uma tragédia tão sangrenta, apenas a três meses das eleições gerais.

Um dos grandes temas de propaganda da oposição Cristã-Democrata é o regresso «à lei e à ordem», pelo que ninguém duvida que aproveitará a ocasião para reclamar, ainda com mais energia, o fim do «deixa andar, deixa fazer».

SALVAR OS REFÊNS: ESPERANÇA TENUA

BONN, 7 — O Governo de Bonn decidiu apelar para as Nações Unidas e para os seus parceiros, da CEE, a fim de que sejam decididas uma acção e medidas comuns, susceptíveis de por termo às actividades terroristas.

Conrad Ahlers, porta voz do Governo da RFA declarou depois do conselho de gabinete consagrado ao drama de Munique, que o Governo federal vai pedir ao Secretariado Geral da ONU, Kurt Waldheim, que actue neste sentido.

O porta-voz revelou que não passaram de artimanha todas as

negociações travadas com os terroristas, pois as autoridades da RFA nunca admitiram a ideia de deixar partir o avião com o comando palestino e os reféns israelitas. O Boeing da Lufthansa fretado para o transporte não tinha tripulação a bordo. Conrad Ahlers reconheceu no entanto, que os responsáveis pela operação sabiam serem muito ténues as possibilidades de salvar os reféns. Não deram resultado com efeito, todas as tentativas de mediação, conduzidas, tanto pelos embaixadores da Tunísia e da Líbia, como pelo director da delegação da Liga Árabe em Bonn. O primeiro mi-

nistro israelita, Golda Meir, recordou Ahlers — não considera responsável o Governo da RFA pela tragédia de Munique. As autoridades alemãs tinham oferecido nos últimos dias proceder ao reforço das medidas de segurança em volta da equipa israelita, mas os seus dirigentes entenderam não ser necessário. (F.P.)

Conrad Ahlers anunciou depois que o chefe do comando terrorista estava empregado, havia meses, como engenheiro em Munique e participara na construção das instalações olímpicas.

O porta-voz manifestou a opinião de que o caso de Muni-

que não teria repercussões nas relações entre Bonn e os países árabes. Somos de opinião Frisou que os seus Governos pouca ou nenhuma influência têm na actividade dos comandos palestinos.

A visita a Bonn de Murad Ghaleb, ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, realizou-se conforme estava previsto no decurso deste mês.

Finalmente Ahlers esclareceu que não foram preparado com o Governo federal o discurso do presidente da RFA, Gustav Heinemann a respeito da responsabilidade dos países onde vem os terroristas.

MEDO EM MUNIQUE

MUNIQUE, 7 — Dois rebates falsos por causa de bombas atrasaram ligeiramente o reatamento das competições olímpicas em Munique, depois da pausa imposta pelos trágicos acontecimentos.

Chamadas telefónicas anónimas anunciaram que tinham sido colocadas bombas na piscina e no pavilhão dos desportos, pelo que se procedeu a uma busca de alto a baixo nos dois edifícios. Não foi encontrado nenhum engenho explosivo e o público foi normalmente admitido nas tribunas do pavilhão, onde prosseguiu o torneio de andebol. Em contrapartida, os espectadores não puderam penetrar na piscina, pela simples razão de que as provas de natação já acabaram.

Por seu turno, a direcção do

hotel Muniqueense das «Quatro estações», quartel general dos dirigentes do C. O. I., pediu a Willi Daume, presidente dos Jogos o reforço das medidas de segurança no respectivo edifício. Tinha sido montado importante dispositivo. Inspectores à paisana vigiam discretamente o átrio de entrada e os corredores, mas a direcção do estabelecimento considerou este serviço insuficiente ocorrido na noite passada. Com efeito, um desconhecido apresentou-se as quatro horas da manhã ao portão e tentou fazer-se passar por um Polícia, mas o empregado pediu-lhe o seu cartão oficial e o homem arrepiou caminho.

A direcção da Polícia de Munique abriu inquérito a respeito do caso.

Entretanto, a direcção da

Polícia muniqueense revelou a identidade de três palestinos presos depois do atentado de que foi alvo a turma olímpica de Israel. Trata-se de Ibrahim Badran, de 21 anos, de Abd Es Radir El Duaqui, também de 21 anos, e de Sâmer Mohamed Abdalá, de 22 todos estudantes. São os três solteiros dissembrados e residiram ultimamente na Jordânia e na Síria. Desconhece-se por enquanto a sua nacionalidade.

Sabe-se por outro lado que foi desencadeada vasta operação em todo o território da RFA para descobrir entre outros, quinze árabes suspeitos de haverem preparado atentados com vistas a actos de sabotagem. Todos os serviços da Polícia criminal, receberam por «telex» e por telefone os sinais das indivíduos procurados.

Resistência palestina: Atitude de desafio

BEIRUTE, 7 (R) — O Movimento de Resistência da Palestina declarou esta noite, numa atitude de desafio, e a propósito da chacina de Munique, que o mundo apenas dá ouvidos à voz dos porcos.

A estação emissora do movimento, «Voz da Palestina», transmitindo do Cairo, afirmou, durante um comentário acerca do ataque dos guerrilheiros contra a equipa olímpica de Israel: «Não queremos dizer que a opinião do mundo deve ir para o inferno, mas pretendemos afirmar que essa opinião não poderá deter a nossa luta. O mundo de hoje é o mundo dos porcos.

O mundo não dá ouvidos aos que choram e imploram auxílio.

PESAR LIBANÊS

Entretanto, o Governo libanês manifestou esta noite o seu pesar pelo que aconteceu em Munique.

Nun comunicado distribuído após uma reunião do Governo, o ministro libanês da Informação, Khatchik Babikian, declarou que o incidente constituiu «um novo indicio da escalada do desespero a que chegou o povo palestino em resultado daquilo que tem sido viti-

O comunicado apelava para a comunidade internacional no sentido de «participar eficientemente em todas as acções destinadas a restabelecer o respeito pelo homem, pelo direito e pela justiça».

Nos outros países do mundo árabe, a reacção provocada pela chacina de Munique tem sido geralmente moderada, registando-se poucas manifestações de emoção, quer públicas quer oficiais, com excepção de um comunicado do rei Hussein da Jordânia, adversário intransigente dos extremistas palestinos, o qual condenou com energia a chacina de Munique.

HUSSEIN AGENTE IMPERIALISTA SEGUNDO UM JORNAL EGÍPCIO

O primeiro comentário consagrado por um órgão da informação egípcio aos acontecimentos de Munique é constituído pelo editorial do jornal da tarde «Al Massa», no qual se lê designadamente:

«A operação «Ikrit e Biram» da resistência palestina em Munique, demonstra a vitalidade da resistência e a sua capacidade de assumir as suas responsabilidades com determinação,

apesar das tentativas para a suprimir...» «Não é muito de surpreender que a organização «Setembro Negro», nascida dos banhos de sangue da Jordânia, denuncie a selvageria dos israelitas e dos seus acólitos».

E a seguir: «Os palestinos provaram assim a sua valentia e a sua temeridade, que são capazes de afrontar qualquer força de que se trate, e atraíram assim o apoio de todos os povos em

luta através do mundo».

«Em contrapartida, acrescenta «Al Massa» não é de surpreender que o chefe de fila da posição contrária seja precisamente o agente do imperialismo e do inimigo israelita. A mensagem do rei Hussein a Willy Brandt é bastante significativa e não necessita com efeito de nenhum comentário», conclui o jornal.

Israel:

Da acusação à ameaça (apenas um passo?)

TEI AVIVE, SET 7 (R) — Israel acusou a noite passada países árabes, que não nomeou especificamente, pela chacina de dos seus atletas olímpicos em Munique.

O ministro dos estrangeiros, Abba Eban, frisou que a responsabilidade pela tragédia está para além daqueles que perpetraram o crime.

Numa entrevista para a rádio de Israel, o ministro dos Estrangeiros disse: «Existe uma grande, uma pesada responsabilidade para aqueles países árabes onde as organizações de guerrilheiros recebem encorajamento, apoio, financiamento, treino e abrigo».

Quando o entrevistador lhe perguntou se Israel tiraria conclusões práticas dessa responsabilidade, Abba Eban respondeu: «Temos agido sempre de acordo com tais conclusões. A nossa actividade política, bem como outros tipos de actividade, tem sido sempre dirigida para as raízes do mal, dispostos a arrancá-las».

O ministro dos Estrangeiros acrescentou: «Nesta fase, quando os corpos dos nossos mortos ainda estão quentes, não posso fazer referência a qualquer conclusão operativa em ligação com a tragédia de Munique».

Abba Eban esclareceu devidamente que o Governo israelita aprovou a decisão do Governo da República Federal Alemã em fazer uso da força contra os guerrilheiros árabes.

Disse quem quer que tenha estudado atentamente a política de Israel deve estar consciente de que o país decidiu desde início não negociar com os guerrilheiros com base em chantagens, acrescentando: «partindo desse princípio, posso dizer que não damos nem recebemos quaisquer sugestões à República Federal Alemã para encorajar o terrorismo, anuindo às suas exigências.

«Sucedeu apenas que o Governo da República Federal Alemã tomou uma decisão soberana em usar a força de modo a poder salvar os reféns e a impedir o terrorismo de levar a cabo os seus desígnios».

Abba Eban disse ainda que Israel aprecia a recusa do Governo da Alemanha Ocidental em submeter-se à chantagem e a sua decisão básica de combater os chantagistas, mas finalizou assim: «A tragédia está em que desta vez, quando outro país utilizou a força contra guerrilheiros árabes, malograram-se os resultados que se desejariam».

Medalhas a título póstumo

MUNIQUE, 7 (R) — Quatro dos desportistas israelitas que ontem foram assassinados por comandos árabes receberam medalhas de ouro especiais, a título póstumo segundo foi esta noite anunciado em Munique.

Os quatro atletas são o capitão da equipa de lutadores, o treinador e dois lutadores de

greco-romana.

A decisão foi anunciada, antes de ser reatada a luta no estilo greco-romano, pela Junta Executiva da Federação Internacional de Luta Amadora.

As medalhas são das que a federação normalmente concede nos campeonatos mundiais de luta e não são medalhas de ouro olímpicas.

DI/GERAL

**comprando
propriedades**

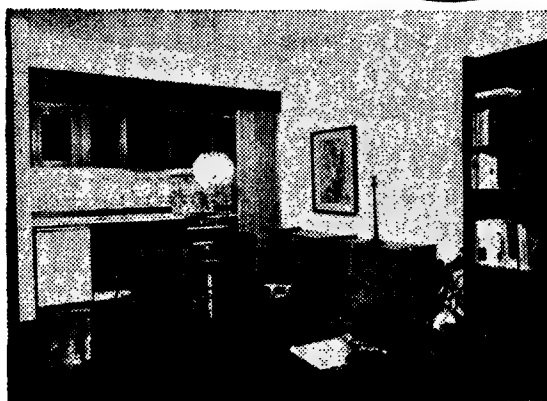
em J.Pimenta
SARL

**o seu dinheiro
valoriza-se**



APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE

200
CONTOS



PARA
UMAS FÉRIAS
ECONÓMICAS
E
INESQUECÍVEIS
PREFIRA
OS NOSSOS
APARTAMENTOS
TURÍSTICOS

J.Pimenta, SARL

Informações:
Lisboa-Pr.Marquês de Pombal,15-Telefs 45 843-47 843
Queluz-Edifício Sede-Av.António Enes,25-Telef 95 20 21/2



Concessão mineira em Moçambique

Por decreto, pelo Ministério do Ultramar, inserto na gazeta oficial (1.ª série n.º 208), é aquele departamento do Estado autorizado a celebrar um contrato de concessão do direito de pesquisa e exploração de minérios com uma sociedade anónima portuguesa, a constituir pela Companhia Mineira do Lobito, pela Bethlehem Steel Corporation e pela Companhia de Urânio de Moçambique.

EXCLUÍDOS MINÉRIOS RADIOACTIVOS

Fica a sociedade com o direito de pesquisar todos os minérios, inclusive fluorites, em regime de exclusivo, nas áreas definidas no n.º 3 desta base e, subsequentemente, de explorar os mesmos minérios nas áreas ditas. Exceptuam-se, contudo, expressamente dessas pesquisas os minérios radioactivos e afins, hidrocarbonetos sólidos, líquidos e gasosos e carvão mineral, bem como diamantes.

O capital social inicial mínimo será de 10 000 000\$00, ficando a sociedade obrigada a realizar, no prazo de noventa dias a partir da data da assinatura do contrato de concessão, a importância mínima de 3 000 000\$00.

Sem prejuízo dos compromissos que a sociedade já tenha assumido a longo prazo, a província de Moçambique, mediante prévia notificação a fazer à sociedade, até 30 de Junho de cada ano, terá direito prioritário de compra, às cotações que a mesma venha praticando, do equivalente a 50 por cento de toda a produção proveniente dos jazigos existentes na área da concessão e relativa ao ano civil transacto.

A província de Moçambique terá direito a receber, sem qualquer desembolso, 10 por cento do total das acções emitidas ou a emitir, seja qual for a sua natureza, com direito a todos os dividendos, vantagens e participações que lhe caibam ou venham a caber, estas acções serão entregues à província, inteiramente liberadas, até seis meses depois de assinado o contrato ou de qualquer aumento de capital. Se o Governo da província quiser vender as acções recebidas nos termos do n.º 1 desta base, deverá oferecê-las previamente à sociedade, se não houver lei que imponha outra espécie de adquirente, mas sem prejuízo do melhor preço que possa obter.

A província de Moçambique terá direito a um imposto de 50 por cento sobre os lucros líquidos anuais da sociedade, que dará entrada nos cofres da Fazenda da província; e a sociedade contribuirá, anualmente, para o Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino, a partir da data da assinatura do contrato, com a importância de 600 000\$00.

Incluem-se entre as disposições do referido diploma as que se referem a deveres e direitos e à fiscalização oficial.

3

PRODUTOS
DE ALTA
QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

NOVO EXTERNATO EM PAÇO D'ARCOS

destinado a crianças com dificuldades de aprendizagem ou de adaptação escolares, ao nível de Classe Especial. Dislexias. Correção da linguagem. Ginástica educativa e correctiva. Iniciação musical. Ambos os sexos. Transporte privativo. A abrir em Outubro. Informações pelo tel. 728443 das 11 às 13 e das 15 às 18 horas.

CURSO COMERCIAL

NOCTURNO

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

RUA DOS ANJOS, 2, 1.º

TELEFONE 4 02 97

COMPANHIA DE SEGUROS ADMITE EMPREGADO DE CARTEIRA

PRETENDE-SE

- sólidos conhecimentos de seguros.
- experiência avançada em SINISTROS - AUTOMÓVEIS.
- propensão para as relações humanas.
- facilidade de adaptação a trabalho de grupo.

OFERECE-SE

- Vencimento inicial de acordo com as características demonstradas.
- formação permanente.
- Integração em importante organização.

Resposta detalhada, dirigida a este jornal ao n.º 628

MERCEDES

CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD

REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS

Pessoal especializado nesta marca.

Ferramental apropriado.

Correcções de defeitos e reparações gerais.

Secções de MECANICA, BATE-CHAPAS, ELECTRI-

CISTA, PINTURA e ESTOPADOR.

Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMÁ-

TICAS.

Trabalhos de 1.º Serviço rápido e eficiente, executado

por oficiais.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

COTAL—R. de Artilharia Um, 105-A—Tel. 68 31 31

R. dos Lusíadas, 113-A—Tel. 63 10 57/8

SERVIÇO INDEPENDENTE

SALDOS NA QUADRANTE

LIVROS BRASILEIROS
DE ECONOMIA, DIREITO E SOCIOLOGIA
AGOSTO / SETEMBRO

BELENENSES, 6—BARREIRENSES, 0 GONZALITO "SUPER-CRAQUE"



Logo aos dois minutos, Gonzalez recebeu a bola, dominou-a, finto dois adversários e rematou sem apelo. Começava sob seus auspícios, uma partida de futebol como há muito se não terá visto ali para as bandas do Restelo. Após o golo do paraguaio foi um autêntico festival «azul», com jogadas de grande efeito coroadas com a obtenção de mais quatro golos (Luís Carlos, Godinho, Quinto e Laurindo). Uma festa inesperada.

Na segunda parte o jogo perdeu o interesse, com o Belenenses a acusar o esforço do tempo inicial, facto que o Barreirense aproveitou para vir um pouco até junto da baliza de Ruas. Seria, no entanto, o Belenenses que marcaria mais um tento por intermédio de Laurindo, que, acrescentando-se, efectuou uma exibição francamente positiva.

A turma de Scopelli continua a subir de jogo para jogo e até Quaresma se começa a adaptar ao seu posto de «quinto defesa». Atleta brioso, o «capitão» do Belenenses continua a dar (é bom não esquecer) um belo exemplo de profissionalismo. Boas actuações também de Mourinho, Freitas, Cardoso, Godinho, Luís Carlos e do guineense Leandro que deu (nos vinte minutos em que jogou) indicações de capacidade a etr em conta; está ali um bom jogador. De Gonzalez que dizer? O sul-ame-

ricano joga e faz jogar chuta e estimula os camaradas para o remate ao golo. Francisco Gonzalez: craque ou «barrete»? Craque sem a mínima dúvida. Mais: pela técnica poder de «tiro», esforço e capacidade de luta, Gonzalito caiu no «golo» dos adeptos do Belenenses. Ele é, no Restelo, o «paraguaio da moda».

Do Barreirense pouco se deve dizer. A equipa está atrasada na preparação e não adianta tecer considerações á má forma de grande parte dos seus jogadores. Piloto (um jovem muito falado) teve pormenores interessantes e criou mesmo dificuldades a Murça. Serafim e João Carlos têm peso a mais e José Armando foi um desastre. Abrantes, na segunda parte, provou que é titular indiscutível.

Os que jogaram:
BELENENSES: Mourinho (Ruas); Murça (Pietra), Calado, Freitas e João Cardoso; Quinto e Quaresma (cap.); Laurindo, Luís Carlos (Leandro), Godinho e Gonzalez.

BARREIRENSE: José Armando (Abrantes); Romão, Carlos Mira, João Carlos (Bandeira) e Patrício; Valtér e Luís Mira (João Carlos); Cruz (Nelson Faria), Serafim, Rogério e Piloto (José Augusto).

Antes da partida principal disputou-se um encontro de juvenis (?) entre as equipas dos dois clubes. Tudo tão mauzinho que o melhor nem é falar. Mesmo da justa vitória dos miúdos do Barreiro. E aqueles atletas do Belenenses, de meias caídas (ou sem elas?) e com a camisa fora de borda, não têm quem os ensine como se devem equipar? Mau começo meninos, mau começo...

ALEXANDRE PAIS

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

No Porto e na final do Torneio Início da Associação o Leixões derrotou o F. C. do Porto, na final por uma bola a zero, classificando-se em primeiro lugar. De salientar que dos titulares portistas apenas jogaram Abel e Flávio.

O Vitória de Setúbal contrariou o brasileiro Zéão para se juntar ao «Platel» de que fazem parte já o uruguaio Campora e o brasileiro Duda, e do qual saíram por dispensa, Praia e Barão. O Atlético fechou contrato com o ex-Belenenses Zéinho.

Farense e Sporting não poderão contar com duas das suas unidades para os jogos do próximo Domingo. No Sporting a inscrição de Fraguito foi suspensa estando o processo a ser analisado pelo Conselho de Disciplina; no Farense, Jorge Félix foi castigado em três jogos de suspensão por agressão a Chico em recente jogo amigável com o Sporting.

O Ajax de Amsterdão e o Independiente da Argentina empataram a uma bola na primeira mão da Taça Mundial de Futebol entre clubes realizada ontem à noite na cidade de Avellaneda, na Argentina.

Ao intervalo o Ajax venceu por 1 a 0, golo marcado por Cruyff aos 6 minutos. O golo do empate foi apontado por Sá aos 83 minutos de jogo.

Em jogo-treino realizado ontem nas Antas, a primeira categoria do F. C. do Porto venceu o Beira-Mar por 3-0. Também ontem à tarde em Coimbra, a Académica derrotou o Atlético por três a zero.



Apenas dois titulares (Abel e Flávio), alinharam pelo F. C. Porto na final do torneio início da A. F. P., contra o Leixões. Aqui, é Fonseca quem afasta com os punhos, uma bola que Flávio se preparava para cabecear

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 1 DA 12.ª EPOCA 10-9-72

Jornal Badaladas — x11 1x1 2x1 1111; Boa Nova — 1x1 121 x11 1111; Brados do Alentejo — 112 111 1x1 1111; Cardeal Saraiva — 111 x11 111 2111; Cavalcada do Ritmo — 111 111 1x1 1x11; Jornal Centro Desportivo — 111 x21 xx1 112x; Clube Asas do Atlântico — 111 1x1 xxx 111; Correio dos Açores — 111 1x1 x11 1111; Correio de Coimbra — 111 xx1 1x1 x111; Correio do Douro — 111 1x1 x2x x211; Desportivo das Beiras — 111 xx1 111 111x; Diário do Alentejo — 111 1x1 1x1 1111; Diário do Minho — 111 1x1 xxx 11x1; Diepe — 111 1x1 x11 x11x; O Distrito de Portalegre — 111 1x1 22x x1x1; O Distrito de Setúbal — x11 1x1 111 1111; Ecos do Desporto — 111 121 x11 1111; Emissor Regional da Guiné — 1x1 1x1 112 x11; Estrela da Manhã — 111 1x1 111 xx11; Eu Sei Tudo — 111 1x1 11x 12xx; Folha do Domingo — 111 xx1 1x2 1111; Imagens Piedenses — x1x 1x1 x1x x211; João Semana — 12x 211 2x1 x112; Jornal do Barreiro — 1x1 2x2 x11 11xx; Jornal de Felgueiras — 111 111 1x1 211x; Jornal da Lixa — 121 111 11x 1111; Jornal de Santo Tirso — x12 221 1x1 x111; Jornal de Viseu — 11x 211 1xx 1112; Jornal Linhas de Elvas — x11

x21 1x2 1111; Mosaico — 1x1 111 112 2111; O Norte Desportivo — 111 1x1 x11 x11x; Notícias de Chaves — 1x1 221 xx2 111x; Notícias de Évora — 111 1x1 x11 1111; Notícias de Felgueiras — 111 1x1 x1x 1x11; Notícias de Penacova — 111 2x1 xx2 2112; Jornal A Ordem — 111 121 12x 1212; Passatempo J. J. — 111 1x1 x1x x112; Peça que não maça — 111 1x1 xx1 11x1; Povo Algarvio — 111 1x1 111 1111; Presença Coimbra — 12x 21x 2x2 1x11; Programas das Forças Armadas (R. D.) — 111 111 1x1 x112; Programa das Forças Armadas (ERG) — x11 xx1 1x2 x121; A Rabeca — 111 1x1 x11 1112; Rádio Oceano — 111 1x1 1xx 2111; Reconquista — 111 111 1x1 1111; Renovação — 111 111 111 x111; Revista de som — 1x1 x2x 212 11xx; O Telegrafo — 111 1x1 x11 111x; O Templo — 111 121 1x1 1111; Terra Alta — 111 121 211 x121; Voz de Lamego — x11 x11 21x x11x; Comércio de Portimão — 111 1x1 1x1 1111; Jornal «O Algarve» — x11 1x1 21x 1111; Clube do Ar — 1x1 1x1 11x 1111; Colina Sagrada — 2x1 1x1 12x 2111; Correio do Minho — 111 2x1 x2x x111; Correio do Vouga — 111 1x1 111 1111; As 10 Espere Por Nós

— xx1 1x1 xxx 2212; Diário dos Açores — 111 xx1 211 1111; Diário do Porto N. R. — 112 211 x12 2xx1; Diário do Sul — 111 x21 1xx x111; Ecos de Cacia — 111 121 x21 1111; Doa Fracos Não Reza a História — 11x x1x 21x x121; Gazeta das Caldas — 1x1 1x1 111 1111; Jornal da Beira — xx1 1x1 21x 1112; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — 1x1 2x1 x11 11x2; Jornal de Sintra — 1x1 1x1 x11 1111; Jornal Litoral — 112 x11 11x 2111; Maria da Fonte — 111 111 xx1 2111; Notícias do Douro — 1x1 1x1 11x 1111; Notícias de Guimarães — 111 1x1 x2x 12x1; O Porto — 221 111 211 11x1; Povo de Lanhoso — 111 1x1 x12 1111; Programa Sem Nome — 1x1 111 1x1 1x11; Quadrante Desportivo — 1x2 1x1 11x 11x1; Quadrante Norte — 111 111 2x1 1111; Rádio Altitude — 111 1x1 212 1111; Rádio Sports — 121 111 211 1111; Resenha Desportiva — 111 1x1 x11 x11x; Ritmo e Amizade — x11 xx1 21x 1122; Sorriso da Hora do Almoço — 1x1 2x1 1x2 1x1x; A Voz do Domingo — 111 xx1 x12 11x1; A Voz dos Ridículos — 122 211 x11 1xx1; Auto Rádio — 111 x11 11x xx2x; O Comércio de Lei-

xões — 111 1x1 111 12x1; Estúdio 64 — 1x1 x11 112 11x1; Penalti — 1x1 1x1 11x 1111; Placard Desportivo A. — 121 x11 112 xx1x; O 1.º de Janeiro — 111 111 x11 x111; Rádio Desporto — 1x1 1x1 1x2 x1x2; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Reporta do Dia (Angola) — 111 1x1 x11 x11x; Placard Desportivo B. — xx1 111 11x 2121; Manchete Desportiva — 111 111 x22 1111.

Bondiazinho x11 111 x1x 2x11; Brado Africano (Pág.

Desportiva) x11 111 211 x11x; Cabine 2 (Ed. Domingo) 11x 1x1 1xx 111x; Cabine 2 (Ed. Semanal) 111 2x1 x1x 1122; Cidade 72 1x1 21x 211 x111; Desporto e Recreio x21 2x1 21x 1111; Domingo Alegre 2x1 1x1 121 1111; Jornal Desportivo 111 x11 x11 1x11; Passatempo 111 xx1 11x 1112; Rádio Desporto 1x1 x11 xx2 11x1; Revista Desportiva 1x2 2x1 11x 12x; Ronda pela cidade 111 xx1 112 1111; Roteiro Sonoro 211 1x1 1x1 x11x; 20 Ponto D

2x1 1x1 1x1 xx12; Terceiro Programa x11 1x1 1x1 1211; Brado Africano (Pág. X1-Ronga) 111 1x1 x11 1211; Açores 1x1 xx1 x11 111x; O Comércio do Porto 111 x11 211 1xxx; A Ilha Desportiva 111 111 x1x 1111; A Voz Desportiva 111 x2x 1111; O Apostolado 111 211 2x2 x111; Último Palpite x11 12x 1x1 1121; Rádio Desporto 111 211 11x 112x; Canal 18 xx1 1x1 2x2 11x1; Domingo Desportivo 111 xx1 21x 2111; Luanda 72 x12 1xx 121 1x21; Notícias do Totobola 111 121 1xx 1111.

N.º	JOGOS	R E S U M O		B O L A S (a)	
		1	2	1	2
1.	ATLETICO - MONTEJO	98	19	5	9
2.	OUTIMARÊS - BONVISTA	86	28	8	3
3.	FARENSE - BEIRA MAR	108	6	8	1
4.	UNião de Tomar - União de Coimbra	78	26	18	7
5.	PORTO - SPORTING	39	68	15	4
6.	SETUBAL - BARREIRENSE	115	6	1	10
7.	CLIF - BELENENSES	56	43	23	6
8.	VITÓRIENSE - FAFE	72	39	11	7
9.	TRESENSE - FRAGA	61	39	22	6
10.	SALGUETROS - SALGUEIRENSE	81	28	13	8
11.	VARZIM - RÍOPELE	95	18	9	9
12.	PENTHE - MARTINENSE	91	20	11	9
13.	SESTIMRA - ORIENTAL	83	23	16	8

a) - Nos termos do Art.º 10º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente

E a chave lógica será:
111 1x1 111 1111

DL/DESPORTOS

PERES: O ADEUS AO FUTEBOL PROFISSIONAL

De uma assentada só o Sporting e o futebol português perdem dois internacionais de prestígio firmado e que bem poderiam contribuir para a campanha de ressurgimento iniciada no Brasil.

Peres afirmou ontem à tarde, em reunião com a Imprensa, que acabou como profissional, pois os dirigentes do Sporting além de não aceitarem as condições que apresentou após um romance complicado (50 contos por mês num contrato de três anos e exigência de liberdade absoluta para falar aos Órgãos da Informação), lhe tinham dito que «que por especial favor e consideração» permitiam a prorrogação do actual contrato (31 contos por mês) até justificar o dinheiro que ganha. Segundo esses directores, Peres, nos últimos três anos como jogador do Sporting não justificara qualquer aumento.

Também como treina-

dor, e ainda segundo o jogador, se esvaíram as possibilidades que existiram concretamente para orientar o Grupo Desportivo Torralta, pois entre a aceitação da proposta respectiva e a assinatura do contrato medearam dez dias, prazo em que esperou a última contra-proposta do Sporting e tempo suficiente para que o Grupo Desportivo da Torralta resolvesse definitivamente não envolver pelo futebol profissional.

O outro internacional leonino a abandonar (com vinte e muito poucos anos) é o angolano Dinis a quem o Sporting não quer contratar por mais tostão algum que não seja os contos mensais contidos na proposta do clube. Dinis pede 30 e como o clube não abre mão da diferença, vai regressar a Luanda, logo que o irmão, residente em Lisboa, se matricule no estabelecimento de ensino que vai frequentar.



Peres: o ar triste de quem diz adeus ao futebol

GRANDE PRÊMIO NOCAL

CUSTÓDIO GOMES SEGUE DE AMARELO

LUANDA, 7. — António Machado, do F. C. de Luanda, venceu a 4.ª etapa do IX Grande Prémio Nocal, percorrendo a distância 1 obito-Benguela-1 obito, em 1 hora 44 minutos e 37 segundos, seguido de Custódio Gomes, do F. C. do Porto, com 1.44.43; e Fernando Mendes, do Benfica, com 1.44.45.

Os restantes concorrentes chegaram com o mesmo tempo de Fernando Mendes, pelo que não houve qualquer alteração na classificação.

A meta volante, instalada na

Catumbela a 12 quilómetros da partida, foi cortada, em primeiro lugar, por Custódio Gomes, seguido de Joaquim Santiago e Orlando Alexandre.

Esta classificação passou a ser comandada por Custódio Gomes 8 pontos — seguido de Antero Elias (5) e Joaquim Santiago (3). A tabela da classificação geral, não sofreu alterações, seguindo Custódio Gomes no 1.º lugar, no 2.º Fernando Mendes a 14 segundos, e em 3.º José Pacheco do F. C. do Porto — (Lusitânia).



O regresso do Benfica

O Benfica regressou ontem à tarde da Indonésia: foram muitas horas de voo para duas vitórias e quase um milhão de contos. Agora, vem aí o campeonato e a Taça dos Campeões Europeus. Na imagem, o momento em que Vítor Baptista, José Henriques, Adolfo e Eusébio se preparavam para transportar a alfândega.

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve

C. E. A. L.
S. A. R. L.

Capital: 70.000.000\$00

SEDE: Rua D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A, 6.º LISBOA

Tendo-se procedido em 25 de Agosto aos sorteios de obrigações desta Companhia de 4 %, 1956 e 1958, foram extraídos os seguintes números:

Obrigações de 4 % — 1956

25	3047	5096	7502	9596	14016
30	3077	5098	7516	10010	14044
61	3544	5563	7519	10093	14308
67	3549	5596	7554	11519	14503
69	3579	6100	7581	11543	14537
98	4016	6505	7597	11593	14580
547	4034	6514	8011	12009	15562
553	4036	6525	8025	12023	15566
585	4061	6541	8035	12047	15587
587	4087	6544	8509	12066	16069
1003	4096	6548	8513	13008	16526
1018	4561	6574	8552	13076	16600
3013	5012	7036	8569	13088	18529
3035	5015	7067	9534	13530	18559
3040	5049	7074	9550	13563	18596
3045	5082	7075	9564	13568	18597

4601 a 4700
13701 a 13800
17301 a 17400
18201 a 18300

Obrigações de 4 % — 1958

21324	24306	27466
21398	24392	27484
21890	25542	28035
22226	25892	28056
22736	26302	28082
22774	26654	28568
23828	27043	28597

20301 a 20350
23501 a 23600
29201 a 29300

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Aliança Eléctrica do Sul S. A. R. L.

Francisco Alberto Corrêa Figuera

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel de Sousa Melo, «Tabacaria Moderna», R. Cândido dos Reis ALHOS VEDROS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz ARAZEDE

BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TELEF. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIARIAS

DOMINGO, AO ALMOÇO, ORQUESTRA

PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

RESTAURANTE POMBALINO

ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS

TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA A VALENCIANA

PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim) Telef. 2433878

A CARRUAGEM

BAR * RESTAURANTE * SNACK

DA-NOS UM TOQUE DIFERENTE

ABERTO DAS 11 DA MANHÃ AS 2 DA MADRUGADA

AR CONDICIONADO * ENCERRA AOS SÁBADOS

RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

RESTAURANTE SNACK-BAR

Collina

Rua Filipe Folque, 46-A Telef. 560209

AMANHÃ BACALHAU SÁBADO DOBRADA À COZINA



ADEGA MESQUITA

jante



APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

NA BASE DA MODERNA CONSTRUÇÃO

mais uma unidade fabril
a utilizar
argila expandida

Leca

a VIPRAL
um novo rumo na indústria
de pavimentos pré-esforçados



bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	445\$	—	—
Cons. 3	486\$	486\$	—
Cons. 3 1/2	—	556\$	—
Centenários	1.278\$	—	—
Tes. 5 % 57	1.000\$	1.002\$	—
Tes. 5 % 59	1.000\$	—	—
Extern. 1.ª s.	618\$	618\$	—
Extern. 3.ª s.	620\$	620\$	625\$
Extern. 3.ª s.	—	—	790\$
Caut. 3.ª s.	—	—	800\$

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 %	935\$	930\$	940\$
C. M. L. 5 3/4	990\$	985\$	995\$
C. P. 5,5 %	—	950\$	—
C. P. 5,5 %	—	940\$	—
C. P. 5,5 %	—	950\$	—
Corr. 5 3/4	930\$	930\$	—
Metr. 5 3/4	985\$	985\$	—
Tur. 5 3/4	1.005\$	1.005\$	1.010\$
C. P. 6 3/4	—	—	1.030\$

ELECTRICAS

G. 5 %	58	830\$	—
G. 5 %	59	835\$	—
G. 5 %	62	—	—
G. 5 %	63	—	—
G. 5 %	64	—	—
G. 5 %	65	—	—
G. 6 %	67	950\$	950\$ 960\$
G. 6 %	69	—	—
G. 7 %	—	1.025\$	—
H. E. C. 5 %	—	750\$	750\$
H. E. C. 6 %	—	925\$	—
H. E. D. 5 %	—	730\$	725\$ 740\$
H. E. D. 6 %	—	930\$	925\$
H. E. N. P. 5 %	—	—	—
H. E. S. E. 5 %	—	940\$	—
H. E. S. E. 6 %	—	940\$	—
H. E. Z. 5 %	57	—	830\$
H. E. Z. 6 %	—	960\$	955\$ 965\$
N. E. 5 %	—	—	800\$
N. Elec. 6 %	—	—	950\$
Termoele. 5 %	—	—	725\$
U. E. P. 5 %	60	—	730\$
U. E. P. 5 %	63	—	—
U. E. P. 6 %	—	—	900\$

DIVERSAS

A. P. T. 5 %	56	—	900\$
A. P. T. 5 %	58	—	900\$
Lisnave 6 %	—	970\$	975\$
Nitrato 60	—	—	—
Pet. 2.ª 3.ª	—	—	900\$
Sacor 7	1.025\$	1.025\$	1.027\$
Sacor 5 %	—	970\$	—
Sacor 5 %	60	860\$	—
Sid 5 %	2.ª	—	780\$
Sid 5 %	3.ª	—	—
Sid 5 %	4.ª	—	780\$
Socel. 5 %	—	895\$	—
U. Fabril 67	—	920\$	—
U. Fabril 68	—	925\$	—

ULTRAMARINAS

Carboni. 5 %	—	—	—
Rev. 5 %	57	—	—
Rev. 5 %	59/60	—	—
Moçamb. 5 %	—	400\$	550\$
Sonete 5 %	—	800\$	—

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.100\$	5.080\$	5.100\$
Alentejo	1.200\$	1.190\$	1.200\$
Angola	1.200\$	4.150\$	4.250\$
Cred. Predial	5.800\$	5.800\$	5.810\$
Esp. Santo	10.800\$	10.800\$	10.850\$
Formento	5.520\$	5.520\$	5.550\$
F. Burnay	50.000\$	49.500\$	50.000\$
N. Ultr. m.	—	—	5.700\$
N. Ultr. c.	6.700\$	6.700\$	6.720\$
Portugal n.	—	—	4.950\$
Portugal p.	6.150\$	6.100\$	6.200\$
P. Atlântico	—	11.000\$	11.100\$
Totta & Açores	6.300\$	6.300\$	6.305\$
Algarve	2.040\$	2.030\$	2.050\$
Borges & Irmão	8.450\$	8.400\$	8.450\$

J. BURNAY, LD^ª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

GERAL	31/8/72	6/9/72	7/9/72
METROPOL	193,8	195,0	194,7
ULTRAM	198,7	199,8	199,4
	158,1	159,9	160,2

De Seguros

Alentejo	170\$	170\$	171\$
Bonança	—	35.000\$	—
Imperio	—	16.000\$	22.000\$
Mundial	1.360\$	1.350\$	1.365\$
Soberana	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—

Electricas

C. P. E. p.	1.100\$	1.100\$	1.101\$
C. P. E. n.	—	—	1.100\$
E. Beiras	—	1.720\$	1.780\$
G. Elec. c.	326\$	325\$	326\$
H. E. A. A.	161\$	—	161\$
H. E. N. P.	—	245\$	250\$
H. E. S. E.	—	—	1.680\$
U. E. P.	—	187\$	190\$

Ultramarinas

Ag. Casseque	—	1.070\$	1.100\$
Ag. Incomati	—	2.500\$	2.600\$
Ag. S. T. e P.	—	—	—
Ag. Angola	1.000\$	990\$	1.030\$
Alg. Angola	—	190\$	—
Ang. Agric.	—	610\$	650\$
Boror	—	—	110\$
Boror Com	—	—	—
Buzi	—	78\$	80\$
Cabinda	—	110\$	—
Com. Lobito	67\$	670\$	680\$
D. A. — T. 100	—	1.850\$	—
H. E. Revic	—	—	540\$
I. do Princ.	—	300\$	—
Moçambique	—	—	158\$
Sonete p.	—	—	410\$
Sonete n.	415\$	415\$	420\$
Zambézia	—	59\$	—

Diversas

Ag. Lx. ant.	—	405\$	—
Ag. Lx. 34	—	450\$	455\$
Ag. Lx. 36	410\$	410\$	—
Cel. Guadiana	—	5.100\$	—
C. Leiria p.	—	6.750\$	7.000\$
C. Tejo p.	—	—	16.800\$
F. Ramada	—	1.240\$	1.250\$
Fornos Elect.	—	139\$	140\$
P. Celulose	—	4.200\$	4.300\$
Siderurgia p.	—	4.860\$	4.900\$
Siderurgia n.	—	—	3.000\$
Socel	3.580\$	3.550\$	3.600\$
Cida	7.850\$	7.800\$	7.900\$
C. U. F.	2.950\$	2.930\$	2.995\$
Intar	580\$	580\$	585\$
Nitrato	—	1.000\$	—
Petroquímica	995\$	995\$	1.000\$
Sacor	3.640\$	3.640\$	3.650\$
Tab. Portugal	—	3.200\$	3.500\$
Tabaqueira	7.450\$	7.400\$	7.500\$
U. F. Azoto	740\$	740\$	745\$
Empor	220\$	220\$	225\$
Ind. Aliança	850\$	800\$	850\$
I. P. Colón	1.050\$	1.030\$	1.070\$
Nac. Naveg.	3.400\$	3.350\$	3.450\$
Naveg. (Col.)	1.870\$	1.830\$	1.900\$
P. Pesca	960\$	950\$	—
Matut	—	920\$	950\$
R. Marconi	—	1.350\$	1.800\$
TAP	1.245\$	1.235\$	1.245\$
Compal	—	—	600\$
Salvor	—	1.100\$	1.200\$
Penina	—	1.050\$	1.250\$
Grão-Pará	—	—	900\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	—	—	—
F. I. D. E. S.	—	—	—

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rands	28\$50	31\$50
Alemanha — Marco	8\$30	8\$80
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$30
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina — Peso Novo	—	—
Austria — Schilling	1\$16	1\$21
Bélgica — Franco	\$5\$	\$6\$
Brasil — Cruzeiro	3\$50	4\$30
Canadá — Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca — Coroa	3\$75	4\$05
Espanha — Peseta	\$4\$	\$4\$
França — Franco	5\$40	5\$70
Holanda — Florim	8\$20	8\$50
Inglaterra — Libra	6\$500	6\$750
Itália — Lira	\$0\$43	\$0\$46
Marrocos — Dhran	\$5\$00	\$5\$50
Noruega — Coroa	3\$95	4\$25
Suécia — Coroa	5\$55	5\$85
Suíça — Franco	7\$00	7\$25
Ouro	—	—
Inglaterra — Libra Isabel	47\$500	50\$500
Inglaterra — 1/2 Libra	37\$500	39\$500
Ouro fino Barra	58\$00	62\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18 - Telef. 328945
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30304

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

Noite de Teatro

A Senhora das Brancas Mãos

2.º Programa (22.00)

Série Dramática

«Dr. Marcus Welby»

O episódio de hoje é interpretado pelos
artistas Robert Young, Elena Verdugo
e James Brolin nos principais papéis.



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	1.º Período
09.55 Jogos Olímpicos — canoagem (1/2 final); atletismo: 110 m. barreiras (decatlo); disco	14.30 Telejornal — 1.ª edição
14.15 «Aquelas Santas»	14.40 Jogos Olímpicos: Atletismo, Martelo, Peso; 110 metros barreiras; 200 metros meias finais (senhoras); 1.500 metros 2.ª mão (senhoras); Salto em altura; 500 metros (eliminatórias); Peso final (senhoras); 100 metros barreiras — 2.ª mão; 400 metros final; 200 metros final (senhoras); 400 metros final (senhoras); e 400 metros (decatlo); Hipismo-Dressage.
19.30 Telejornal — 2.ª edição	19.45 TV juvenil
20.10 Sangue na estrada	20.30 Há só uma terra
21.00 João Villaret	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de teatro	23.35 Telejornal
23.45 Meditação e fecho	
2.º Programa	
20.30 Desenhos animados	20.45 Vária
21.00 Jogos Olímpicos — resumo: judo, basquetebol, voleibol	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Dr. Marcus Welby»	22.00 Jogos Olímpicos — resumo: judo, basquetebol, voleibol, luta, tiro ao arco, esgrima
23.00 Resumo das principais provas do dia	01.00 Fecho
00.30 Jogos Olímpicos — resumo: luta, voleibol, basquetebol, esgrima, tiro ao arco	
00.15 Fecho	

AMANHÃ

1.º Programa	1.º Período
11.45 Jogos Olímpicos — canoagem (final); voleibol (final)	13.55 Telejornal — 1.ª edição
14.10 Logo à noite	14.25 Jogos Olímpicos — atletismo: (X.X) M: HOMENS (final); peso homens (final); 4x400 m. senhoras (eliminatória); salto em comprimento homens (final); 4x400 m. homens (eliminatória); 1500 m. homens (eliminatória); 1500 m. senhoras (2.ª mão); 4x400 m. senhoras (2.ª mão); 4x100 m. homens (2.ª mão); 1500 m. senhoras (2.ª mão)
18.20 Basquetebol (sumário) (final); VOLEIBOL (sumário) homens (final)	19.00 «Nanny e o Professor»
19.30 Telejornal — 2.ª edição	19.45 As grandes batalhas — batalha da Normandia
21.30 Telejornal — 3.ª edição	22.00 Frente a frente
22.30 «Lancer»	23.00 Telejornal
01.00 Fecho	
2.º Programa	
20.30 Desenhos animados	20.45 Vária
21.00 Jogos Olímpicos — resumo: judo, basquetebol, voleibol	21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Jogos Olímpicos — resumo: judo, basquetebol, voleibol, luta, tiro ao arco, esgrima	01.00 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. A.guas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

SITUAÇÃO DO TEMPO
09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões norte e centro e pouco nublado ao Sul, o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	16.º
PENHAS DOUR.	12.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	14.º
LISBOA	17.º
FARO	19.º
FUNCHAL	21.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA

Máxima 27.º

PENHAS DA SAÚDE

Mínima 5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	17.º
Atmosfera	20.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.42 4,0 m	9.18 0,8 m
15.58 4,2 m	21.44 0,7 m

Dia 8

4-9 4,0 m	9.52 0,7 m
16.35 4,2 m	22.16 0,7 m

Dia 9

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lidia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318)

ALCANTARA:
Infante Santo, R. do Olival, 290 (Tel. 661003); **Probidade**, Rua de Alcantara, 15-A (Tel. 638589)

ALIMIRANTE REIS:
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

ALTO DO PINA:
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912)

ALVALADE:
Alentejo, Av. da Igreja 28-B (Tel. 712682); **Belo**, Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725959); **Rainha Santa**, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (Avenida do Brasil) (Tel. 76262)

AMEIXOIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969)

ANJOS:
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513)

AREIRO:
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820)

AVENIDA DA LIBERDADE:
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); **Galénica**, Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588)

AVENIDAS NOVAS:
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (Avenida da República) (Tel. 772291); **Saldaña**, Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938); **Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 28-3A (Tel. 763016)

BAIRRO DOS ACTORES:
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

BAIRRO ALTO:
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880)

BAIRRO DA ENCARNACÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIXA:
Internacional, R. Áurea, 288 (Tel. 322017)

BENFICA:
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); **Marques**, Estrada de Benfca, 648 (Tel. 700096); **Vitex**, Estrada de Benfca, 373-B (Tel. 780548)

CAMPOLIDE:
Imparcial, R. General Taborada, 28 (Tel. 680931); **Rualto**, Rua Alto do Carvalhal, 5-A (Tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 666206); **Almeida**, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681728)

CHARNECA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969)

CONDE REDONDO:
Comtemporânea, R. Conde Redondo, 26-30 (Tel. 45048)

ESTRELA:
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758)

GRAÇA:

Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 9-9 (Tel. 840125); **Monte (do)**, R. Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Anunciada**, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360); **Progressiva**, Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619)

GRILLO:
Grilho, R. do Grilo, 25 (Tel. 385264)

LUMIAR:
Patuleia, R. do Lumiar, 120 (Tel. 790332)

OLIVAIS:
Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Olivaís Sul) (Tel. 311091); **Central dos Olivaís**, R. Alfres Barrilero Ruas, 7-C (Olivaís-Norte) (Tel. 315539)

PEDROUÇOS:
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533)

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

RESTELO:
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

SANTO AMARO:
Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070)

S. BENTO:
Valentim, R. Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 67453)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, Lg.º Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av.ª da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Cristo-Rei, Av.ª Cristo-Rei, 31-A (Tel. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Pimenta, R. Cons. Joaquim A. Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA
União Moltense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL
Normal do Sul, Praça do Bocado (Tel. 22216)

SEIXAL
Godinho, Lg.º da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **Amadora**, Praceta 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Tel. 938703)

DAMAIA
Lemos, Rua Goa, 21-A (Tel. 971121)

QUELUZ
André, Av.ª Elias Garcia, 151 (Tel. 960043); **Queluz**, Av.ª Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Garcia, Av.ª dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Marráz (Vila), Lg.º Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES
Abreja (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av.ª Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, Lg.º Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Macau, R. José Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel. 261189)

MONTÉ ESTORIL
Costa, Av.ª Saboia, 29-B (Tel. 260085)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407)

PORTO

SUB-TURNO A
Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo (de)** Rua do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, Rua Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória**, Rua Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade**, Rua Her. e Mart. Angola, s/n; **Terreiro**, Rua da Reboleira, 21

SUB-TURNO B
Antas (das), Av. Fernão Magalhães, 1076; **Ant. Porto do Olival**, C. Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, Rua de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, Praça D. Afonso V, 55-B; **Lousada**, Largo do Campo Lf.º, 62

COIMBRA

TURN OF
Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (tel. 26046); **Silva Marques**, Rua da Sofia, 129 - 133 (tel. 23067); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (tel. 23569)

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo D - 7 ANOS
Pretentosa realização de DAS VID LLEAN «DOCTOR JIVAGO» C/ Omar Shariff e Julie Christie

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
Uma das mais célebres bandas animadas mundiais! «CHARLIE E SNOOPY». Um filme para crianças e adultos falado em português. Atenção: Todas as sessões são para: Grupo A - M/6 anos

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo B - 10 anos)
«O PIRATA VERMELHO» com Burt Lancaster e Eva Bartok

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
Grupo B (11 anos)
«O PIRATA NEGRO» c/ Terence Hill, Bud Spencer, PWAUL NNEWMAN e Sylvia Koscina
«A GUERRA SECRETA» de Hany Price

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.14 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
A caça ao animal mais perigoso: o homem!
«FUGA NO PANTANO» com SMANDRA Dee e Roy Thinnies

APOLLO-70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Prémio Kolmer
O melhor filme estrangeiro de 1970 - 4.ª Semana «DJA-MILIA» com Natalia Armbas-sarova
HJOJE AS «/»
GRUPO D (18 anos)
Clássicos à meia-noite
«OS DEVISSOS» de Eliotte Silverstein c/ Anthony QUINN

LONDRES (Tel. 731313)
(Grupo C-14 anos) 2.ª semana
Sessões diárias - 14.15-16.30 - 18.45 e 21.45. Greta Garbo e Charles Boyer em «MARIA WALEWSKA»
Snack-bar, Pub «The Flag»
O melhor encontro gastronómico. (Ar condicionado)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
6.ª Semana O mais divertido filme de Claude Lelouch
«SMIC, SMAC, SMOG» com Catherine Allegret, Amidou, Charles Gérard e Francis Lai

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme insólito! 2.ª Semana «MUNDO CÃO»
Realização de Jacopetti - Technicolor

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
A famosa sátira de Mário Monicelli «MORTADELA» Color Hoje às 18.30. Sessão clássica (Grupo C - 14 anos)
«A FLOR DO CACTO» com Walter Matthau

POLITEAMA
21.45 GRUPO C (14 anos)W
Estreia «SANGUE DO TER-ROR»
15.15 - 18.15 últimas
Grupo D (18 anos)
C. C. e C.ª «OS SELVAGENS»

S. JORGE (Tel. 54152/3)
21.30 GRUPO B (10 anos)
Steve McQueen e CHARLES Bronson «A GRANDE EVA-SÃO»
15.15 - 18.15 últimas
«OO CONTRA GOLDFINGER»

CONDES (Tel. 322523/326710)
15.15 - 21.15
7.ª Semana - Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 1 minutos depois do início das sessões

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 e 21.30
(Grupo A - 6 anos) 76.ª Semana
O maior êxito de sempre «MÚ-SICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer, 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

CASINO ESTORIL
15.30 - 18.30 - 21.30
Grupo C (14 anos)
A autêntica maravilha da arte cinematográfica «A FONTE DA VIRGEM» c/ Max Von Sydow, Brigitta Valberg

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana continuação de estreia As 1001 noites para adultos
«OS OSSOS DO OFÍCIO» C/ Jacques Brell e Emmanuël-le Riva

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um belo conto de amor e morte. «AMARGA EXPERI- CIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carrière. Nas sessões diurnas só se exhibe o filme de fundo.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Eastmancolor - Maiores de 21 anos. Um filme único «HELGA, O SEGREDO DA MATERNIDADE» com Ruth Gassman

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana
Tony Curtis, Natalie Wood, Henry Fonda, Lauren Bacall e Mel Ferrer «A SOLTEIRA E O ATREVIDO» Metro Alvalade

IMPERIAL (Tel. 717480)
15.00-21.00
Grupo D (18 anos)
«UM CURTO VERÃO» Colorido c/ Pelicci Gibon
«O ÚLTIMO TRIUNFO» c/ Janet LWEIGH

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Ron Ely em «A REVOLTA DE TARZAN»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Peter Yates «O GRANDE GOLPE» com Robert Redford e George Segal
Colorido (Ar condicionado)

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
30.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJAS O DELI- CADINHO DO 5.º» com Al-fredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Gar-ces.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Colorscope - 32.ª Semana
O filme do ano «TRINITA» (COW BOY INSOLENTE) com Buel Spencer e Terence Hill

outros estabelecimentos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Prá frente Lisboa»

VILLARET
21.00 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência, o Pendura»

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Camões-72»

LISBOA Cinemas

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«O Baile do Conde de Orgel»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«As mil e uma noites»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O regresso de Ringo»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Ela não bebe não fuma, mas...»

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Kartoum»

MAYER
21.00 (18 anos)
«O Caixão»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«O Túmulo do Pistoleiro»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A morte passou de perto»

CASTANHEIRA ESPLANADA
21.30 (18 anos)
«O monstro da cidade de Londres-W»

ARCO IRIS
19.00 (14 anos)
«Terra sangrenta»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Um homem na solidão»

DEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (10 anos)
«Django desafia Sartana»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«007 ao Serviço de sua ma-gestade»

ESTORIL

Casino
18.30 e 21.30 (14 anos)
«A Fonte da Virgem»

ESPLANADA
21.30 (44 anos)
«A Ira dos Deuses»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«A Bíblia»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«As mulheres»

LINEA DE SINTRA

DAMAIA João V
21.30 (18 anos)
«A vida íntima de 4 mulhe-res»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«A Irmã Yé-Yé»

PORTO Cinemas

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«002 entre polícias e ladrões»

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
«Amor e morte»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Droga, Loucura, Morte»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Zorba, o Grego»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (14 anos)
«Idade violenta»-W

CARLOS ALBERTO
21.30 («ANOS») «Blak JACK» e «A margem da lei»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na zona»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«O homem da luva de ferro»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Um jovem casal»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Este difícil amor»

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amodio, Tina Ferreira, Fernando Maurício, Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário, Tocam Libertio Conde, Rafael Marques e José Vi-tela Fandango pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erm-da e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto, Natá-lia Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luis Gomes e An-tonio Proença Danças Rego-nais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60\$00 Encerra- do domingo Rua Diário de No-tícias, 107. Tel. 328307

FORCADO Elenco Mariana Silva Isabel de Oliveira Francisco Marinho, Ma-ria de Portugal, João Alberto Manuel Martins. Folclore pelos 5 T pcos de Vila Franca de Xira Ar condi-cionado. Rua da Rosa, 221 - Tele-fone 368579.

DANCINGS

CASEBRE Cantam Carlos Barra Deolinda Rodrigues Nazare Ma-ria e Susana
Tocam Carvalho e Julio Go-mes Os Arados Folclore por os Cinco Tipos de Vila Franca de Xira Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

VIELA Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sergio apresenta todas as noites o seu elenco privativo Encerrado ao domingo

ARREDA Fado amador oca e can-to o fado no Arruda Elenco José Pracana José Manuel Osório D. Vicente da Camara e eventua-les clientes Tocam Carlos Gonçal-ves José Pracana e José Inácio Encerra às 3.ªs feiras Consumo mínimo 62\$00 (taxa incluída) Rua Ale-xandre Herculano, 3, Cascais Tel. 263864

FRAGATA REAL Elenco Beatriz da Conceição e Maria João-João-quin Campos em fado Lisboa, João Queiros em Fado Coimbra, o acom-panhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves Folclore os 5 de Vila Franca Artistas conda-dos Ana Rosmaninho e Natá-lia dos Anjos Travessa de S. Miguel, 22, Alfama - Tel. 868552



SUPLEMENTO
LITERÁRIO

Diário de Lisboa



KAFKA OU O CENTRO ABSOLUTO

PIRANDELLO

O BARRETE DE PADUA - NOVELA INÉDITA

OS CHAPÉUS DE MORDILLO NA PÁGINA 7

O "novo jornalismo" de

WOLFE

Antes e depois de

JOYCE

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA NA PÁGINA 2

SL/DL — AS LETRAS ESTRANGEIRAS

Joyce na Quinta-Avenida

Na Biblioteca da Quinta Avenida — uma das sete maravilhas de Nova York — está patente uma exposição da literatura anglo-americana de há meio século. Algo de extraordinário aconteceu, em 1922, no mundo literário anglo-saxão: a publicação de «Ulysses», de um escritor irlandês então quase desconhecido — James Joyce. Decorreram cinquenta anos e os impulsos provocados por tal movimento ainda hoje se notam. Diz-se até que, na moderna literatura, «Ulysses» representa um marco divisorio de duas épocas distintas; antes de «Ulysses» e depois de «Ulysses».

No salão de exposições da Biblioteca Pública da Quinta Avenida, podem ver-se cópias, autógrafos e notas bibliográficas dos escritores anglo-americanos mais em voga em 1922: D. H. Lawrence, Aldous Huxley, Lytton Stanchey, Hilaire Belloc, John Galsworthy, Carl Sandburg, Eugene O'Neill, Stephen Vincent Benet, W. S. Maugham, Gertrude Stein, H. Chesterton, Sinclair Lewis, Willa Cather, Upton Sinclair, Theodore Dreiser, Scott Fitzgerald, John dos Passos, Waldo Frank, etc.

Em meio de tão esplendorosa floração de homens de letras ingleses e norte-americanos, o nome de James Joyce quase se não ouvia. E, no entanto, com «Ulysses», ele veio eclipsar todos os outros.

James Joyce nasceu em Dublin, na Irlanda, a 2 de Fevereiro de 1882. Era a época do nacionalismo de Parnell que, com a sua cávida oratória, inflamou politicamente a ilha. O pai de James era agente eleitoral de Parnell.

Em 1890, um sarilho de saias explorado pelos seus adversários pôs termo à carreira política de Parnell, cuja queda trouxe consigo a da sua organização eleitoral, e uma das vítimas, naturalmente, foi o pai de James. Em consequência, a família Joyce não mais saiu da pobreza e das raías da miséria.

O adolescente James foi educado no Colégio dos Jesuítas. Aos vinte anos emigra



para Paris, onde ganha a vida dando lições de inglês na Escola Berlitz. Regressou a Dublin em 1904. Em Junho deste ano, enamora-se de uma jovem de nome Nora, que veio a ser sua mulher. Na companhia de Nora, retorna a Paris, donde segue para Trieste, onde nascem seus filhos George e Lucia. Em 1906-907 trabalhou como empregado de um banco em Roma. Voltou a Trieste e, em 1914, ao rebentar a primeira guerra mundial, parte para Zurique, na Suíça, onde continua a dar lições de língua inglesa na Escola Berlitz e começa a escrever poemas que

vai publicando nas revistas literárias de então, de escassa tiragem e circulação.

Uma doença nos olhos, que exigiu uma série de intervenções cirúrgicas, acabando por ficar cego por temporadas mais ou menos longas, vem atormentar-lhe a existência o que obriga a solicitar o auxílio dos amigos e das instituições e o enche de dívidas. James era um pobre e desgraçado como Cervantes. E tal como o autor de Don Quixote, nas horas de infortúnio escreve o seu «Ulysses», obra repassada e iluminada pelo humor.

Começou a escrever o «Ulysses» em Trieste, no ano de 1914, continuou-o em Zurique e terminou-o em Paris, em 1921. Trabalhou sete anos nesta obra. Em Julho de 1920, a convite de Ezra Pound, o grande poeta americano, deixa Zurique e regressa a Paris. Por intermédio de Pound, uma pequena editorial inglesa, dirigida por Sylvia Beach, intitulada «Shakespeare and Company» e instalada na rua Dupuytren, no Bairro Latino, aceita «Ulysses», que veio a lume em 1922, no dia 2 de Fevereiro. Joyce fazia 40 anos nesse dia.

Toda a acção da novela, que é volumosa — 783 páginas na edição que possui — decorre num dia (16 de Junho de 1904, o dia em que Joyce se enamorara de Nora) e gira em torno de duas personagens: Leopold Bloom e Molly, sua mulher. Escrito num inglês moderno, com episódios e matizes originais, é uma das jóias da literatura inglesa contemporânea.

A linguagem por vezes é «suja», há uma cena passada num bordel que a moral usada em 1922 considerava «pecaminosa», mas que, nos dias que decorrem, é completamente inofensiva. Da obra fez-se uma tiragem de mil exemplares somente. A Inglaterra e os Estados Unidos proibiram a entrada do livro pelo seu carácter «obsceno». Defenderam-no, no entanto, desde o primeiro momento Valery Larbaud, em França, e o poeta T. S. Eliot, na Inglaterra. Em 1933, uma editorial de Nova York, apoiada por advogados de fama — Greenbaum e Morris Ernst — tentou uma acção a fim de obter autorização para publicar «Ulysses». A 6 de Dezembro de 1933, o juiz John Woolsey decidiu o pleito a favor do editor. A sentença do magistrado dizia assim: «O romance de James Joyce, «Ulysses», não é um livro de leitura fácil. É brilhante e pesado, compreensível e obscuro por vezes. Nalgumas passagens parece-me repulso. Mas, embora contenha muitas palavras geralmente consideradas «sujas», não encontro nele quaisquer propósitos de sujidade».

Apesar de ser o romance-cúpula das duas últimas gerações, não é popular como o foram o «Don Quixote», «David Copperfield» de Dickens, «Os Miseráveis» de Victor Hugo, «Guerra e Paz» de Tolstói, «Vermelho e Negro» de Stendhal, «Madame Bovary» de Gustave Flaubert, etc. Todavia, exerceu uma profunda influência na geração posterior a Joyce, de que fizeram parte Norman Mailer, Alberto Moravia, John O'Hara, Mary McCarthy, Garcia Marquez, Vargas Llosa, etc.

Joyce, modestamente, disse que havia sido influenciado pelo escritor francês Edouard Dujardin (1861-1949). Os imitadores de Joyce, e são uma legião, menos modestos, calam-se prudentemente...

Poderia comparar-se Joyce a Picasso. O pintor espanhol, com a sua paleta, destruiu a pintura académica. Joyce, com «Ulysses», acabou com a novela tradicional criada pelos grandes romancistas do século XIX. «Guernica» e «Ulysses» são únicos: não têm imitação possível.

Folhetim-artístico de José-Augusto França

A não-exposição do centenário de Antônio Carneiro

Cumprir-se no próximo dia 16 de Setembro o primeiro centenário do nascimento de Antônio Carneiro. Há comemorações previstas, suponho, em Amarante, onde nasceu, no Porto, onde viveu, na Póvoa de Varzim a que o pintor esteve ligado por laços de trabalho; publicar-se-á, possivelmente, até ao fim do ano ou logo depois, um livro sobre a sua obra.

Mas não se realizará a grande exposição retrospectiva que é uso fazer-se nesta conjuntura comemorativa. Não que tal, uso seja português: outros centenários têm corrido sem exposição — os de Malhoa em 1955, de Columbano em 1957, de Carlos Reis em 1963, de Veloso Salgado em 1964, de Teixeira Lopes em 1966 — e até de Vieira Portuense em 1965 e de D. A. Sequeira em 1968. Ou apenas com minúsculas mostras de parcelas possíveis dum todo que exige outros cuidados, outra ciência e outra iniciativa; e muito trabalho de equipe que os museus, no estado em que se encontram, não podem fornecer.

O resultado desta falta de possibilidade (diga-se entre parêntesis o resultado está à vista, no quase tudo que se não sabe, por falta de possibilidades de) da arte portuguesa — não só do século XIX. Uma maneira de saber-se dessas coisas é, evidentemente, a das exposições comemorativas. Não que elas sejam obrigatórias mas o pretexto ajuda sempre ou justifica uma pesquisa que de outro se vai adiando. Fazer uma exposição no ano tal (de Antônio Carneiro, em 1972...) é, sem dúvida, mais concreto do que fazer algum dia uma exposição. Todas as

uma dia, até à consumação dos tempos, se farão — mas, entretanto, vão-se consumindo os valores que só historicamente podem ser entendidos e satisfeitos, e que em épocas diferentes diferentemente se definem, com perda irreparável das definições anteriores.

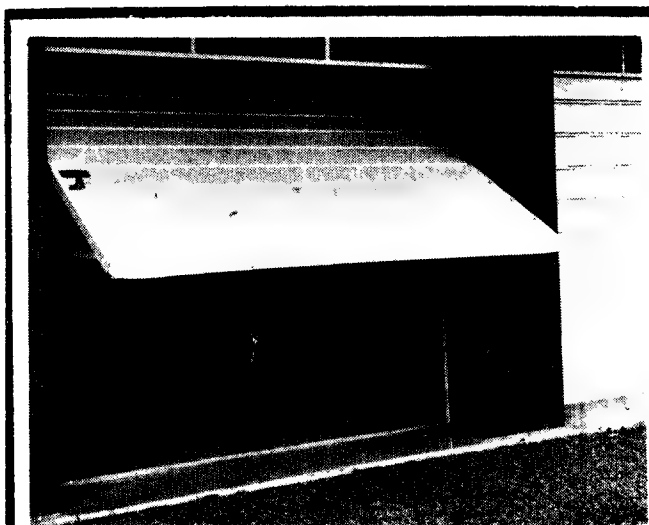
Desta inexistência exposição de Antônio Carneiro chegou a falar-se, esteve a par de diligências feitas, de comissões convidadas, do grande entusiasmo que nisso punha o filho e discípulo do pintor, Carlos Carneiro. Mas Carlos Carneiro morreu no começo deste ano e ficou faltando o motor interessado da manifestação. As dificuldades de ordem científica de uma exposição destas só com entusiasmo e amor podem ser vencidas e amor podem ser vencidas. Onde estão os catálogos «raisonés», os sim-

ples inventários, as fototecas, as bibliografias organizadas, onde estão os estudos monográficos — tudo quanto permita, abrindo gavetas ou folheando dossiers, e lendo livros e revistas, pôr de pé uma exposição? A partir da qual, depois, um novo trabalho de reflexão crítica se realize... A ciência que falta (e faltará, pois nada, à volta, se faz nem quer fazer para resolver o problema) só pode ser mais ou menos lusitanamente suprida pelo empirismo da nossa fatalidade cultural; e este exige decisões ou «carolices» que, por outro lado, cada vez mais rareiam, nas exigências práticas dos nossos dias. A paciência beneditina dos monjes de outrora e dos amadores de ontem não pode ter correspondente hoje senão numa situação institucionalizável inteiramente diferente. Ao que sempre foi «decoração», por não poder ser outra coisa, tem que corresponder hoje uma «estrutura» — ou nicles!

A falta de uma exposição Antônio Carneiro, fornecendo, metodologicamente, o largo espectro da sua criação e nele procurando o significado que actualmente podemos entender, é uma discreta e muda acusação de outras faltas — de possibilidades, de interesse, de compreensão dos problemas, ou, sequer, de haver problemas de cultura, ao nível das artes visuais.

Ninguém e toda a gente é acusável disso — ninguém porque a nenhum director de museu pode ser imputável exclusivamente a falta de instrumentação cultural; toda a gente porque o que está em jogo é o património nacional, e perante ele toda a gente é responsável.

Mas no dia 16 de Setembro faz cem anos que nasceu Antônio Carneiro — um dos mais importantes pintores portugueses de um século XIX prolongado por Novecentos dentro. Falecido em 1930, Carneiro cobriu o primeiro terço deste século, tal como Columbano e Malhoa, desaparecidos em 1929 ou 1933; e fê-lo com uma dignidade cultural altamente significativa. O seu «simbolismo», impar na arte nacional, explica muito do movimento mental e sensitivo da sua geração portuguesa, aquela que n'A Águia se exprimiu e em Teixeira de Pascoas teve o mentor espiritual. A amizade e o entendimento que ligava este poeta a este pintor constituem um fenómeno de cultura — que a inexistente exposição de Antônio Carneiro não permite, infelizmente, conhecer.



«BOLTON»

PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

EXTERNATOS

São Vicente

Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal

Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES



TOM WOLFE

e o "novo jornalismo"

Tom Wolfe — nunca ninguém lhe chama Thomas — é um jovem escritor cheio de originalidade que provocou uma verdadeira revolução no jornalismo americano. Usa trajes brancos «Borsalinos» castanhos e os seus livros têm títulos excêntricos de ortografia fantasista, tais como «*The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Stream-line Baby*» (Bebé aerodinâmico de Cor Bombom com Flocos de Tangerina), «*The Electric Kool Aid Acid Test*» (Cocktail de Limonada com LSD) e «*Radical Chic and Mau Mauing the Flak Catchers*» (Os esquerdistas da Quinta Avenida). Estes traços reflectem a qualidade essencial do fenómeno que recebeu o nome de «Novo Jornalismo», forma literária importante para cujo nascimento contribuíram igualmente Norman Mailer, Gore Vidal, Gloria Steinem e outros pintores da vida americana. As reportagens deste género distinguem-se pelo seu estilo agitado, a sua irreverência e a sua negligência cuidadosamente estudadas — a de um Brummell que acabasse, de facto de passar três horas diante do espelho. O tom predominante, quer reflecta uma filosofia política quer sentimentos pessoais, é irónico e distanciador; o que conta realmente é apenas o acontecimento transcendido pela visão do repórter. É assim o «Novo Jornalismo», o jornalismo do supremo egotismo.

Tom Wolfe, pelo seu lado, incarna os dois temas principais da vida e da literatura americanas: é simultaneamente o rapaz do Sul, queimado pelo sol, os cabelos cheios de palha, os pés descalços enterrados na poeira encarnada de uma estrada do campo, e o intelectual a quem toda uma erudição livresca, adquirida na sombra da verdadeira cultura europeia, dá uma vaga impressão de mal-estar. Se lhe acontece citar Metternich ou Montaigne, e mesmo, por vezes ler o grego, fá-lo sem naturalidade, como se se pavoneasse, envergando o «smoking» do pai, num dia em que este se encontra ausente. Nascido em Richmond, na Virginia, possui um diploma de doutor em literatura inglesa da Universidade de Yale, facto de que não tira uma glória particular, mas que figura na capa de todos os seus livros. Quer que o saibam intelectual mas deseja que não o tratem com rigor por esse motivo. Num certo sentido, não é culpa sua, parece dizer, e, de qualquer modo, não toma isso a sério. As suas credenciais nem por isso impressionam menos um público incerto quanto às coisas do espírito. Permite-lhe igualmente, ser tão pueril e grosseiro como entender. Em suma, Wolfe é uma espécie de Huck Finn que tivesse feito bons estudos.

De que fala ele? A grande corrente da vida e da cultura americanas a cidade vulgar e o cidadão médio não parecem ser a sua preocupação essencial. Para ele, não existe grande corrente americana, mas antes milhares de correntes estranhas e tortuosas cuja confluência constitui aquilo a que chamamos, à falta de melhor, os Estados Unidos. Os seus textos evocam os jovens ultrapassados, animados e rabujentos; os velhos, desiludidos e à espera da morte; os rebeldes, os excêntricos, os hedonistas, os drogados, os flagelados, todas as criaturas bizarras que descobre na América. Descreve, com grande luxo de pormenores minuciosos um país que se assemelha a um circo onde se exibem

monstros. Toma-os pela mão para nos levar de uma atracção de feira para outra explicando-nos o que a mulher mais gorda do mundo fez das suas noites e o que os anões comeram ao pequeno-almoço. Encontrou-os, misturou-se com eles e partilhou mesmo da sua vida, durante algum tempo, mas permaneceu normal e intacto. Assim, pode-se ter confiança nele: por um lado, esteve nos próprios locais e verificou os factos de visu; por outro lado, os seus valores continuam a ser os nossos. É como um guia jovial que ele comenta os espectáculos oferecidos por Sodoma e Gomorra.

Com excepção de «*The Electric Kool Aid Acid Test*», todos os seus livros são compilações de artigos publicados em revistas americanas. Um dos seus ensaios, particularmente característico ocupa-se por exemplo dos jovens que, em Los Angeles, desenham e constroem automóveis personalizados. São desertores da construção automóvel de Detroit, que abandonaram a grande indústria porque ela se opõe a toda e qualquer criatividade. Abriam as suas próprias oficinas e fabricam automóveis para eles

próprios e para as pessoas que desejem adquiri-los. As obras não são, em primeiro lugar, automóveis, mas antes monumentos levantados à glória de uma tecnologia que teria enlouquecido. São máquinas enormes, dotadas de «ailerons», de torres e de torrezinhas, cujo aspecto insólito assume todo o seu valor quando se deslocam. Se estes homens tivessem vivido no século XII, teriam esculpido gárgulas para a fachada de Notre-Dame. Vivendo num país que consideram burguês e sufocante, to-

gens, usam brincos e trajes espantosos, exibem tatuagens e delectam-se com a violência pela violência.

Tom Wolfe entrevista-os, observa o seu comportamento e descreve os veículos que constroem. Faz o mesmo com outras personagens não menos pitorescas. «*The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Stream-line Baby*» contém assim um artigo consagrado aos «designers» que concebem os enormes anúncios de néon dos clubes nocturnos de Las Vegas — artistas da idade

Artigo de
RONALD FRIEDLAND

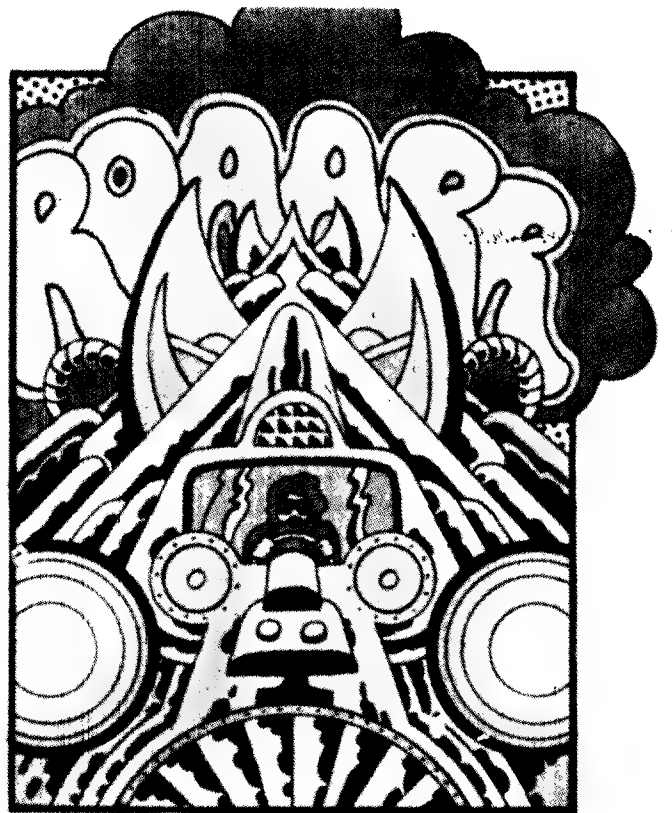
mam os próprios produtos e materiais do «Establishment» e servem-se deles contra esse mesmo «Establishment». Os seus automóveis são uma paródia dos modelos construídos em Detroit, mas, ao mesmo tempo, prestam-lhes homenagem, na medida em que a contestação se revela no caso presente, compatível com o culto da tecnologia. O estilo de vida destes revoltados rejeita também os usos correntes. Dormem em gara-

espacial que criam exóticas culturas de vidro numa escala maior do que as obras de Miguel Angelo. Wolfe descreve igualmente os turistas americanos que chegam à cidade do jogo para se entregarem aí a duas semanas de orgia; as velhas senhoras de cabelos azuis, que, sem pensarem em dormir ou comer, fazem funcionar sem descanso as alavancas das «slot-machines», no hall dos hotéis; os casais que consagram as economias de uma vida inteira a uma «volta» de oito horas, e passam todo o tempo, completamente embriagados, no seu quarto de hotel; as jovens que «vagueiam» nas ruas, envergando calças o mais justas possível e os adolescentes entre os quais as doenças venéreas se manifestam mais do que em qualquer outra parte da América.

Wolfe interessa-se pela indústria do disco de Nova Iorque, pelos jovens histéricos que, com vinte e cinco anos, já ganharam um milhão de dólares graças às suas gravações. Fala dos audaciosos que fazem «surf» ao longo das praias douradas da Califórnia, dos «hippies» de San Francisco, das jovens padecendo de nevrose dos bairros ricos a leste de Manhattan e dos drogados de East Village. Viaja por toda a parte, vê tudo e regista fielmente o que observa por mais horrível e estranho que possa ser, com o pensamento nas pessoas demasiadamente ocupadas ou receosas para se entregarem elas próprias a estas explorações.

A exemplo de Norman Mailer e de Gore Vidal, Tom Wolfe considera-se não um repórter que trabalha no seu próprio país mas sim um antropólogo que parte à descoberta de uma terra fabulosa. Num certo sentido, o «Novo Jornalismo» é um correspondente estrangeiro no seu país natal. Este país já não tem para ele qualquer significado. Não tem nem passado nem futuro. Os seus produtos passam de moda logo que são fabricados e estão, desde o início condenados a serem postos rapidamente de parte. A sua arte é uma paródia da cultura e não tem a pretensão de ser tomada a sério. Os seus habitantes vivem no instante presente, compram a crédito e procuram divertimentos cada vez mais singulares para se distraírem do pesadelo que têm a impressão de viver.

O jornalista, pela sua parte, só pode registar aquilo que vê, mas o que vê é essencialmente incongruente, anti-humano e, em última análise, autodestruidor. Mesmo que se coloque acima de tudo na posição de observador, como não ficar profundamente perturbado com o que se



lhe depara? Assim, não pode contentar-se em escrever simples relatos. Precisa de adoptar uma posição que deve ser antes do mais uma atitude de autodefesa susceptível de o ajudar a preservar a sua saúde mental. Esta posição permitirá que a testemunha afirme a sua própria unicidade, a sua própria importância, a sua própria personalidade em relação ao revanho que se propõe descrever. É a esta óptica que o «Novo Jornalismo» de Tom Wolfe deve o seu tom distintivo e o seu estilo excêntrico.

Qual é, portanto, o ponto de

vista do «Novo Jornalismo»? E que é o «Velho Jornalismo», admitindo que este termo convém? A tradição quis durante muito tempo que o repórter fosse um indivíduo de vista aguçada que registava os factos sem tomar partido e tinha o cuidado de não os interpretar, quer explicitamente, quer pela escolha das palavras ou dos pormenores. Neutro, escrupulosamente anónimo, estava escravizado pelos acontecimentos de que era testemunha. Na redacção dos seus textos o estilo estava ausen-

conclui na página seis

VERÍSSIMOS SALDA

GRANDE SORTIDO EM CASACOS E BLUSÕES DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA, TODO O RESTO DA COLECCÃO DE VERÃO DE PRONTO A VESTIR — CENTENAS DE CAMISAS DE PADRÕES RECENTES, CALÇÕES DE BANHO E CALÇAS

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

ASSEGURADO SHARVEN-FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN-FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome

Morada

Telefone:

INÉDITO

UMA NOVELA DE PIRANDELLO

Subsistem ainda zonas obscuras na obra múltipla de Pirandello. O escritor de Agrigento, se adquiriu os seus títulos de glória como dramaturgo, e, em menor escala, como romancista, foi também um novelista fecundo e original.

Profundamente marcado pelo seu tempo — o que descobrimos trinta e cinco anos depois da sua morte —, Pirandello recebeu a influência do seu amigo Verga, grande mestre do «verismo» no fim do século passado e, como ele, siciliano. A Sicília ancestral, os seus costumes, as suas manias e as suas extravagâncias, os seus ridículos, as suas aberrações e a sua miséria, eis a

verdadeira matéria que Pirandello pintou toda a vida. Foi como enorme «comédia» siciliana que concebeu as suas «Novelas para um Ano», comédia com trezentos e sessenta e cinco actos, um para cada dia, e que a morte impediu de levar a cabo.

Em número de trezentos e trinta e cinco, as Novelas para um Ano» restituem ao género o seu sentido e valor etimológicos: a novela torna a ser «uma boa história», a anedota que cada um arde por ir contar ao vizinho, para o divertir ou escandalizar. Nisso, Pirandello sobe às fontes de uma tradição literária de que a Itália, e particularmente a Toscana, fez, na Renascença, uma

especialidade, a do «Decameron» de Boccaccio.

Algumas das «Novelas para um Ano» tinham sido publicadas por Del Duca, em francês, depois da guerra. Vão agora ser publicadas na íntegra por Gallimard, traduzidas por dois excelentes italianistas, Henriette Valot e Georges Piroué (conhece-se o seu ensaio sobre Pirandello, editado pela Denoel, em 1967). Cinco grandes volumes, o primeiro dos quais sairá em Outubro próximo.

Para os leitores deste Suplemento escolhe-mos um desses saborosos contos, «O Barrete de Pádua», que ressuscita, com o tema de «para espertalhão, espertalhão e meio», o espírito do «romance medieval».

O BARRETE DE PÁDUA

Barrete de Pádua: bonitos barretes de pano, com dobra, daqueles que se usam ainda na Sardenha e se usavam então (isto é, na primeira metade do século passado na Sicília, não pelas pessoas do campo, que preferiam o barrete de linho em forma de meia com o pompom na ponta, mas pelos cidadãos e até pela gente rica; se é verdadeira a historietta que um parente me contou, o qual dizia ter conhecido o chapeleiro que os vendia, objecto de troça, na época, da cidade inteira de Girgenti porque, após tantos anos dedicados a esse comércio, parecia não ter tirado dele outro benefício além do cognome de Cirlincio, que é na Sicília, se interessa a alguém saber, o nome de um pássaro estúpido. Na realidade, o homem chamava-se D. Marcuccio La Vela e abria a sua loja na rua principal, antes da rampa de San Francesco.

Don Marcuccio La Vela estava ao corrente do cognome e irritava-se muito com isso; mas, embora tentasse mostrar-se duro e pronto a recuperar o que era seu, não só nunca o conseguia como no fim redundava no dobro das percas pelo motivo de que, comovido pelas falsas lágrimas dos seus devedores maltratados, deixava-lhes como indemnização dos seus maus modos, além do barrete, uma moeda de doze tari, que lhes passava para a mão.

Desde aí, em todas se arreigara a ideia de que ele não tinha no fundo razões para se queixar

nem de acusar fosse quem fosse; já que se por um lado era verdade que os homens o tinham sempre desfrutado, era por outro lado indiscutível que Deus, em compensação, lhe tinha sempre dado o seu auxílio. Tinha com efeito uma má mulher, indolente, achacada e gastadora: mas cedo se livrara dela; uma enfiada de filhos, e todos num curto espaço de tempo mas conseguira colocá-los a todos. Bem certo que agora, e gratuitamente, se tornara no fornecedor de barretes de toda a parentela, que aumentara, mas podia estar certo que, chegada a hora, não o deixariam morrer de fome. Que poderia desejar mais?

Entretanto, os barretes voavam da loja como se asas tivessem. Toda a gente lhós levava: filhos, genros, sobrinhos, amigos e conhecidos. Durante alguns dias obstinava-se em correr atrás deste ou daquele, sem conseguir recuperar entre tantos barretes, o preço de um único que fosse! Nada! Jurava por todos os santos que não tornaria a vender a crédito:

«Nem ao Senhor Jesus Cristo, caso ele precisasse!»

Mas tornava.

Por fim, tomou a decisão de fechar a loja logo que liquidasse a pouca mercadoria que lhe restava e de que não cederia um fio sem que lhe pagassem adiantado.

Mas eis que um dia se apresenta na loja um tal Lizio Gallo, seu compadre.

Em relação aos barretes, Cirlincio nada receava da sua parte. Eram coisas muito diferentes que em nome desse compadre, Gallo esperava dele. Mas a ele não lhe pregavam: o que aquele queria era dinheiro. Já lhe devia uma continha calada. Mas agora ponto final.

«Que bons ventos o trazem, compadre?»

Lizzio Gallo tinha a mania de passar e tornar a passar a mão pelo longo bigode caído e, sob essa mão, com o ar mais sério deste mundo, de olhos baixos, dizer das boas. Simpático aos olhos de toda a gente por causa do seu bom humor, e não só aos olhos de Cirlincio que era boa alma, mas aos dos comerciantes mais sabidos da terra, conseguia sempre obter o que pretendia endividado até ao pescoço e sempre sem dinheiro. Mas foi com outro ar que se apresentou nesse dia.

«Mal, compadre!» — resmungou, deixando-se cair numa cadeira. «Sinto-me cansado e com azia no estômago».

E com o enjoo e a mágoa pintado no rosto prosseguiu dizendo que não tinha coragem de continuar a viver de expedientes e sofria realmente de mais com o suplício que lhe infligiam as censuras públicas e os olhares mudos que os seus credores lhe lançavam.

Cirlincio logo baixou os olhos e suspirou.

«Suspira compadre que eu bem vejo! E tem toda a razão! Já não posso abordar um amigo

bem sei. Fogem todos de mim! E não obstante acredite-me mais do que por mim é pelos outros que sofro por terem de sofrer a vista da minha pessoa. Ah, juro-lhe que a esta hora, se não fosse pela Giacomina, a minha esposa...»

Cirlincio cortou-lhe a palavra:

«Que está a dizer?»

Sabe o que me retém ainda? — continuou

Lizio Gallo. — Aquela quintinha que a minha mulher me trouxe como dote por muito cravada de hipotecas que esteja. Tenho esperanças compadre de que acabará por ser a minha salvação por causa de umas escavações quaisquer que o Governo tem a intenção de lá fazer. Diz-se que por baixo estariam as ruínas de Camico. Ora! Dois ou três calhaus...Vá lá saber-se. Agora, se a coisa for certa aí vou eu. E não duvide, compadre pensarei em si antes de qualquer outro. O governador já mandou dizer-me que quer falar comigo. Devia lá ir amanhã. Mas como é que hei-de ir?»

«Não percebo» — deixou escapar o tonto do Cirlincio.

«Com estes farrapos? Olhe para mim. Para o fato talvez houvesse remédio. O meu cunhado que tem a mesma estatura do que eu, mandou fazer um há dias e podia emprestar-mo. Mas o barrete? Ele tem uma cabeça assim, enorme.»

«Ah, também você? — exclamou Cirlincio, arregalando os olhos.

«Também o quê? — perguntou Gallo com a expressão mais inocente deste mundo. — Tenho por acaso o hábito de andar por aí pelas ruas de cabeça ao léu? Este barrete, como vê já deu o que tinha a dar».

«E é comigo que vem ter? — replicou Cirlincio, de faces afogueadas pela ira. — Desculpe-me compadre: não-nã, o barrete é que eu lhe não dou, não lho posso dar.

«Mas quem é que falou em dar? Eu pagolho».

«Tem o dinheiro consigo?»

«Não, mas vou tê-lo».

«Nada feito. Só quando o tiver.

«É a primeira vez — observou Gallo com ar calmo e doloroso — é a primeira vez que venho ter consigo por causa de um barrete paduano».

«Mas é que eu jurei, sabe! Jurei, jurei, está jurado».

«Bem sei. Mas vê para que me serviria?»

«As suas razões não me interessam. Mais depressa lhe dava três tari, olhe, e lhe pedia que o fosse comprar noutra loja.»

Lizzio Gallo sorriu tristemente e disse:

«Caro compadre, bem sabe que se me der três tari, eu como-os, e o barrete não o compro. Por isso, dê-me é o barrete.

«Pois então não terá outro, mas também não apanha este! — respondeu Cirlincio com dureza.

Lizzio Gallo levantou-se devagar suspirando.

Máquina de lavar roupa automática 421 S



Máximo controlo de lavagem com o mínimo esforço. Basta accionar o botão de comando único e terá para cada tecido o programa adequado.

Miele

Agente Oficial:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

Rua da Escola Politécnica, 27
Telf. 370806 LISBOA

«Está bem, pronto. Tem razão. Estou a tentar livrar-me destes abprrecimentos, mas chego à conclusão de que a única saída é morrer».

«Morrer? — gaguejou Cirlincio. — Há precisão de morrer? De resto, o barrete tem de o tirar na presença do governador.»

«Justamente! — exclamou Gallo. — Faria uma linda figura na rua com o fato novo e o barrete em farrapos. Diga antes que não quer entregar-mo.»

E fez menção de sair. Então Cirlincio, arrependendo-se como de costume, agarrou-lhe um braço e disse-lhe ao ouvido;

«Dou-lhe três dias para me pagar. Mas não o diga a ninguém! Ao cabo dos três dias...tome cuidado!...Sou capaz do lho arrancar da cabeça em plena rua, assim que o vir passar. Quando chega a ocasião posso ser bruto.»

Abriu o armário dos algodões e tirou de lá um maravilhoso barrete de Pádua. Lizzio Gallo experimentou-o. Assentava-lhe como uma luva.

«Ah como ele me pesa! Eu já me sentia mal ao vir aqui. Agora o compadre deu-me o golpe de misericórdia.»

E foi-se embora.

O pobre Cirlincio esperaria tudo, realmente, menos que Lizio Gallo, volvidos dois dias, passasse desta para melhor. Pôs-se a chorar como uma Madalena cheio de remorsos recordando — ah! — as últimas palavras do compadre — ah! — parecia-lhe ainda vê-lo na loja, abanando amargamente a cabeça — ah-ah!ah!

Correu a casa do morto para partilhar a dor da viúva, Dona Giacomina.

No caminho havia muita gente que parecia divertida ao abordá-lo.

«Lizio Galo morreu, já sabia?»

«Então não vê como eu choro?»

Toda a gente lhe tecia louvores e lastimava o seu fim prematuro, embora sorrisse tristemente com a lembrança das suas inúmeras mafeitorias. Os numerosos credores fechavam os olhos suspirando e erguiam a mão em sinal de dívida saldada.

Cirlincio encontrou Dona Giacomina inconsolável. Quatro tochas ardiam nos ângulos do leito sobre o qual o compadre jazia sob um lençol. A viúva narrava, chorando, como é que acontecera a desgraça.

«Traíçoeiramente — dizia ela — Mas havia já um certo tempo que ele não parecia o mesmo.»

Cirlincio aprovava lavado em lágrimas e para prova contou à viúva a ultima visita que ele lhe fizera à loja.

«Eu sei, eu sei! Ah, como ele se afligiu com isso, o meu pobre Lizio. As suas palavras, compadre, ficaram-lhe gravadas no coração como facadas.»

Cirlincio estava desfeito em lágrimas.

«E o que me corta o coração», continuava a viúva, «é que vou vê-lo na carreta dos pobres debaixo de um trapo preto...»

Então Cirlincio, sob a força da emoção, ofereceu-se para pagar o enterro. Mas Dona Giacomina agradeceu-lhe sem aceitar; disse-lhe que era essa a última vontade do marido, que queria respeitá-la, que o marido teria até querido que não houvesse cortejo fúnebre e que, enfim, ele próprio tinha designado a igreja onde, morto, desejava passar a última noite, segundo o costume: a igreja de Santa Lúcia, que era a mais humilde e a mais afastada, para alguém que desejava partir quase a furto, sem cerimónia.

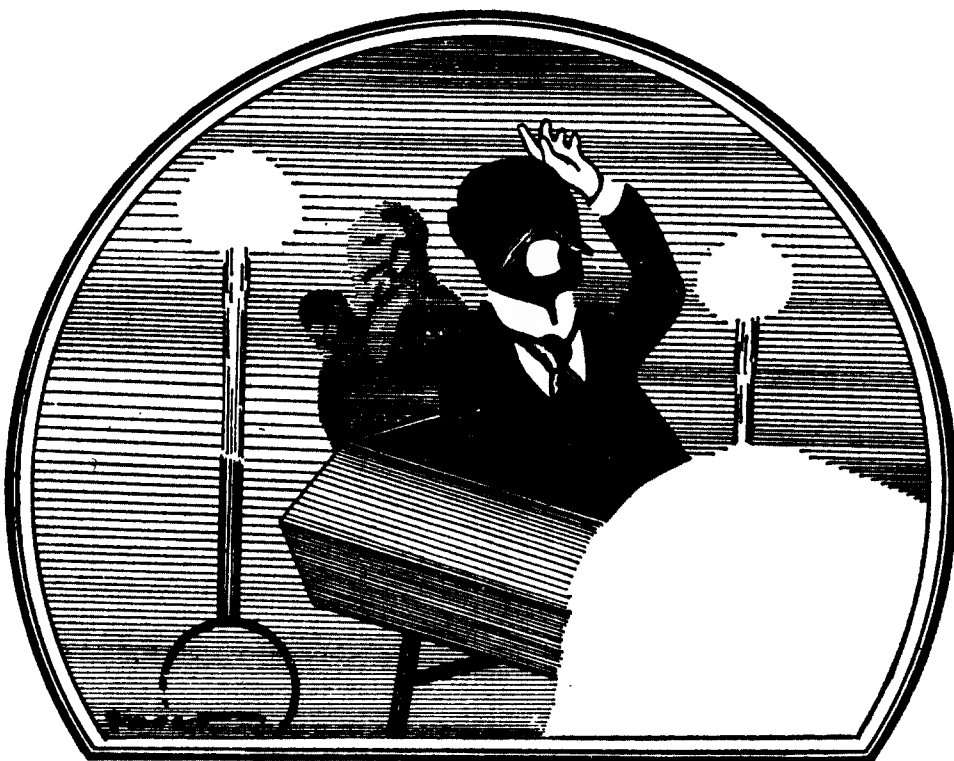
Cirlincio insistiu, mas por fim teve de render-se à vontade da viúva.

«Quanto ao cortejo, fique certa de que toda a cidade irá acompanhar o pobre compadre.»

Não se enganava.

Ora, durante o cortejo, pela estrada que levava à pequena igreja de Santa Lúcia, aconteceu que Cirlincio — que se encontrava logo atrás da carreta que quatro carregadores seguravam pelos varais — fixou com os olhos inundados de lágrimas o barrete paduano, novinho em folha, que o morto tinha a tapar-lhe a crânio e que pendia e bambalhava para fora do esquite. O barrete que o compadre não chegara a pagar-lhe. Que tentação!

O pobre Cirlincio esforçou-se diversas vezes por despegar o olhar; mas os olhos, quase em seguida, voltavam ao barrete, atraídos pelo baloiçar que obedecia ao passo ritmado dos carregadores. Morria por aconselhar um deles que dobrasse o barrete sob a cabeça do morto e



que entalasse o lençol por cima para acabar com aquele baloiçar. «Sim, só faltava isso, que fosse eu a chamar a atenção das pessoas. Quando, naturalmente, ao verem-me a olhar pelo rabo do olho para o barrete estão fartos de se rirem de mim».

Torturado por esta suspeita, lançou olhares de soslaio para os vizinhos, seguro de ver-lhes nos olhos o clarão de malícia que temia, e logo se voltou com raivosa mágoa para o barrete baloiçante. Como era belo! Que delicadeza! E eis que agora — era mesmo pena! — iria acabar na cabeça de um gato-pingado, ou então com o compadre, debaixo da terra, inútilmente.

Estes dois epílogos, sobretudo o primeiro, que era o mais provável, começaram a agitá-lo tão fortemente, que, sem querer, começou a pensar na maneira de recuperar o barrete. Lançou ainda algumas olhadelas em volta e apercebeu-se de que, enquanto caminhavam, muitos seguiam esse balancear cadenciado que o mergulhava a ele em transe, e lhe infligia um verdadeiro suplício.

Afigurou-se-lhe mesmo, por fim, que, parecendo dar um sentido ao ruído dos passos dos carregadores, a oscilação como que repetia em voz alta, sem cessar, para toda a gente ouvir:

Lá está ele — foi bem levado

Lá está ele — foi bem levado...

Não, isso nunca! Nem que tivesse de passar a noite inteira escondido na Igreja de Santa Lúcia tinha de recuperar o barrete: era seu! Para mais que morto o compadre não gozà-lo. Um barrete novinho em folha! Depois era só tornar a pô-lo na prateleira do armário. Porque, Deus do Céu, não se tratava apenas de manter uma decisão deliberada, não, mas de permanecer fiel a um juramento, pois! a um juramento!

De tal modo que quando o cortejo chegou à igreja, (era já noite fechada) onde o bedel tinha preparado dois cavaletes sobre os quais os tristes despojos deviam assentar, e enquanto a multidão assistia à benção do cadáver, Cirlincio foi pé ante pé esconder-se atrás de um confessional.

Deserta a igreja, o bedel, de lanterna em punho, foi fechar a grande porta; a seguir entrou na sacristia em busca de azeite para alimentar a lamparina votiva diante de um altar.

No silêncio da igreja, os passos arrastados soaram lúgubrememente.

O vazio solene do lugar santo, nas trevas, provocou um terror tal em Cirlincio que, primeiro, esteve a ponto de ir pedir ao sacristão que o deixasse ir-se embora. Conseguiu porém dominar-se.

Cheia a lamparina, aproximou-se sem ruído o sacristão do corpo do morto, debruçou-se para ele,, relanceou involuntariamente o olhar em volta, e antes de se retirar para o seu cubículo por cima da sacristia, colheu, com toda a limpeza, entre dois dedos, o barrete do defunto, eclipsando-se em pézinhos de lã.

Cilincio não dera por nada. Quando ouviu fechar-se a porta da sacristia e bater a tranca, pare-

ceu-lhe que a igreja mergulhava no vazio. Depois, no meio das trevas, lobrigou com esforço a luzinha diante do longínquo altar; pouco a pouco a luzinha aumentou, espalhando-se, fraca, em redor. Com esforço e confusamente, os olhos de Cirlincio começaram a distinguir alguma coisa. Então, circunspecto, retendo a respiração preparou-se para sair do esconderijo.

Mas, ao mesmo tempo, duas outras sombras que se tinham escondido na igreja com as mesmas intenções, avançaram, silenciosas e curvas como ele, mãos às apalpadelas em direcção ao corpo do morto, cada um por si, sem reparar no outro.

De repente rolaram três gritos de terror no silêncio negro da igreja.

Julgando-se enfim só, Lizio Gallo sentara-se, de torso erguido cobrindo de imprecações o sacristão e apalpando a cabeça nua.

Aos três gritos juntou gelado de medo um longo berro:

«Quem está aí?»

E instintivamente tornou a deitar-se atirando o lençol por cima da cabeça.

«Compadre... — gemeu uma voz sufocada pela angústia.

— «Quem é?»

— «Cirlincio?»

— «Quantos somos nós?»

— «Porcaria de terra esta! — rugiu então Lizio Gallo, atirando o lençol para o ar e saltando para o chão. Por causa de uma miséria de um barrete de Pádua! Quantos são vocês? Três? Quatro? E você, compadre?

— «Bem atão não morreu? — balbuciou Cirlincio, aproximando-se.

— «Morto? Morto queria eu estar para escapar à vossa sórdida avaréza — deitou-lhe á cara Lizio Gallo, indignado. Então? Não tem vergonha? Vir despojar um morto, como o desavergonhado do sacristão?! Pois bem! Já não o tenho, ele roubou-mo! Quando penso que o tinha prometido a um dos carregadores... Não há maneira, nos tempos que correm, de nos deixarem em paz, mesmo morto, nesta maldita porcaria que é esta terra! E eu que esperava que esquecessem as minhas dívidas... pois era... Quantos são vocês? Três quatro, dez, vinte? Terão a coragem de guardar segredo? Com certeza que não. Pronto não se fala mais nisso.»

Prantou-os ali, estupefactos, apalermados, e foi fazer uma cena contra a porta da sacristia, ao murro e ao pontapé.

«Olá, seu malvado sacristão de uma figa!»

Este apareceu quase de seguida, em camisa e calção de lanterna em punho, atrapalhadíssimo Lizio Gallo agarrou-o pelos ombros.

«Vai buscar o meu barrete, já, já, imediatamente, seu ladrão!» — Don Lizio! — exclamou o outro, quase a desmaiar.

Gallo manteve-se de pé, sacudindo-o como a um arbusto.

«O meu barrete, digo-te eu, porco imundo! E vem abrir-me a porta. Já não estou morto, acabou-se.»

conclusão da pag. três

te. As palavras eram deliberadamente precisas e desapaixonadas, e a narração jamais tinha como objectivo chamar a atenção para o autor ou para a sua maneira de apresentar as coisas. O que interessava eram apenas os factos e tudo o que ia contra este princípio era cuidadosamente eliminado. O «Novo Jornalismo», com Tom Wolfe em primeiro lugar, aterrou furiosamente estes valores.

Wolfe recorre a um estilo não ortodoxo que chama imediatamente a atenção do leitor. Escreve como jogaria o boxe parak um campeão, ataca o seu assunto, cerca-o, lança-lhe golpes secos, entrega-se a um notável jogo de pernas, avança e recua para manter o leitor em constante desequilíbrio. Recorda Muhammad Ali (Cassius Clay), que seria interessante mesmo que ninguém mais se encontrasse sobre o ring. A ferramenta fundamental de Wolfe é a fórmula severa e não a frase bem torneada. Acentua este processo utilizando uma pontuação fantasista; coloca traços de união, vírgulas e séries de pontos precisamente onde menos se espera. Constrói séries surpreendentes de adjetivos e de advérbios empilhados uns sobre outros e adora as listas de coisas, de cores e de pormenores. Utiliza os ruídos, as palavras imprecisas, as interjeições violentas e os expletivos. Trabalha contra a sintaxe, desmantelando a gramática e remodelando-a de maneira estranha e surpreendente. A sua prosa ofegante lembra a linguagem, interrompida pela desordem das palavras e das ideias, de um jovem que se precipita para casa a fim de descrever um acontecimento extraordinário que acaba de presenciá-lo.

O que viu, parece dizer, é tão incrível que a sua prosa deve captar e reflectir esta inverosimilhança, que a vulgar frase inglesa não conseguiria transmitir. Só alongando a estrutura da frase, deformando-a, forçando novas palavras e, por vezes, indo até ao soluço e ao grito ele pode transmitir ao leitor o lado histórico daquilo que observa. Resultado: o relato torna-se mais apaixonante e, finalmente,

mais importante do que o próprio acontecimento. A maneira como Wolfe trata a recepção dada por Leonard Bernstein ou a visita que fez a um «hippie» de Greenwich Village é mais empolgante e significativa do que o próprio assunto de que se ocupa. Assim, ele torna-se quase um romancista e as suas reportagens assemelham-se muito frequentemente a obras de ficção.

No seu livro meio-jornalístico, meio-romanceado, «The Armies of the Night» (Os Exercícios da Noite), Norman Mailer torna suas estas concepções. Sabe que não pode ser o repórter objectivo que abdica da sua própria personalidade. E não vê qualquer outro modo de perceber e de conhecer o mundo, porque, em sua opinião, nem os seus leitores nem ele próprio ganhariam com isso. No seu livro, prefere insistir nas suas próprias reacções em vez de registar passivamente as cenas de violência que assinalaram a manifestação a favor da paz organizada em Washington. Referindo-se ao seu livro, diz que a história é a ficção e a ficção a história. Isto poderia ser igualmente a melhor definição do «Novo Jornalismo»: o escritor assinala os acontecimentos do seu ego à medida que se produzem, e o centro de atracção não é o incidente, mas o próprio autor. O acontecimento é a matéria bruta da reportagem, mais ou menos como as experiências pessoais de um romancista são o minério que trabalhará no seu livro. Tom Wolfe vai mais longe ao exprimir o sentimento, de que o mundo que recria é mais real do que aquele que observa. A seus olhos, a reportagem possui uma existência própria, independente dos acontecimentos e superior a estes.

Esa evolução explica-se em parte pelo papel dos órgãos de informação nos Estados Unidos dos nossos dias. Para os telespectadores, as actualidades tele-

visionadas são a própria actualidade. Se não se difundirem filmes sobre a guerra do Vietname, esta guerra apaga-se momentaneamente. Frequentemente, com efeito, o que se passa não existe se uma câmara de televisão não se encontrar lá para o confirmar. Muitos discursos não seriam pronunciados, muitos comícios políticos não se realizariam nunca se os organizadores das reuniões não estivessem certos de que equipas de operadores de registar e levariam ao conhecimento do público americano. Uma manifestação insignificante pode transformar-se num acontecimento capital se as «mass media» lhe concederem suficiente publicidade: se a imprensa escrita e falada assim decidir, determinada conferência de imprensa de reduzido interesse pode assumir uma importância desproporcionada. Alguns comentadores, tais como Walter Cronkite ou David Brinkley, são mais conhecidos dos telespectadores do que muitos membros do Congresso ou do Governo. A maneira como apresentam as coisas e a orientação dos seus conceitos determinam, em larga medida, o significado que o público dará a determinado acontecimento. O «Novo Jornalismo» de Tom Wolfe nasceu deste tratamento da informação pela televisão e pelos jornais.

Porém, Wolfe vai ainda mais longe. Como o verdadeiro objecto dos seus ensaios outro não é senão ele próprio as questões que aborda perdem praticamente a sua importância. Poderia igualmente falar do acasalamento dos ursos ou da vida das abelhas na colmeia. O que faz o valor fundamental dos seus textos não é o seu objecto, é a habilidade da escrita, o ponto extremo até onde podem ir as metáforas e as analogias, a idiossincrasia que aparece na linguagem. Neste último capítulo, Wolfe atinge os limites da lógica e da razão. O leitor observa como observaria um mergu-

lhador saltando de um trampolim a fim de executar um perigoso salto para a retaguarda particularmente audacioso, perguntando a si próprio como poderá resolver o problema sem partir a espinha. Deste modo, vemos menos Wolfe para nos documentarmos sobre a comunidade sino-americana de Nova Iorque do que para ver de que altura mergulhará, o que ele fará desta vez da maneira bruta que escolheu.

O «Novo Jornalismo» fixou igualmente a si próprio a missão de estabelecer teorias sobre os Estados Unidos. Trata-se de uma actividade tipicamente americana. Os acontecimentos devem ser analisados. E preciso extrair um sentido dos milhões de incidentes, em perpétua mutação. Estudado sob este ângulo, tudo o que se passa torna-se história imediata; os acontecimentos, à medida que são registados, são introduzidos no molde de um certo contexto e considerados a causa ou o efeito de qualquer outra coisa. Um «Novo Jornalismo» não pode contentar-se em relatar; deve explicar. Também aí, Wolfe vai até ao fim do processo. Divorciando-se finalmente dos fenómenos que tentam explicar, as suas teorias tomam uma vida própria. Surgem-lhe como uma engenhosa organização de ideias, sem que ele se preocupe em saber se são válidas ou não. No próprio momento, têm um sentido. Porém, o leitor não passa das complexidades do mundo para a análise que delas faz o autor para regressar em seguida ao acontecimento real compreendendo-o melhor. A sua atenção concentra-se sobretudo sobre a própria teoria. Também aí, o assunto perde a sua importância a favor do uso que dele é feito. A razão desta transferência é a própria essência do «Novo Jornalismo». Não é um jornalismo de reportagem, é um jornalismo do ego. A personalidade do redator domina tudo.

O estilo próprio de Tom Wolfe é a prova disso. Cáustico, saltitante, volúvel, o escritor trata tudo com uma total ausência de gravidade. O que surpreende sobretudo é o desprezo que revela pelas pessoas de que fala. Vê a América como uma comunidade de farsantes mais ou menos maus, mais ou menos dignos de lástima ou divertidos, mas sempre ligeiramente idiotas. Sente-se superior a essas pessoas e toda a sua obra se encontra impregnada deste vivo sentimento. Como testemunha, não toma parte na sua loucura e pode compreender muito melhor do que elas o seu comportamento. Trata-se de uma curiosa alteração da imagem que se tem vulgarmente do jornalista. Regra geral, a admiração popular incide sobre o homem activo, o político, o artista. O repórter não passa de um acessório passivo, uma câmara humana que segue estes heróis e diz ao público aquilo que eles fazem. Só existe porque é necessário. Mas se, como Wolfe pensa, o mundo é um asilo de alienados, um espectáculo dado por loucos, então o homem superior é aquele que se mantém afastado e a sua recusa em penetrar na confusão é a maior prova de sabedoria que pode dar.

E esta talvez a razão pela qual Tom Wolfe se tornou um escritor tão popular nos Estados Unidos. Por seu intermédio também o leitor se sente superior às pessoas evocadas nos artigos que lê. Sem ter de intervir ele próprio, pode compartilhar do desprezo do escritor por aqueles que se encontram na arena. Para quem nunca escreveu uma sinfonia nem dirigiu uma orquestra, é agradável considerar Leonard Bernstein do alto. Este homem é louco por organizar uma recepção para os Panteras Negras. Ao tentar comprometer-se no seu movimento de reivindicação, ele ridiculariza-se. O leitor nada fez pelos negros, enquanto que Bernstein, esse, tentou pelo menos fazer qualquer coisa. Mas

não precisa de se sentir culpado. Wolfe garante-lhe que mais vale permanecer junto do teclado rindo-se das parvoíces daqueles que decidiram agir.

Há mais: a obra de Wolfe caracteriza-se por uma ironia no segundo grau. Sem que o leitor se aperceba, Wolfe experimenta igualmente por ele o mais profundo desdém. Considera-o mesmo o mais estúpido do grupo. Este pobre ingénuo julga-se igual ao escritor porque partilha da imagem que este tem do mundo. Tom Wolfe, porém, sabe mais sobre a matéria. Estava lá, viu o que se passou. Falou com os participantes. Deu-se ao incómodo e perdeu tempo a redigir um artigo a este respeito. Não o leitor, o qual só possui uma experiência passiva das coisas, por procuração e, informado por Wolfe, se limita a reagir em consequência. Assim, ao fim e ao cabo, o «Novo Jornalismo» é superior ao resto da humanidade. Com uma opinião pouco lisonjeira acerca daqueles de que fala e daqueles para quem escreve, chega mesmo a desprezar a sua própria profissão. E certo que escolher para tema de uma crónica os comportamentos de indivíduos que ridicularizamos a fim de sermos admirados por outros, a quem não ligamos mais importância não nos leva a alimentar um profundo respeito por nós próprios.

Trata-se de um aspecto desconcertante do «Novo Jornalismo» em geral e da obra de Wolfe em particular. Tom Wolfe não se identifica com as pessoas que descreve. A sua obra não é de modo algum caracterizada pela compaixão. Enclausurado no seu ego, lançando um olhar altivo sobre o mundo, renuncia finalmente ao seu quinhão de humanidade. Pode ser perigoso não tomar as pessoas a sério, sejam elas quais forem e por mais estranhos que sejam os seus actos e os seus objectivos. Perigoso para o indivíduo, porque se sente diferente dos outros, em todos os domínios essenciais. Perigoso para a sociedade, porque semelhante atitude separa os homens e leva-os a considerarem-se reciprocamente estranhos numa terra estranha. Nestas condições, o jornalismo torna-se um divertimento e a vida dos homens uma espécie de teatro do absurdo. A julgar pela história do século XX, isso não tem certamente nada de «novo».

TOM WOLFE

YASHICA



APARELHO COMPACTO DE ALTA PRECISÃO DE 35mm DE GRANDE ÂNGULO

PIONEIRA EM APARELHOS ELECTRONICOS PARA FOTO CINE

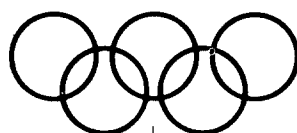
LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 centos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. RUA DO GARRIDO, 73-A



GRUNDIG

Fornecedor oficial de televisores para os Jogos Olímpicos Munique -72

SANCHO PANÇA



Cantinflas chegou a Espanha para interpretar o papel de Sancho Pança numa nova versão cinematográfica da obra de Cervantes, que terá por título, Don Quijote Cavaiga de Nuevo. Trata-se de uma co-produção hispano-mexicana, que será totalmente rodada em Espanha, sob a direcção de Carlos Blanco.



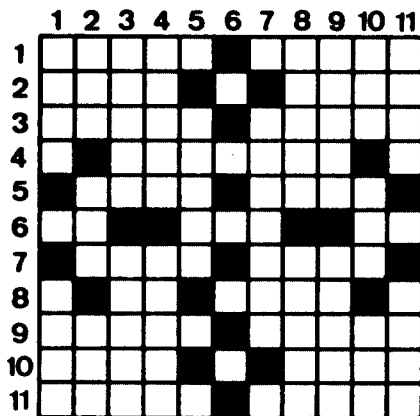
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10188

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de peixe. Empedra.
- 2 Freguesia do concelho de Torres Vedras. Tempo do verbo ser. Género de pássaros dentirrostros.
- 3 Acarinha. Tempo do verbo ir.
- 4 Viatura de artilharia (pop). Artigo definido.
- 5 Árvore indiana. Ramada.
- 6 Crença. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Amónio (s.q.).
- 7 Apelido. Mamífero desdentado espécie de tatu.
- 8 Tempo do verbo ir. Cidade da Arábia.
- 9 Homicídio. Repercitur.
- 10 Jarro (planta). Artigo definido. Levantei.
- 11 Cidade de Itália. Planta viçaz e medicinal.



VERTICAIS:

- 1 Após. Estimam.
- 2 Alcool de melação. Um cento. Agora.
- 3 Exclusiva. Entonteces.
- 4 Filha de David e de Maaca. Gagos (Prov.).
- 5 Freguesia do concelho de Guimarães.
- 7 Realidade.
- 8 Abaixo. Erras.
- 9 Aperfeiçoam. Aguça.
- 10 Segundo filho de Noé. Rio da Suíça. Prefixo que designa ar.
- 11 Queima. Grupo de três.

Resolva completamente este problema?

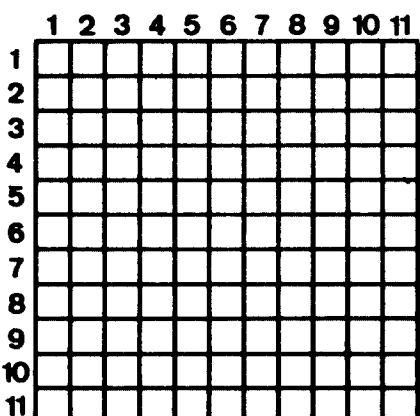
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6344

HORIZONTAIS:

- 1 Divulgasses.
- 2 Cidade de Portugal. Tira de couro a que vai preso o cão de caça.
- 3 Cidade de Itália. Rio do estado do Pará.
- 4 Antiga cidade da Birmânia. Preposição e artigo definido (pl). Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 5 Elemento de composição de palavras que exprime a ideia de glândula. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes.
- 6 Mercadonas.
- 7 Campeão. Nota musical. O mais. Quinhentos e cinquenta em romano.
- 8 Tome rumo ou direcção. De-sejei.
- 9 Tempo do verbo ir. Executou. Mil e quatro em romano.
- 10 Gemera (bras). Abala.
- 11 Relativo a osso. Vestidura grosseira, para homem ou mulher (ant).



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Santarém. Vila e sede de concelho (Portalegre).
- 2 Testemunho. Transpirais.
- 3 Parreira. Dás mos.
- 4 Povoação do concelho de Condeixa. Vagueie. Mulher criminosa.
- 5 Gálio (s.q.). Preposição. Freguesia do concelho de Esposende.
- 6 Nome de Buda na China. Crença.
- 7 Abreviatura musical de a tempo. Bruxa. Interjeição designativa de pancada ou procedimento rápido.
- 8 Senhora. Cidade da Jugoslávia. Prata (sq e inv.º).
- 9 Enxugais. Dois mil e dois em romano.
- 10 Prendia com elos. Mete na cama.
- 11 Antigo casacão de militares. Freguesia do concelho de Vila Nova.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10187

HORIZONTAIS:

- 1 Parte. Traça.
- 2 Amera. Laçam.
- 3 Rola. Saba.
- 4 Crê. BOM. Mad.
- 5 Aarão. Apolo.
- 6 LIVRO.
- 7 Ateia. Crato.
- 8 BOM. Rio. Mar.
- 9 Ocas. Mane.
- 10 Nalón. AMIGO.
- 11 Arara. Pisou.

VERTICAIS:

- 1 Parca. Abona.
- 2 Amora. Tocar.
- 3 Rola. Saba.
- 4 Tia. Ali. Sôr.
- 5 Ea. Boiar. Na.
- 6 Bo. Id.
- 7 Ti. Março. Pá.
- 8 Rás. Por. MMI.
- 9 Acamo. Amais.
- 10 Cabal. Tango.
- 11 Amado. Oreou.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6343

HORIZONTAIS:

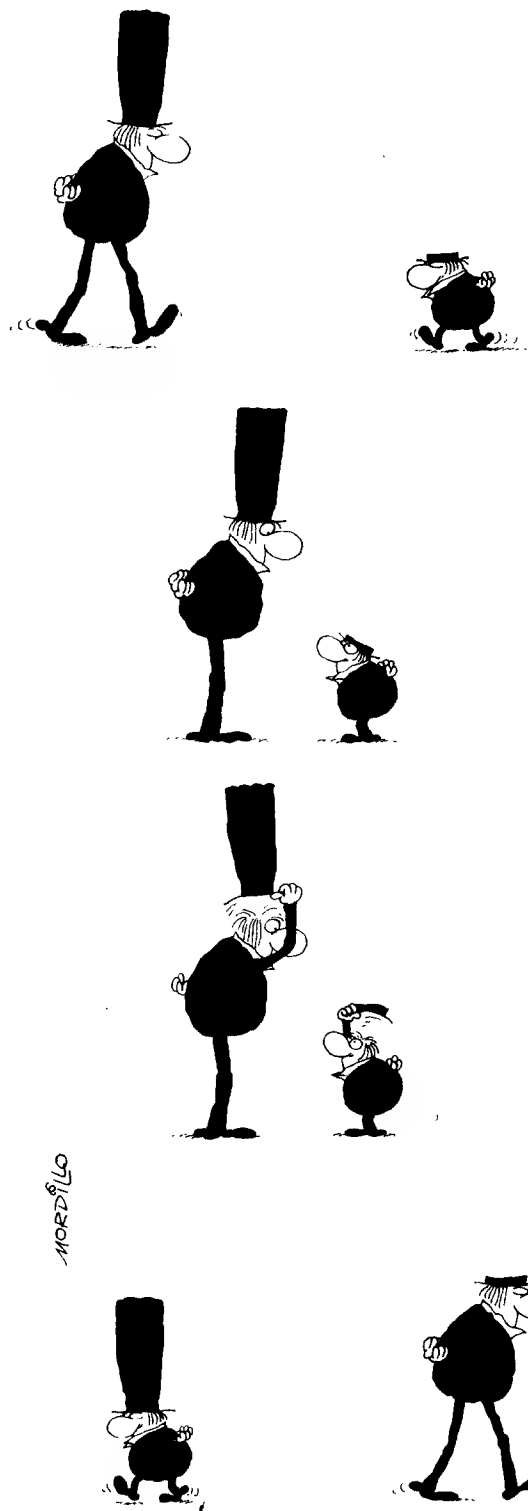
- 1 Sagorro.
- 2 Imola. Sural.
- 3 Cora. Melo.
- 4 Art. Mês Ais.
- 5 Aero. Apre!
- 6 Sicília.
- 7 Ia. Marão. Af.
- 8 Ária. Rata.
- 9 Zás. Tal. Sus!
- 10 Arcar. Urnas.
- 11 Niari. Asara.

VERTICAIS:

- 1 Pica. Riazan.
- 2 Mora. Arari.
- 3 Sortes. Isca.
- 4 Ala. Rima. AR.
- 5 Ga. Moca. Tri.
- 6 De. Irmã.
- 7 Rs. Sala. Lua.
- 8 Rum. Pior. Sr.
- 9 Oreara. Asna.
- 10 Alie. Aturar.
- 11 Elos. Niassa.

PROVÉRBO: Bom livro, bom amigo.

MORDILLO



Um artigo de RAMON SENDER

Exclusivo SL/DL

KAFKA OU O CENTRO ABSOLUTO

Acaba de publicar-se em língua inglesa, num único volume, a obra completa de Kafka, com perfácio biográfico, notas eruditas ou críticas e tudo o mais que um bom leitor de Kafka pode desejar. Isto fez voltar à mesa de discussão o grande judeu checoslovaco, o obscuramente luminoso K, porque se pode nomear pela sua inicial apenas, que todo o mundo sabe de quem se trata. Não há mais que um K na história das letras humanas.

Kafka sabia o que ia suceder com o seu nome. Em 1914 escrevera no seu diário: **«A letra K é inofensiva, quase nauseabunda e, no entanto, aqui estou escrevendo-a e assinando com ela.»** Odiava já a celebridade antes de a possuir.

Diz George Steiner, um dos seus mais clarividentes críticos, que os ensaístas marxistas nunca se cansam de repetir que os aspectos básicos da alucinada diagnose que K faz da nossa época estão fundados simplesmente nas suas observações da burocracia feudal e absurda do agonizante império austro-húngaro. Eu creio que na Idade Média feudal o indivíduo se sentia mais livre e nessa liberdade havia alegria. Havia Robins dos Bosques orgiastas, havia arceprestes que escreviam e publicavam livros exaltando as graças das suas concubinas, havia poetas populares que tinham acesso à alcova da duquesa e aventureiros que se faziam receber e escutar pelos reis.

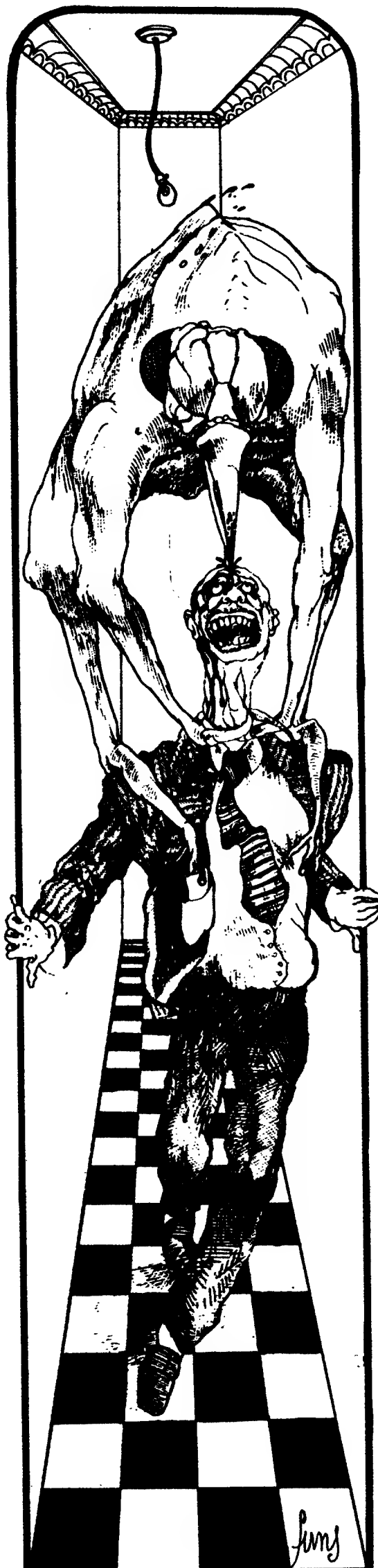
Em contrapartida, outros poetas como K são perseguidos no nosso tempo capitalista liberal nos países regidos pelo capitalismo de Estado; as três irmãs de K foram assassinadas pelos nazis nos campos de concentração, e é quase certo que a sua noiva, Greta Bloch, desapareceu da mesma maneira. K, é nos seus livros, mais um profeta que um escolástico do passado feudal.

Diz Steiner ainda: **«Nalguns níveis da sua consciência — e eu não direi quais — Kafka sentiu antecipadamente o ambíguo magnetismo do seu futuro renome, tal como pressentiu e antecipou tantas outras coisas.»**

«A facilidade de adivinhação de Kafka impressionava e perturbava todos os que viviam próximo dele. A sua timidez, o seu olhar oblíquo, a indecisão e lentidão dos seus movimentos e o seu desgosto e incomodidade pelo contacto físico com outras pessoas eram notáveis. Ao mesmo tempo, as pessoas que trataram com Kafka estão de acordo em afirmar unânimemente que do jovem escritor emanavam poderes magnéticos de visionário. Um dos seus íntimos diz que Kafka tinha o dom de ver através e para além dos acontecimentos um futuro que se está cumprindo e que parecia impor-se-lhe pela força e apesar da sua resistência em crer nele. As suas antenas para a verdade não as dissimulava. Tudo isto fazia dele um estranho para os outros e, em grande parte, para si mesmo. Nenhum homem, talvez, foi hóspede mais nervoso e incómodo dentro da sua própria pele.»

Sem dúvida, Kafka descreveu em cada um dos seus livros um cenário alucinante para filmes futuros. De um futuro que está chegando. Daí o carácter de reportagem antecipada e iluminada de alguns deles. E o mais curioso é que a profecia vai implícita na adivinhação das circunstâncias que ocorreram na atmosfera vital de K, pouco depois da sua morte. Greta Bloch, que ao que parece teve um filho dele e que se não sabe onde está, foi assassinada como o herói de «A Colónia Penal» o foi pelas bestas «sem rosto».

Bestas sem rosto parecem esperar-nos a todos num futuro não longínquo, insinuado ao mesmo tempo por K, pela tecnologia e pela política. Se o homem não aprende a salvar-se do próprio



homem — de si mesmo — talvez nos espere a todos um destino semelhante ao dos heróis de K. De momento, todas as coisas parecem conspirar para fazer de nós esse animal estranho em torno do qual se desenrola a inquietante atmosfera de «Metamorfose».

Em todo o caso e voltando a um plano mais informativo que especulativo, diremos que K — essa inicial com tão poucos antecedentes na história da literatura — é, como alguém já disse, o centro absoluto da realidade no mundo das letras mundiais, esse centro absoluto onde bem poucas figuras estiveram (Dante, Shakespeare, Cervantes, Goethe) noutros períodos históricos.

Kafka morreu em 1924 sem ter publicado mais que uns ligeiros fragmentos da sua obra e duas ou três narrativas curtas. O seu amigo Max Brod ficou de posse dos manuscritos de tudo o que se publicou depois e com uma mensagem do autor, que o autorizava a queimar todo o material ou (se lhe parecesse melhor) a publicá-lo. K preferia a queima, o que não é de estranhar se recordarmos o que escreveu sobre literatura e sobre a sua própria amizade pelas letras.

Amava e odiava ao mesmo tempo a literatura. Se dependesse dele, nunca se teriam publicado os seus grandes livros «O Processo», «O Castelo» e «Amerika». Da sua profissionalidade de escritor, diz numa carta a um amigo: **«A minha impossibilidade de escrever é quase tão forte como a minha impossibilidade de não escrever.»**

Noutro lugar, porém, faz uma confissão mais reveladora ainda: **«Escrevo como quem procura ar puro para respirar.»** Fazer isso em público parecia-lhe indecente e sem sentido. E considerava o esquecimento como a única compensação satisfatória. Parece que o facto de ser conhecido apenas por um pequeno grupo de amigos quando faleceu lhe era tranquilizador e amável. Era uma felicidade, para ele, morrer ignorado.

Mas a felicidade — se assim se lhe pode chamar — não era completa, porque suspeitava do que iria suceder depois. A sua inicial tomou o lugar que, noutros tempos, ocuparam Dante, Shakespeare, Cervantes, Goethe e Tolstoi. Incidentalmente, nenhum deles pôde fazer que as pessoas usassem a inicial do seu apelido como símbolo do centro absoluto da realidade. No caso de Kafka, porém, não só a realidade do seu tempo, mas também a de um futuro que podemos pressentir.

Grave circunstância esta, a da popularidade. E bastante incómoda, pelo pouco que hoje eu pude experimentar. Dizia-me um dia um músico famoso — Andrés Segovia —, falando de alguém que começava a abrir caminho nas artes: **«Sim, na verdade é conhecido já, mas não possui ainda aquela celebridade que permite às pessoas apontarem-no na rua com o dedo.»** Seja. Uma reflexão arrepiante para mim. Assinalar alguém na rua com o dedo não constitui vantagem alguma. E muito menos para o indivíduo que chegou a ser centro absoluto da realidade.

Pode ser horrendo. Assim pensava Kafka e assim me atrevo eu modestamente a pensar também. Que necessidade haverá em apontar alguém com o dedo na rua? (Além do mais é incorrecto). E que prazer se experimenta em ser apontado? Quanto ao centro absoluto, que será isso?

Por felicidade para Kafka, a celebridade absoluta veio-lhe bastantes anos depois da sua morte e com ela a coroa desse reino que conquistou sem querer e que ninguém já se atreverá a discutir.

K: "ESCREVO COMO QUEM PROCURA AR PURO PARA RESPIRAR"



ESPECIAL DE MUNIQUE

A RESISTÊNCIA PALESTINIANA PROMETE MAIS ATAQUES

BEIRUTE, 7 — (R) — O Movimento de Resistência Palestino preveniu o mundo de que existe a possibilidade futura de novos ataques como o que se registou na aldeia olímpica de Munique, enquanto não for encontrada uma solução justa para o problema palestino.

Comentando o ataque dos guerrilheiros à equipa olímpica israelita, a rádio Voz da Palestina que funciona no Cairo, declarou ontem à noite: «O mundo não dá ouvidos àqueles que choram e pedem auxílio mas sim aos que combatem pela liberdade e por uma causa justa».

Este amargo comentário foi a primeira reacção oficial do movimento palestino ao massacre de Munique.

Anteriormente as reacções individuais dos comentadores árabes e palestinos tinham sido mistas. O representante em Londres da Organização de Libertação da Palestina, a direcção suprema do movimento, tinha anteriormente criticado os métodos de acção utilizados pelos guerrilheiros extremistas que parecem pertencer ao grupo Setembro Negro.

De um modo geral, a Imprensa e a rádio dos países árabes têm procurado justificar a violência dos guerrilheiros através do desespero do povo palestino que já perdeu tudo o que tinha a perder e encara agora a força como único meio que lhe resta para reconquistar os seus direitos.

Muitos jornais árabes têm manifestado admiração implícita pela audácia dos guerrilheiros e alguns responsabilizam a Polícia alemã pela morte dos reféns acusando-a de traição.

O jornal «Al Ahrar», do Cairo, diz que os guerrilheiros não tinham qualquer intenção de matar os reféns, o que só aconteceu devido à «traçoeira emboscada» que lhes foi feita pela Polícia.

DESFORRA

O «Al Gomhouria», outro jornal do Cairo, salienta que a violência gera a violência «e um povo que foi vítima de autênticos banhos de sangue não pode ser acusado de derramar também algum sangue como desforra».

A título particular alguns árabes manifestam-se satisfeitos com o epílogo sangrento de Munique, salientando que era necessária uma acção deste género

para os guerrilheiros reconquistarem um certo crédito depois de anteriormente terem desistido por vezes de por as suas ameaças em prática.

«Agora, quando nós dissermos aos israelitas que estamos a falar a sério eles passam a acreditar», comentou um jovem engenheiro árabe.

Árabes mais conservadores têm manifestado a sua desaprovação por uma operação que indignou o mundo e que portanto teria sido mais prejudicial do que útil do que útil à causa da Palestina.

CONDOLÊNCIAS DE HUSSEIN

No entanto, o único dirigente árabe que condenou abertamente os guerrilheiros foi o rei Hussein da Jordânia, seu declarado inimigo, que foi ao ponto de apresentar condolências às famílias israelitas das vítimas, um gesto sem precedentes desde o início do conflito israelo-árabe no Médio-Oriente.

Hussein, cujo exército esmagou a resistência palestina na Jordânia, falando pela televisão ontem à noite, negou aos atacantes de Munique o direito de se intitularem árabes sugerindo que, embora alguns deles, possam ser árabes «existem outros que se escondem por detrás de-



Equipado com um «walkie-talkie», um elemento dos serviços de segurança, no recinto dos Jogos Olímpicos, em Munique, vigia a entrada das instalações reservadas aos atletas do Líbano. Todos os árabes e sobreviventes israelitas passaram a ser objecto de protecção especial depois do ataque palestino (Telefoto UPI/Telepress/DL-)

les e os encorajam a actos de subversão que dão ao inimigo oportunidades para beneficiar à custa dos árabes».

Apesar dos comentários da Imprensa egípcia, o Governo mantém-se silencioso sobre os acontecimentos de Munique. Entretanto, a maior parte da delegação olímpica egípcia e Síria já regressaram ontem da Alemanha e os seus membros disseram que essa decisão foi tomada para salvaguardar as vidas dos atletas árabes.

O comentário do jornal «Al Ahrar», que geralmente reflecte o ponto de vista governamental, diz que aqueles que criticam os guerrilheiros devem lembrar-se que o seu principal objectivo é o de chamar a atenção do mundo para a sua causa e

responsabilizar a opinião pública mundial pelos crimes cometidos por Israel contra o povo palestino, ao mesmo tempo que procuravam obter a libertação dos seus camaradas que se encontram nas prisões israelitas.

«Esses comandos, fora da Palestina, nunca mataram só pelo prazer de matar e chegaram já a correr o risco de ver malogra-

da a sua missão para evitarem matar.

«Se eles quisessem liquidar os reféns israelitas poderiam tê-lo feito tranquilamente logo na Aldeia Olímpica, mas não era essa a sua intenção. Se foram forçados a fazê-lo, foi porque foram alvo de uma traçoeira emboscada, uma vez que aqueles com quem negociaram não mantiveram a palavra dada».

JORNAIS EGÍPCIOS RESPONSABILIZAM BONN

CAIRO, (ANle FP) — Os jornais controlados pelo Estado egípcio acusam as autoridades da República Federal Alemã de «plenamente responsáveis pela chacina de Munique» por terem «atraído» os guerrilheiros árabes que assaltaram as instalações dos atletas israelitas.

O «Al Akhbar», que mais se salienta nesta acysação, escreve nomeadamente:

«A emboscada armada falhou e os reféns foram mortos. Os guerrilheiros agiram corajosa-

mente, mataram os israelitas e caíram como mártires».

Entretanto, a tragédia de Munique continua a ocupar um lugar importante na Imprensa de todo o mundo.

«Seria injusto e odioso não reconhecer que a Alemanha fez tudo para evitar esse morticínio horroroso e inútil. Responsável pela segurança dos atletas israelitas, capturados e ameaçados no seu território, a Alemanha sentia-se na obrigação de agir antes que fossem levados para fora das suas fron-

teiras» — escreve o «Aurore» (Francês — direita radical).

«A actos de desespero, absurdos e nefastos, deve replicar-se com novos «Raids» de terror como tencionava fazer Telaviv e como parece preconizar a Casa Branca? — pergunta o «Humanité» (comunista). «A sorte de milhão e meio de palestinos não poderá ser posta entre parêntesis, nem solucionada com arame farpado» — acrescenta.

«As medalhas e os contratos comerciais são mais importantes que as vidas humanas?» —

pergunta o «New York Times», referindo-se ao recomeço dos Jogos Olímpicos.

No Cairo, o jornal «Al Ahrar» escreve: «O ministro alemão do Interior rompeu o acordo com os feddayin para permitir à polícia alemã executar um plano de exterminação do comando». «O Governo de Bonn entrou em contacto com as capitais árabes para ganhar tempo, enquanto preparava um plano para matar os feddayin» — lê-se num título do «Gomhouria».

Num editorial, «Al Ahrar» escreve ainda: «Todas as operações efectuadas pelos «feddayin» fora da Palestina confirmam que esses jovens não são assassinos. Todo o seu interesse é chamar a atenção do mundo para a sua causa e obter a libertação dos camaradas que sofrem nas prisões israelitas. O adiamento do prazo do ultimato e a aceitação de partir para Tunis com os reféns confirmam que os «feddayin» não tencionavam matar os israelitas».

Na Imprensa libanesa, as au-

toridades alemãs são criticadas severamente. «Bonn pagará cara a sua duplicidade, proclama a resistência» — escreve «L'Orient-Le-Jour».

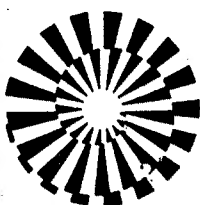
«Essas crianças que os soldados de Dayan, disfarçados de mecânicos, surpreenderam, em 8 de Maio de 1972, no «Boeing» da Sabena desviada para Lod, cresceram depressa» — acrescenta o jornal. «Acabamos de os encontrar mais agueridos, mais sangüinários, mais «cartesianos» do que nunca...»



ESPECIAL DE MUNIQUE

II

MUNIQUE 72


Pelo
nosso enviado
NEVES DE SOUSA


AS 24 HORAS DE UMA TRAGÉDIA

TERROR E MORTE NA ALDEIA DA PAZ

As vinte e quatro horas da madrugada, regressava sozinho, num táxi, do aeroporto militar de Munique. Fui espreitar a partida dos terroristas: e, em seu lugar apenas pude registar mais uma morte, mais um ferido, a cargo (e com rubrica) dos três «Fedayins» que, algures na estrada entre Munique e Estugarda, se preparavam para vender caro o que restava das suas vidas inteiramente doadas a um ideal para muitos condenável.

Foi um dia espantoso: um dia como eu jamais ousara pensar viver. Logo de manhã a notícia de que terroristas árabes me haviam imitado, penetrando com sofisma na aldeia olímpica: mas, em lugar de a percorrerem com os olhos regalados, espalharam terror e sangue naquela aldeia de paz.

Depois, mal escutando Mike Spitz na sua conferência de imprensa, a notícia de que um camarada de jornalismo (Rodrigo Pinto) fora acometido de um ataque cardíaco. E, de enfiada, o início da turbilhonante aventura da espera pela rendição ou pela troca, que todas as agências mundiais já historiaram mas que poucos seres humanos viveram tão de perto como eu.

A primeira ordem de arranque, aí estava (ao lado do Eduardo Gageiro) defronte da entrada da aldeia olímpica, contidos a 50 metros pelas forças policiais que até aqui estavam incógnitas neste reino da Baviera mas que, de um só golpe, apresentaram ao sol todos os seus efectivos e todas as suas armas.

As notícias que dominaram a manhã eram antagónicas e uma só verdade era imutável: a morte de Moshe Weinberg (35 anos) treinador de luta e Halterofilismo. Corria também a nova de um ferido entre os atletas israelitas: mas talvez aí em Portugal tenham sabido mais do que eu a este respeito.

Depois, foi o tormento de uma espera a pé firme, das 9 e 30 até às 22 horas e, logo de seguida, a abalada até ao campo militar da aeronáutica (a 35 quilómetros de Munique) na tentativa de ver de perto os «Fedayin» e seus reféns.

CATIVEIRO

A zona reservada à delegação israelita na aldeia olímpica está integrada no bloco 31, bastante distante do local de estágio dos portugueses. (A propósito: acabara de acordar o sr. Vicente Paulo Martins para saber como esta rapaziada: o dirigente, meio ensonado, sempre foi dizendo, que está ótima e que, pelas 18 horas, iria visitar uma fábrica de cerveja. Calculo que tenha sido no intervalo entre dois treinos bem puxados).

Pois, como ia dizendo, vivi (na companhia do Gageiro) todas as incidências de 10 horas e meio vividas junto ao cordão policial que contornava toda a aldeia. Escusarei de referir tudo quanto observei, mas registar aqui alguns factos por ordem normal de sequência.

DEZ HORAS: Fala-se que os terroristas são mais de seis e que ameaçam fazer explodir uma parte da aldeia.

ONZE HORAS: A Polícia enrola o passeio (onde se comprime a imprensa) em cordas de nylon vermelho. Começam a chegar chefes, parlamentares, intérpretes e ambulâncias.

MEIO-DIA MENOS QUINZE: Informam-nos de que deveremos atirar-nos para o chão ao primeiro eco de fogo, pois o prazo dos ultimatums dos terroristas está prestes a expirar e eles estão em linha de atiradores.

MEIO-DIA: Agitação entre a press, com a declaração formal de um porta-voz governamental, de que não haverá troca

de prisioneiros. Senhoras oferecem café aos policiais. Chegam mais uns milhares deles e a aldeia parece Santa Margarida em dia de exercício de divisão.

MEIO-DIA E TRINTA: Sabe-se, através de informações dadas pela Polícia (por megafone) dos passos e da actividade dos terroristas desde que às 4 e 20 da madrugada entraram na aldeia.

TRÊS HORAS: Com grande chiadeira, quatro tanques cercam o bloco israelita. Divulgam-se, entretanto, os cinco pontos do ultimato dos terroristas: desde a obrigatoriedade de libertação de 200 prisioneiros de Israel até ao pedido de declaração da República alemã contrariando o sionismo, passando pela alínea que estipula a cédência de três aviões e terminal.

TRÊS E TRINTA: O ultimato é prorrogado até às quinze horas. Toda a força policial tem rádios portáteis e metralhadoras. O ministro do Interior e o embaixador da Tunísia conversam a um canto, virados para a parede.

CATORZE HORAS: O manifesto dos terroristas já tem assinatura. Nome: «Schwarzer September». Os jornais de Munique aparecem à venda com edições especiais que são devorados pela própria «Press Internacional».

CATORZE E QUINZE: Os vendedores de sanduíches e de cervejas fazem um negócio da China. As segundas edições dos jornais já trazem tarjas negras. Os jogos da tarde são adiados.

CATORZE E TRINTA: «O chefe deles, o que veio ao pátio da escada parlamentar, usa pullover verde» — afirma-se. Nove minutos depois há uma pequena explosão na aldeia e centenas de pessoas atiram-se ins-

tantaneamente para o chão. Mas, não havia nada de novo: fora um tubo de ar condicionado que fora pelos ares...

QUINZE HORAS: Chegam, de uma assentada, dois helicópteros, que poissam, um de cada vez, numa zona relvada compreendida entre a cerca de arame e os primeiros edifícios. Quatro carros de gases lacrimogéneos entram na aldeia: não há, como se calcula, vivalma à vista.

QUINZE E TRINTA: Mais um helicóptero poisa em prado fronteiro, levantando uma nuvem de pó que quase nos asfixia. Uma rapariga corre pela avenida segurando um cartaz de elogio a Israel. O «Maire» de Munique vem dizer-nos: «Exprou este prazo e a situação é crítica».

DEZASSEIS HORAS: «Willy Brandt e Golda Meir estiveram em conversação telefónica — informa-nos o ministro alemão do Interior. O tempo do ultimato é prolongado por mais algum tempo. «Até às 17 horas ou abrimos fogo» — declara um sujeito em grande uniforme, que me dizem ser o chefe da polícia de Munique.

DEZASSEIS E TRINTA: Nada de tiros, felizmente. Mas, tensão em extremo. Levanta um helicóptero e entra mais uma ambulância.

DEZOITO E CINQUENTA: A bandeira olímpica da entrada da aldeia é colocada a meia-haste.

DEZANOVE E CINCO: Sai uma ambulância precedida de dois carros cheios de policiais. Começa a rendição dos policiais. Os jornalistas já não são mais que duas centenas: entre eles, os «tais» dois portugueses.

VINTE E TRINTA: Todas as emissoras alemãs irradiam música clássica. Para alegria dos fotógrafos, a televisão monta projectores que estarão acesos quando for necessário.

VINTE E UMA E DEZ: O presidente do Comité Olímpico alemão (Willi Daume) chama-nos rapidamente a uma sala e faz declarações: «Os jogos não serão interrompidos, mas sim prorrogados de um dia em relação ao calendário anteriormente estabelecido. Assim, esta tarde, terão lugar as provas marcadas para a tarde de ontem. E, de manhã, no Estádio Olímpico, terá lugar o funeral do treinador israelita assassinado».

VINTE E UMA E TRINTA: A delegação soviética torna público um comunicado em que «condena os actos de terror e os factos que estão a passar-se na aldeia olímpica».

VINTE E DUAS HORAS: Levanta um helicóptero depois de nele terem entrado uma boa dezena de civis. Despeço-me do Gageiro (que tentara ser dos primeiros a entrar na aldeia depois do cerco) e parto para o aeroporto militar de Munique. No caminho, sou sobrevoado por mais dois helicópteros que, pelos vistos, também vão para lá: a minha dedução dera certa e os terroristas (como os reféns) iam também a caminha do avião.

VINTE E TRÊS E DEZ: Chego à porta de ferro do aquartelamento militar. Escutam-se tiros (a centenas de metros) e o ladrar de cães-policiais. Dez carros blindados trasnpoem, em velocidade louca, o portal: espalhando-se logo em diferentes direcções sem que os projectores do campo sejam acesos.

VINTE E TRÊS E TRINTA: Depois de dois colegas da revista italiana «Epoca», já chega-

ram mais de trezentos repórteres ao campo. Os táxis em que viemos são mandados alinhar debaixo das árvores pela Polícia: que está de capacete e de matralhadora.

VINTE E TRÊS E QUARENTA: Sai uma ambulância que a press cerca instantaneamente, a tempo de se ver que conduz, deitado e imóvel, um home alto, de patilhas, moreno, cabelo ondulado e fato claro.

VINTE E QUATRO HORAS: De minuto a minuto continua a escutar-se a fuselaria, e a entrarem mais viaturas militares no campo. A televisão e a rádio fazem também aparição: neste momento (e até ao fim da «festa») eu serei o único português presente).

TRINTA MINUTOS: Mais umas rajadas e a primeira notícia mais ou menos certa. «Eles vieram em três grupos, em helicópteros». Dois dos terroristas saíram para irem inspecionar o avião que estava no fim da pista: quando voltaram a abrir a porta para saírem, cães-policiais saltaram sobre eles. Nesse mesmo momento (diz-nos um oficial) os nossos pára-quedistas atiraram neles e nos companheiros, dando ordem (em língua israelita) para os reféns fugirem em várias direcções, aos ziguezagues.

UMA HORA DA MANHÃ: Mais uma ambulância que sai, mas a passo lento. Quem repousa na maca já não precisa de médico.

UMA E CINQUENTA: Levanta voo um dos helicópteros e nele regressam à aldeia olímpica os israelitas. Ninguém conseguiria falar com eles, até que a Polícia os interroga. (às quatro da manhã ainda não estavam nas suas camas).

Continua na Pág. IV

torralta



Um lugar para si

Uma sociedade para todos



III

ESPECIAL DE MUNIQUE

MARK SPITZ: O MELHOR NA ÁGUA TEM OS PÉS NA TERRA

Descendente de israelitas, Spitz está à beira da piscina preparando-se para dizer adeus a Munique: os seis agentes secretos norte-americanos e alemães que sempre o acompanham já foram buscar as suas malas e Spitz anda a estender a mão ao pessoal da piscina, assinando autógrafos distribuindo sorrisos aos que já mais esquecerão as suas proezas nos jogos-72.

«Dez minutos? Certo. São os últimos».

(Estou com dois colegas italianos quase com os pés dentro de água espreitando os gestos e o modo de falar do mais famoso americano destes jogos: um

ue tinha de tirá-la para fora quando havia necessidade de respirar...»

Mark Spitz vem recostar-se numa cadeira de baloiço, em

dias mais importantes da minha vida: E eu teria de ratificar opiniões. Reabilitar-me, em suma. Cumpri disciplinadamente um intenso programa de trabalho: hoje, estou feliz e satisfeito, embora não possa ainda saber se actuei, como queria, pois só depois do meu regresso aos Estados Unidos é que vou ver todos os filmes na televisão e analisar os meus defeitos e virtudes».

Fala pausadamente, como que estranhamente apático: mas, decerto, perfeitamente concentrado:

«É como diz: depois do México fiz declarações que aborreceram muita gente: agora, habituei-me a ponderar bem antes de falar. E isso é muito benéfico para quem está sempre sujeito à crítica pública».

(Mãe Eleonora vai, entretanto, soltando o seu segredo: «Mike é muito humano e deves gentil. Gosta de raparigas, de música, de livros. Mas por favor, digam que ele não quer casar tão cedo: Ainda agora frequenta a universidade de Indiana e só em Outubro, é que se candidatará a um lugar numa escola dentária. Por isso, desmintam a notícia de casamento: Mark diverte-se como qualquer rapaz, da sua idade mas não quer compromissos...»)

Enquanto a ciumenta mãe vai dizendo isto, Mark sorri para a intérprete, em ar de quem pede que não levem a senhora Spitz muito a sério. E, logo que tem uma possibilidade acrescenta:

«Nestes jogos houve três momentos cruciais para mim: quando conquistei a primeira medalha de ouro e vi que estava com força quando resisti a todos os ataques feitos no segundo dia da minha entrada em competição e aquele dia de repouso, antes das duas batalhas, nos 100 metros «borboleta» e 4x200. É que tinha havido aquela história dos sapatos, de eu ter agradecido ao público pegando nos sapatos com a mão e agitando-os por cima da cabeça: parece-me que se viu a marca e alguns competidores entenderam que isso já era motivo para eu ser desqualificado dos jogos. Felizmente isso não aconteceu: e eu aqui vou para casa, mas com sete medalhas de ouro»...

Mark Spitz conta, em seguida, que treina diariamente durante quatro horas: em período matinal e pela noite. «Toda a vida da minha casa está de há 14 anos a esta parte, centralizada em torno da natação: no fim de contas, eu sabia que tinha possibilidades e que o México fora um triste acontecimento. Agora, porém, estou decidido a não nadar mais: talvez que a minha última estafeta nesta piscina tenha sido o adeus às com-

petições...»

E acrescenta com bastante convicção:

«Estreiei-me oficialmente aos oito anos: ando nisto há catorze. Tudo que gostaria, agora, era que um filho meu que nascesse conseguisse suplantar as marcas do seu velho pai».

Apreensivamente, o homem mais veloz na água vira-se para mim e para o interprete e faz questão de vincar:

«Uma criança sabe andar e correr: mas tem de ser ensinada a nadar. Daí que eu pense que a natação é um desporto estritamente reservado a quem sente por ele devoção, dedicação, entusiasmo. Requer centenas de horas de treino: E isso não é possível a quem não nada por gosto e prazer. Já viu o que seria se os campeões de todas as outras modalidades treinassem tanto e tão constantemente como eu? Os «records» caíam todas as semanas...»

Como que a justificar-se:

«Dou sempre tudo quanto posso em cada corrida e não vim à Alemanha com qualquer ideia diferente. Já andaram a dizer que, pelo facto de ter sangue israelita, fui «incubido» de vingar o que se passou há vinte ou trinta anos. É mentira, pura e simples mentira gratuita: não corri sob fanatismo religioso nem com planos de desforra. Eu fui apenas, um competidor: que tinha dentro de si um ritmo muito exigente. Se fui um judeu que triunfou na Alemanha a culpa não é minha».

Os agentes começam a chegar com as oito malas, da família Spitz: que retira de Munique quando a aldeia olímpica está em pólvora, suspensa do que se passará durante a noite entre os

«comandos» árabes e os seus reféns israelitas. Mark Spitz recusa-se a qualquer comentário, embora diga:

«A vida tem um fim, tudo tem um fim. Mas eu odeio a morte».

E, rapidamente, muda de assunto:

«Já me perguntaram se eu quero fazer cinema: pois olhem que não sei. Dois jogos olímpicos, com todo o seu tempo de treino prévio, estoiram um coração. E eu tenho visto por aqui, Jonhy Weissmuller tão bem vestido que acredito que ser actor de cinema dá dinheiro para muito tempo».

Reflectindo, sai-se com esta:

«Tem graça: nunca ganhei com o desporto: E já perdi muito por praticá-lo. Mas, fiz a minha época o meu tempo: vou dizer adeus a isto e tratar da vida. Saio como sempre sonhei: depois das honrarias, que venha o dinheiro».

Rindo:

«Infelizmente, um nadador não pode profissionalizar-se, como um basquetebolista, um esquiador, um pugilista. Quanto poderia eu ganhar? Ora, não sei. Ninguém sabe quanto vale a Vénus de Milo, pois não?»

Irónico, retoma o fio à conversa:

«Acho graça ao «slogan» que corre na América: nós, como temos a «Apolo» que amara na água, temos de nadar bem para chegar primeiro à cápsula e eles (os russos) como só sabem receber os seus foguetes em terra, «inventaram» o Borzov com motor a dois tempos...»

O bigode farfalhado de Spitz anda para baixo e para cima, deliciado com a graça.

«Sim: sou grande admirador de Bobby Fischer, mas não o conheço pessoalmente. Mas já me mandaram dizer que vamos ser os dois recebidos pelo presidente. Ótimo: se ele conseguir ensinar-me xadrez numa hora eu obrigo-me a que ele também aprenda a nadar em todos os estilos...»

Faço uma quase derradeira pergunta: «Ser célebre vai fazer-lo mudar de estilo de vida?»

Spitz cofia a bigodada, e replica:

«Primeiro que tudo ou repousar. Depois reflectir sobre os resultados que fiz: e só então escolherei se devo permanecer como sou (um estudante que nada) ou se devo tornar-me outro personagem. Um actor que nada e estuda, por exemplo.»

Um dos jornalistas italianos lança outra questão:

«Está feliz com a ideia que o Mundo faz de si?»

«Mas eu não sei ao certo o que pensam de mim: ou como pensam de mim em paralelos diferentes...»

E a vez de nos despedirmos. O outro jornalista transalpino atira a última bisca:

«Porque mudou de treinador após os jogos do México?»

Spitz pisca um olho cúmplice para papá Arnold:

«Por razões pessoais e porque pensei que isso seria melhor para mim. O senhor viveria muitos anos com uma mulher que já nada significasse para si?»

Três mil cartas por abrir na bagagem: alguma vez Mark Spitz será tão íntimo nas suas respostas às correspondentes como nesta tarde em que foi rei da piscina sem sequer ter poído o pé dentro de água?



De regresso aos Estados Unidos, Mark Spitz afirmou ao chegar ao aeroporto de Los Angeles: «Não me interessa a glória das minhas medalhas, mas diz-me respeito o recomeço das competições em Munique. Se os Jogos tivessem terminado julgo que o caso teria tomado um aspecto político» — disse ainda Spitz (Telefoto UPI-Teleimprensa-«DL»)

rapaz de aparência frágil, moreno, de cabelo caprichosamente desalinhado, um perfeito sóia de Omar Sharif, dentro de um rosto absolutamente mediterrânico).

Os pais de Mark (Eleonor e Arnold) vêm para junto de nós e fazem questão de salientar que o «pequeno» nada desde os cinco anos de idade. Conta papá Spitz:

«Peguei nele e meti-o num regato que há perto da nossa casa, em Sacramento. Ele depressa aprendeu que teria de ter a cabeça debaixo de água para nadar mais rapidamente: mas q

verga. E pausadamente, vai contando:

«Aqui á coisa de dois meses e meio pensei em desistir da viagem a Munique. Ainda estava traumatizado da competição no México, de quando julgava ir conquistar cinco ou seis medalhas de ouro e tive de contentar-me com duas, além de uma em prata e outra em bronze. A imprensa dos Estados Unidos foi implacável: E veio ao de cima, com desprimor, a minha origem israelita».

«Porém, fiz um exame de consciência e decidi vir a Munique. Seriam como foram os oito

NA SOMBRA DE UM CRIME

Toda a imprensa comenta desfavoravelmente a posição assumida pela Polícia de Munique no aeroporto militar.

Com efeito, foi extremamente lamentável o modp, como agiu a segurança germânica, desprezando vidas de reféns que pagaram com o sangue os caprichos de uns e a jactante vaidade de outros.

Os jornais dão tremenda «pancada» no chefe policial local indagando se haveria motivos imediatos para lançar cães e ao mesmo tempo, desguarnecer a vida de reféns. Lamentável, não há dúvida: e a opinião mundial fica suspensa do que poderá ainda suceder nestes

trágicos e bem dramáticos jogos de Munique.

VIRANDO A PÁGINA

Carlos Lopes não está muito feliz da vida: correrá pelas 14 e 30 de hoje, numa série que compreende alguns dos melhores devoradores de quilómetros de todo o mundo. Veja-se só: Haddou (Martinica), o decantado inglês David Bedford (que anunciou há momentos o seu noivado com a francesinha Collette Benson), o japonês Koyama, o negro Asau Ade (de Camarões), o irlandês Keogh o senegalez Badji, o potente Risa (da Noruega), o sueco Caerde-

rud, o tunisino Gammoudi (ávido de uma desforra espectacular do seu insucesso nos 10 mil metros), o queniano Jipcho o belga Goris, o jugoslavo Korica e o inexpressivo e insólito Suppiah, da China. Nove destes homens costumam fazer melhores tempos que o vencedor do prémio «Timex»: mas Carlos Lopes é, mesmo um atleta que se agiganta na hora própria. Um «leão» em que todos os portugueses podem afoitamente confiar.

O nosso recordista fará a sua prova exactamente a partir das 14 e 30 partindo inicialmente da primeira fila da pista um.

Dentro do novo arranjo das

Continua na página seguinte

Investir na

torralta

é investir no futuro





ESPECIAL DE MUNIQUE

IV

ESTUDANTES ÁRABES ENVOLVIDOS NO ATENTADO

MUNIQUE, 7 — (R.) — Os três sobreviventes do grupo de oito terroristas que levaram a efeito o sangrento assalto contra os componentes da equipa olímpica israelita foram hoje identificados por documentos que lhes foram encontrados e que os apontam como estudantes que viveram recentemente na Jordânia e na Síria.

Um informador da polícia disse que de acordo com papéis que salientou serem provavelmente falsos os três figuram como solteiros.

O porta-voz não revelou quando é que eles chegaram à Alemanha nem em que se ocuparam desde essa data.

O ministro do Interior da Ba-

vieria, dr. Bruno Merk disse numa conferência de Imprensa dada ontem de madrugada que pelo menos se sabe que um dos oito terroristas esteve empregado no complexo olímpico como jardineiro.

Os três homens comparecerão perante um magistrado para serem formalmente pronunciados. O informador policial acrescentou que ainda estão por formular as acusações exactas contra os três terroristas.

VIGILÂNCIA INSUFICIENTE

TEI-AVIV, 7 (ANI) — «É evidente, sem qualquer sombra

de dúvida, que três dos terroristas árabes trabalharam até à altura do ataque como porteiros na aldeia olímpica» — afirma o «Davar» comentando a morte dos onze atletas israelitas.

«Outros tentaram também conseguir trabalho ali, mas foi-lhes recusado» — prossegue o jornal, que acrescenta:

«Isto indica claramente que o ataque assassino tinha sido planeado muito antes de os Jogos Olímpicos começarem».

E o «Davar» conclui «bastava que tivesse havido dois guardas fazendo turnos de 24 horas em frente do pavilhão israelita para que nada tivesse acontecido».



Guardas armados assistem em Munique ao embarque das urnas com os corpos dos doze israelitas mortos, que seguiram num avião da El Al para Tel-Aviv (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

NA SOMBRA DE UM CRIME

Continuação da página anterior

competições, Fernando Mamede correrá a sua eliminatória dos 1500 metros pelas 16 e 45 de Sexta-Feira.

AGORA, A CALMA

Depois do torvelinho das horas inteiras de opressão e tristeza, de lamentos e de choros, a calma regressou aos espíritos albergados na aldeia olímpica. Começam, simultaneamente a conhecer-se detalhes (proibidos até aqui) da operação dos «Fedhayns». Por exemplo: o chefe deles era um dos jardineiros da aldeia olímpica, admitido há um ano após concurso público. O «leader» do partido (palestiniano) afirmou-lhe que ele conseguiria a colocação: e foi verdade...

O momento tumultuoso que a realização olímpica atravessou serviu às mil maravilhas para que surgissem detrações públicas dos jogos: ontem, ao fim de tarde (tal como sucederá hoje jovens de Munique passeiam nas ruas da cidade, erguendo cartazes onde bem se pode ler «acabem com os jogos, basta de política».

A família dos israelitas mortos recebeu condolências do presidente da Alemanha. Impressionante, é o caso do treinador Moshe Vanweiberg, que casara há pouco mais de um ano e era pai de um garotinho de três meses.

Uma notícia com o seu quê de sensacional: o nadador norte-americano Rick Demont vencedor dos 400 metros livres, foi desclassificado por ter ingerido drogas antes da sua corrida.

O moço (tem 16 anos) afiança que apenas se sujeitou ao preceituário clínico norte-americano

que o mandou tomar Efedrina.

Em contrapartida, outro desclassificado que não replicou: o holandês Van Den Hoeck, ciclista aspirante às grandes proezas dos «voadores» de antanho. E, por fim, a última neste sector: dois pentatlonistas finlandeses (medalhas de bronze por equipas) foram também desclassificados pelo mesmo motivo: drogagem.

Ulrike Meyfarth (16 anos) a mais jovem recordista olímpica de todos os tempos, anunciou que fará uma «tourné» pelos Estados Unidos e Canadá mal terminem os jogos. Vai receber um automóvel.

AINDA O ATENTADO

Claro: não sai da cabeça de ninguém com a maior das facilidades, o «caso da semana». Na lista de prisioneiros políticos que os guerrilheiros «Fedhayns» pretendiam libertar, estavam incluídos Kozo Okamoto (o sobrevivente do massacre do aeroporto de Lod), as quatro jovens (Marlene, Nadia Bradly-bardali, Evelyn Barge e Edith Burghatter) que se designavam por «as paças» e, ainda outras duas raparigas (Rima Tanous e

Therese Halesseh) autoras do desvio de um avião da «Sabena». A propósito: nas prisões israelitas encontram-se actualmente, 1650 presos considerados «contra a segurança do Estado».

O finlandês Vaatainen chegou a Munique declarando que não veio mais cedo por causa de uma lesão no joelho esquerdo. Competirá na prova dos 5000 metros, a partir desta tarde.

Mark Spitz tal como deixáramos entender na entrevista que lhe fizemos, partiu para os Estados Unidos: e, á chegada a Nova Iorque não escondeu que regressaria mais cedo. «Porque não se sentia tranquilo em Munique».

Com efeito, a Polícia de Munique acaba de ser informada por uma carta em inglês que está previsto um novo «golpe de terror» contra pessoas da aldeia olímpica. A vigilância redobrou: mas, tal como eu contara, todo o difícil é fácil de vergar. A prova está na minha primeira entrada na aldeia olímpica: ou, no modo como árabes cheios de más intenções lá entraram também...

AS 24 HORAS DE UMA TRAGÉDIA

Continuação da Pág. II

DUAS HORAS: Mais tiros e nova leva de cães-polícias, vindos de Hamburgo, entra no campo entrincheirado.

DUAS E TRINTA: Um informador oficial vem dizer-nos que «um árabe foi morto, mas que há gente ferida».

TRÊS HORAS: O mesmo informador vem declarar que «três dos terroristas conseguiram escapar do campo e devem estar escondidos por entre a vegetação da estrada que leva a Munique».

São quatro da madrugada: e todos os repórteres seguram o sono para se debruçarem sobre as máquinas de escrever. A rádio transmite, de minuto a minuto e pela primeira vez, novas do acontecido durante a noite. E não cansa de dizer: «cuidado, automobilistas: três dos terroristas estão por aí, provavelmente na estrada que liga Munique a Estugarda. Atirem-lhes o carro para cima ou corram rápida-

mente ao encontro do primeiro posto de Polícia».

São quatro horas da madrugada: há filhos sem pai e outros que também se preparam para dizer adeus à família, sem um último beijo, sem uma derradeira carícia.

São quatro horas da madrugada: Insensatez: para quê, morrer assim? Porque, morrer sem saber porque? O povo alemão perdeu a alegria e está recolhido. A paz olímpica foi rasgada por uma atitude de terrorismo que qualquer ser humano terá de condenar e censurar.

São quatro horas da madrugada: Morreram homens: mas a vida, este pequeno algo feito de muitos jogos, continua a desenrolar-se ligada a outros jogos maiores. Nem uma pessoa está à janela, na aldeia olímpica. Nem uma luz treme. Milhões de pessoas perguntam ao espelho da sua consciência se alguma morte pode ser uma razão de paz.

AFRICANOS ACUSAM AVERY BRUNDAGE

MUNIQUE, 7 — (R.) — Os países africanos presentes nos Jogos Olímpicos decidiram esta madrugada não tomar quaisquer medidas em relação às palavras proferidas ontem por Avery Brundage, o presidente do Comité Olímpico Internacional, que comparou a expulsão da Rodésia dos Jogos ao ataque feito por terroristas árabes à equipa israelita.

Após uma reunião de cinco horas, o conselho executivo do desporto africano divulgou um comunicado em que afirma lamentar profundamente as observações de Brundage, mas não exige qualquer pedido de desculpa ou retratamento. Os africanos acusam, no entanto, o presidente de ter insultado os países negros de forma a prejudicar a paz e a boa vontade

que devem reinar nos jogos.

A nova ameaça à harmonia entre Brundage e os países africanos surgiu quando o presidente do C.O.I., ao discursar ontem na cerimónia fúnebre por intenção dos israelitas, afirmou que os jogos foram alvo de dois «ataques brutais», sendo um deles a insistência dos africanos para a expulsão da Rodésia, que classificou de chantagem política.

Depois de manifestar repulsa pela morte dos 11 atletas e treinadores israelitas, o comunicado africano acrescenta:

«Lamentamos profundamente o ataque injustificado feito pelo sr. Brundage na cerimónia solene realizada no Estádio Olímpico.

«A decisão de excluir a

Rodésia dos jogos de Munique foi tomada pela maioria dos membros do C.O.I. e no âmbito da carta olímpica.

«Condenamos energeticamente a referência do presidente do C.O.I. à questão da Rodésia que ele descreveu como «um ataque brutal» e ainda como chantagem política descarada ao mesmo tempo que comparava essa questão aos trágicos incidentes de ontem.

«Consideramos tal atitude como uma tentativa deliberada para perturbar a paz e a boa vontade pedidas pelo presidente da República Federal Alemã nos Jogos.

«Apesar deste insulto que nos foi dirigido e aos membros do C.O.I., reafirmamos a nossa fé no movimento olímpico e o nosso apreço pela comissão organizadora da XX Olimpíada».

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz de Leça, Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas

Móveis por elementos - Cadeiras, roupeiros, escrivaninhas
Economia, beleza e conforto
Estofos, mobílias, colchoaria
Estantes da Leiloeira Moderna
que suavisa a alta de espaço
R. Când. dos Reis, 47, 51 e 53
(Rua dos Bombeiros) CAPINHAS

RESTAURANTE BOITE SATÉLITE

VIA RÁPIDA, A 2 KMS. DA PONTE SALAZAR
E A 3 KMS. DA CAPARICA

Estreia do shawman

VILSON DE VASCONCELOS

Continuação da parêla
de ballet

AFONSO LINARES

e

SANORA ARELLANOS

Conjunto SCALA

PRÓXIMA ESTREIA

PEPE CARDINAL